A VIDA INTELECTUAL

A.-D. Sertillanges

Prefácio

Olavo de Carvalho

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A vida
intelectual

A vida intelectual

seu espírito, suas condições, seus métodos

A.-D. SERTILLANGES

Tradução
ROBERTO MALLET

Prefácio
OLAVO DE CARVALHO

SUMÁRIO

Prefácio à edição brasileira

Prefácio à terceira edição

Prefácio à segunda edição

Prefácio

I. A vocação intelectual
- I. O intelectual é um consagrado
- II. O intelectual não é um isolado
- III. O intelectual pertence a seu tempo

II. As virtudes de um intelectual cristão
- I. As virtudes comuns
- II. A virtude própria do intelectual
- III. O espírito de oração
- IV. A disciplina do corpo

III. A organização da vida
- I. Simplificar
- II. Guardar a solidão
- III. Cooperar com os seus pares
- IV. Cultivar as relações necessárias
- V. Conservar a dose necessária de ação
- VI. Manter em tudo o silêncio interior

IV. O tempo do trabalho
- I. O trabalho permanente
- II. O trabalho noturno
- III. As manhãs e as noites
- IV. Os momentos de plenitude

V. O campo de trabalho
- I. A ciência comparada
- II. O tomismo, quadro ideal do saber
- III. A especialidade
- IV. Os sacrifícios necessários

Dezesseis conselhos de São Tomás de Aquino para adquirir o tesouro da ciência

IMPRIMATUR:
Tornaci, 10 de outubro de 1944.
J. Lecouvet
Vigário Geral

Prefácio à edição brasileira

Na miséria mental da Igreja contemporânea, torna-se até difícil para o leitor leigo conceber o que possa ter sido o renascimento filosófico e literário do catolicismo na primeira metade do século XX, quando dificilmente se poderia encontrar, em quaisquer outras correntes de pensamento, personagens da estatura intelectual de Étienne Gilson, Jacques Maritain, André Marc, Maurice Blondel, Pierre Boutang, Charles Péguy, T. S. Eliot, John Senior, Georges Bernanos, Paul Claudel, G. K. Chesterton, Giovanni Papini, François Mauriac e tantos outros, incluindo, como veremos em seguida, o nosso querido Pe. Sertillanges.

Embora nem todos esses autores se filiem à corrente tomista, ou neotomista, é inegável que o tiro de largada dessa vasta e emocionante aventura espiritual foi desferido pelo Papa Leão XIII quando, em 1879, na encíclica *Aeterni Patris*, exortou os teólogos e intelectuais católicos a desprender-se das modas filosóficas e voltar à meditação dos ensinamentos de Sto. Tomás de Aquino (1225–1274).

Também é difícil, para o leitor de hoje, conceber o quanto o pensamento dominante nos seminários e na alta hierarquia clerical havia se afastado dos ensinamentos tradicionais da Igreja desde o início da modernidade. Só para dar um exemplo, durante todo o século XVIII o ensino nos seminários franceses esteve baseado sobretudo em René Descartes, cujo idealismo subjetivo era radicalmente incompatível com a revelação cristã.

Leão XIII não fez com que todos os pensadores católicos se tornassem tomistas, mas, recolocando as doutrinas de Sto. Tomás na ordem do dia, operou um vertiginoso *upgrade* no pensamento católico, obrigando-o a confrontar-se com as mais profundas e espetaculares descobertas do Doutor Angélico.

Entre os beneficiários dessa grande virada que optaram pela fidelidade estrita a Sto. Tomás encontrou-se o Pe. Antonin-Dalmace Sertillanges, nascido na cidade francesa de Clermont-Ferrand e morto aos 84 anos em Salange, que em 1893 viria mesmo a fundar a *Revue Thomiste* para difundir o pensamento do mestre aquinate entre os clérigos e leigos. Sertillanges tornou-se repentinamente famoso em 1917 com o livro *La Vie Héroïque*, inflamada defesa das propostas de paz do Papa Bento XV. Ao tornar-se professor de filosofia moral no Institut Catholique de Paris, o padre deu início a uma vasta produção literária dedicada sobretudo à explicação em profundidade dos ensinamentos de Sto. Tomás, mas também à análise de grandes problemas da cultura contemporânea à luz da doutrina católica. No meu entender, suas obras maiores são o longo estudo em dois volumes, *Saint Thomas d'Aquin*, publicado pela Félix Alcan em 1910, e *Le Christianisme et les Philosophies*, também em dois volumes, publicados entre 1939 e 1941. Ele escreveu também valiosos estudos monográficos sobre as filosofias de Blaise Pascal, Henri Bergson e Claude Bernard, além de obras pedagógicas sobre a moralidade na arte, a oratória cristã e vários problemas da vida contemporânea. Nesta última série inclui-se a pequena obra-prima, *La Vie Intellectuelle*, de 1921.

É até difícil, para mim, explicar a influência que esse livro teve na minha vida. O mínimo que posso dizer é que ele decidiu o curso da minha vocação. Ao lê-lo, já nem lembro quantas décadas atrás, percebi, com horror, que os princípios mais básicos e incontornáveis da vida intelectual haviam desaparecido completamente da consciência nacional, ocasionando a usurpação de praticamente todos os postos da alta cultura e da educação por charlatães, tagarelas e carreiristas desprezíveis, que nada tinham a oferecer às jovens gerações senão uma caricatura horrenda da inteligência, da ciência e das artes.

Percorrendo as páginas desse livro, eu me lembrava do alto conceito que da sua missão de escritores haviam tido muitos autores brasileiros, como Lima Barreto, Graciliano Ramos, Otávio de Faria e tantos outros. Tudo isso havia se perdido, e era ridículo esperar que sem a reconquista da inteligência, tomada na sua mais alta expressão, fosse possível atacar com proveito quaisquer problemas práticos da vida social e econômica brasileira. Seria como esperar que um homem imbecilizado pelo vício das drogas restaurasse a sua vida normal primeiro para tornar-se inteligente depois. A expressão "colocar o carro adiante dos bois" não descreve corretamente a loucura dessa expectativa. O que aparecia nos debates públicos brasileiros, com o seu praticismo imediatista, era a esperança de que o carro saísse correndo no encalço dos bois para atrelá-los a si mesmo.

Também me ocorria, durante essa leitura, a evocação do soneto de Rainer Maria Rilke *Torso arcaico de Apolo*, na tradução de Manuel Bandeira, em que a contemplação da beleza e harmonia perfeitas no corpo do deus grego impunha ao observador, de repente, a consciência do seu dever de mudar o rumo da sua vida e buscar a perfeição.

Era a isso que esse maravilhoso livro nos convidava. Todos os meus esforços literários e pedagógicos das três últimas décadas provam que não consegui resistir ao seu apelo.

Olavo de Carvalho
Richmond, VA, novembro de 2018.

Prefácio à terceira edição

SERÁ um bom momento para reeditar um escrito como este? Quando o universo está em chamas, será oportuno lançar na fornalha páginas para serem consumidas, em vez de formar uma equipe e ajudar a bombear água?

Pobres de nós! De qualquer maneira sentimos uma esmagadora impotência. Mas se o presente é penoso e desconcertante, não devemos, no meio de tudo isso, preocuparmo-nos com o futuro?

O futuro depende de Deus e de nós; mas numa certa ordem. Não depende principalmente da força, mas do pensamento. Depois de atrozes demolições será necessário reconstruir. Todos os elementos da civilização têm que ser retomados. Arquitetos aventureiros vão nos propor projetos. Alguns já estão sendo anunciados com alarde. Os planos de nossos mestres-de-obras terão a amplitude, a harmonia e a solidez necessárias? Deus o queira! Em todo caso, haverá muito trabalho para a reflexão. Há futuro para o conhecimento em todas as formas de que ele se reveste em nossas complexas civilizações, sejam elas antigas, sejam mais recentes. O pensamento católico não terá o direito de abster-se, os outros também não. Para todos os homens de boa vontade a tarefa será imensa. Persuadido de que detém a verdade essencial que lhe foi confiada pelo Cristo, o católico tem mais responsabilidade que qualquer outro, e a fim de assumi-la, tem que reunir todos os seus meios, verificar seus métodos e exercitar seu coração pela meditação de suas possibilidades e de seus deveres.

Este livro não tem outro objetivo senão ajudá-lo nessa tarefa. Como nos tempos mais tranqüilos e entretanto também carentes, ele será facilmente animado pelo leitor com uma chama nova provinda de sua própria consciência. Por si só, um texto não é nada, como uma viagem não é

nada em si mesma. É preciso uma alma que reúna os valores desta e as frases daquele, fazendo-os brilhar ao contato dessa luz misteriosa que se chama verdade ou que leva o nome de beleza.

O efeito de um livro depende de cada um de nós. Seu último estágio não é o objeto impresso que sai da editora, mas o verbo mental que o próprio leitor produz. Perante os desafios dos acontecimentos e na aflição atual, mais do que nunca, depois de uma paz que nos custou tão caro e que se estende sobre tantas ruínas, confiamos que as idéias aqui expostas sobre a vida intelectual encontrarão em nossos jovens uma compreensão renovada e uma eficácia superior.

Eis porque reeditamos este trabalho. Sabemos que será difundido em outros lugares, bem distantes de onde foi gerado, e alegra-nos pensar que, tornando-se amanhã a necessidade tão universal quanto é hoje o caos, nosso humilde esforço poderá unir-se ao dos melhores, na atmosfera comum renovada e nos dois mundos.

A.-D. Sertillanges, O.P.,
Membro do Instituto,
1944.

Prefácio à segunda edição

O pequeno escrito reeditado agora já teve várias reimpressões. Data de 1920. Ainda não o tinha relido. Perguntei-me, ao lançar-lhe um novo olhar e com uma experiência quinze anos mais velha, se reconheceria nele o meu pensamento. Encontrei-o integralmente, exceto em algumas nuances que não deixarei de ajustar na revisão que agora inicio. A razão disso é que estas páginas, na verdade, não têm data. Saíram do que há de mais profundo em mim. Já viviam dentro de mim há um quarto de século, quando vieram à luz. Escrevi-as como quem exprime suas convicções essenciais e deixa falar o coração.

O que me dá a confiança de que elas são de proveito é com toda a certeza sua grande difusão; mas é sobretudo o testemunho de inumeráveis cartas, umas me agradecendo pela ajuda técnica que ofereci aos trabalhadores do espírito, outras pelo calor que diziam que comunicaram a almas jovens ou viris, a maioria pelo que parecia ao leitor a mais preciosa das revelações: a da atmosfera espiritual adequada ao desabrochar do pensador, a sua elevação, a seu progresso, a sua inspiração, a sua obra.

Isso é de fato o principal. O espírito tudo rege. É ele que começa, faz, persevera e conclui. Como ele preside cada aquisição, cada criação, dirige o trabalho mais secreto e mais exigente que o trabalhador opera sobre si mesmo ao longo de toda sua trajetória.

Creio que não cansarei o leitor insistindo uma vez mais sobre o todo da vocação de pensador ou de orador, de escritor ou de apóstolo. É de fato a questão fundamental; é também a questão de fundo, e por conseguinte o segredo do bom êxito.

Você quer produzir uma obra intelectual? Comece criando em si mesmo uma zona de silêncio, um hábito de recolhimento, uma vontade de despojamento, de desapego,

que o torne inteiramente disponível para essa obra; adquira esse estado de alma, isento do peso do desejo e da vontade própria, que é o estado de graça do intelectual. Sem isso, você não fará nada; em todo caso, não fará nada de valor.

O intelectual não é filho de si mesmo; é filho da Idéia, da Verdade eterna, do Verbo criador e animador imanente à sua criação. Quando pensa bem, o pensador segue os caminhos de Deus; não segue sua própria quimera. Quando investiga e se debate no esforço da busca, é Jacó lutando com o anjo e "forte contra Deus".

Não é natural, nessas condições, que o homem vocacionado abandone e esqueça deliberadamente o homem profano? Que rejeite tudo que a ele concerne: sua superficialidade, sua inconsciência, sua preguiça, suas ambições terrenas, seus desejos orgulhosos e sensuais, a inconsistência de sua vontade ou a impaciência desordenada de seus desejos, suas complacências e suas antipatias, seu humores amargos ou seu conformismo, todo o inumerável cortejo dos *impedimenta* que obstruem o caminho da verdade e impedem sua conquista?

O temor de Deus é o começo da sabedoria, diz a Escritura. Esse temor filial não é no fundo senão o receio de si mesmo. No domínio intelectual, podemos dizer que ele é uma atenção livre de qualquer preocupação inferior e uma fidelidade constantemente cautelosa para não decair. Um intelectual deve estar sempre numa boa disposição para pensar, ou seja, para receber uma parte da verdade que flui no mundo e que lhe foi preparada, nesta ou naquela curva desse rio, pela Providência. O Espírito passa e não volta atrás. Feliz quem está preparado para não perder, e mesmo para provocar e aproveitar o miraculoso encontro!

Toda obra intelectual começa pelo êxtase; somente depois se exerce o talento do ordenador, a técnica dos encadeamentos, das relações, da construção. Ora, o que é o êxtase senão uma saída para longe de si mesmo, um

esquecimento de viver em si para que viva no pensamento e no coração o objeto da nossa inquietação?

Também a memória participa desse dom. Há uma memória baixa, memória de papagaio, não de inventor; essa causa obstrução, fechando os caminhos do pensamento com palavras e fórmulas prontas. Mas há uma memória aberta em todos os sentidos e em estado de perpétua descoberta. Em seu conteúdo, não há nada de “pronto”; suas aquisições são sementes do futuro; seus oráculos são promessas. Ora, esta memória é também *extática*; funciona em contato com as fontes de inspiração; não se compraz de forma alguma em si mesma; o que ela contém é ainda intuição, sob o nome de lembrança, e o eu em que ela se hospeda entrega-se, através dela, à exaltante Verdade tanto quanto o faz na investigação.

O que é verdadeiro nas aquisições e realizações já era verdadeiro no chamado, no início da trajetória. Depois das hesitações da adolescência freqüentemente angustiada e perplexa, foi preciso chegar à descoberta de si, à percepção desse impulso secreto que visa, em nós, não sei que resultado distante que a consciência ignora. Você acha que isso é simples? “À escuta de si mesmo” é uma fórmula que equivale a: à escuta de Deus. É no pensamento criativo que habita nosso ser verdadeiro e nosso eu na sua forma autêntica. Ora, essa verdade de nossa eternidade, que domina nosso presente e augura nosso futuro, só nos é revelada no silêncio da nossa alma, silêncio dos vãos pensamentos que levam ao “divertimento” pueril e dissipador; silêncio dos ruídos atraentes que as paixões desordenadas estão sempre produzindo.

A *vocação* pede o *assentimento*, que, num esforço único para sair de si, escuta e assente.

Será também assim para a escolha dos meios de realização, da definição de seu gênero de vida, de suas relações, da organização do seu tempo, da partilha entre contemplação e ação, entre cultura geral e especial, entre

trabalho e descanso, entre as concessões necessárias e as intransigências implacáveis, entre a concentração que fortalece e as expansões que enriquecem, entre a solidão e o contato com os gênios, com as pessoas que compartilham dos seus interesses, com a natureza e com a vida social, etc., etc. Tudo isso também só pode ser julgado com sabedoria em êxtase, junto à Verdade eterna, longe do eu que cobiça e se apaixona.

Por fim, o oferecimento dos resultados e sua medida, decidida lá no alto, exigirão a mesma virtude de acolhimento, o mesmo desinteresse, a mesma paz perante uma Vontade que não é a nossa. Chegamos até onde *podemos*, e nosso poder precisa ser avaliado, para não subestimar-se, por um lado, ou, inversamente, exceder-se em pretensões e numa vã inflação. De onde nos vem esse julgamento, senão de um olhar fiel à verdade impessoal e da submissão a seu veredito, mesmo quando isso nos custa um esforço ou uma secreta decepção?

Os grandes homens parecem-nos grandes audaciosos; no fundo, eles obedecem mais que os outros. Uma voz soberana instrui-os. É porque um instinto provindo dela aciona-os que tomam, sempre corajosamente e às vezes com grande humildade, o lugar que lhes dará mais tarde a posteridade, ousando ações e arriscando invenções freqüentemente em desacordo com seu meio, sendo até alvo de seus sarcasmos. Eles não têm medo, porque, por mais isolados que pareçam, não se sentem sós. Têm a seu favor Aquele que tudo decide afinal. Pressentem seu futuro império.

Nós, que sem dúvida devemos conceber uma humildade de outra espécie, devemos entretanto inspirar-nos nos mesmos cumes. É a altitude que julga a pequenez. Quem não tem o sentimento das grandezas exalta-se ou abate-se facilmente, e às vezes faz ambas as coisas. É para não pensar no escaravelho gigante que a formiga acha a pulga muito pequena, e é para não sentir o vento dos cumes que

o caminhante demora-se languidamente nos sopés da montanha. Sempre conscientes da imensidão da verdade e da exigüidade de nossos recursos, não empreenderemos o que está além do nosso poder, e iremos até o limite do nosso poder. Ficaremos felizes, então, com o que nos for dado segundo a nossa medida.

Não se trata nisso de pura mensuração. O sentido da observação é que tanto o trabalho fraco quanto o trabalho pretensioso são sempre um mau trabalho. Uma vida que intenta alto demais ou que fica num lugar muito baixo é uma vida desorientada. Uma árvore pode ter uma ramagem e uma floração medíocre ou magnífica: ela não as reclama nem as constrange; sua alma vegetal expande-se pela ação da natureza geral e das influências ambientais. Nossa natureza geral é o pensamento eterno; dele bebemos com as forças por ele mesmo emanadas e com o auxílio que ele nos dá: deve haver harmonia entre o que recebemos como dom — inclusive a coragem — e o que podemos esperar como resultado.

Haveria muito a dizer sobre essa disposição fundamental para um destino todo consagrado à vida pensante! Mencionei antes as resistências e as incompreensões que atingem os grandes; mas elas também atingem os pequenos: como resistir-lhes sem uma pura adesão ao verdadeiro e sem esquecer-se de si mesmo? Quando desgostamos o mundo, ele se vinga; e quando é agradado, o mundo também se vinga, corrompendo. O único recurso é trabalhar longe dele, tão indiferente ao seu juízo quanto disposto a lhe ser útil. O melhor talvez seja que ele rechace você e obrigue-o assim a voltar-se para si mesmo, a crescer interiormente, a controlar-se, a aprofundar-se. Esses benefícios são favoráveis a nosso superior desinteresse, ou seja, a nosso interesse pela única coisa necessária.

Talvez estejamos expostos, em relação aos outros, às tentações da detração, da inveja, de críticas injustificáveis, de querelas? Temos então que recordar que tais

disposições, perturbando os espíritos, lesam a verdade eterna e são incompatíveis com o seu culto.

Devemos observar a esse respeito que a detração, sob certo aspecto, é mais aparente que real, e não é sem valor para a formação da opinião corrente. Enganamo-nos com freqüência sobre o modo como os mestres falam uns dos outros. *Criticam-se duramente*, mas sabem muito bem seu mútuo valor, e fazem suas críticas sem levar isso em conta.

O progresso comum necessita sempre de paz e de ajuda mútua, e é imensamente retardado pelas condutas estreitas. Diante da superioridade de alguém, só há uma atitude honrosa: amá-la, e ela se tornará assim nossa própria alegria, nossa própria fortuna.

Uma fortuna diferente poderá nos tentar: a que vem de um sucesso exterior, o que hoje, a bem dizer, é bem raro, quando se trata de um verdadeiro intelectual. O público, em seu conjunto, é vulgar e só ama o que é vulgar. Os editores de Edgar Allan Poe diziam ser obrigados a pagar-lhe menos que aos outros, porque escrevia melhor do que eles. Conheci um pintor a quem um *marchand* dizia: “Deverias tomar umas aulas” — ?... — “É, para aprender a não pintar tão bem”. O homem que se dedica ao que é perfeito não entende essa linguagem; não consente por nenhum preço, sob nenhuma forma, em ser um devoto daquilo que Baudelaire chamava de zoocracia. Mas... e se essa dedicação definhasse?

Mesmo desprezando o juízo dos ignorantes, não estamos expostos, em nosso íntimo, aos tolos juízos da vaidade e da puerilidade instintiva? “Jamais deixa calado, jamais esconde de ti mesmo o que se pode pensar contra teu próprio pensamento”, escreveu Nietzsche. Aqui não se trata mais dos incompententes e dos curiosos, mas de nosso próprio testemunho num estado vigilante e íntegro. Quantas vezes não gostaríamos de tergiversar, de satisfazer-nos falaciosamente, de preferir-nos indevidamente! A severidade para consigo mesmo, tão favorável à retidão dos

pensamentos e à sua preservação contra os mil riscos da investigação, é um heroísmo. Como declarar-se culpado e amar a própria condenação, sem o amor desvairado por aquele que julga?

Isso pode ser corrigido, é verdade, por uma fidelidade intransigente às nossas persuasões profundas, às intangíveis intuições que estão na base dos nossos esforços e também da nossa crítica. Não se constrói sobre o nada, e os retoques do artesão não afetam os fundamentos primeiros. O que foi adquirido e examinado deve ser preservado de revisões injustificadas e dos escrúpulos. É o próprio amor pela verdade que o exige; é o próprio desinteresse que em nós mesmos se interessa por aquilo que nos transcende e que ainda assim escolheu vir habitar em nossa consciência. Tais avaliações são delicadas, mas são necessárias. Por nada neste mundo as altas certezas, sobre as quais repousa todo o trabalho da inteligência, devem ser abaladas.

É mesmo necessário defender-se, em nome da mesma fidelidade, desse *ótimo* que foi justamente chamado de inimigo do bom. Ocorre que, ampliando o campo da pesquisa, ela se enfraquece, e também que, aprofundando-a para além de certos limites, o espírito perturba-se e o que consegue é apenas ficar perplexo. A estrela que fixamos com demasiado ardor e insistência pode, por isso mesmo, piscar cada vez mais e acabar desaparecendo do céu.

Disso não se conclui que não devamos nos aprofundar, e muito menos que devamos negligenciar essa larga cultura que é uma condição da profundidade em um domínio qualquer; advirto sobre o perigo do excesso, e assinalo que uma pura fidelidade à verdade, sem paixão pessoal, sem frenesi, é o que caracteriza essa profundidade.

Existe ainda outra defesa contra a precipitação nos julgamentos e na elaboração dos trabalhos. Ninguém se deixa ofuscar, quando ama a verdade, por uma idéia brilhante aureolada por banalidades. Não se realiza uma

obra a esse preço. Acontece também ao medíocre encontrar uma idéia, como um diamante puro ou uma pérola. O que é difícil é lapidar a idéia, e sobretudo incrustá-la em uma jóia de verdade que será a verdadeira criação.

"Dentre os leitores apressados de uma obra", disse Ramon Fernandez em uma espirituosa fórmula, "incluiria de bom grado o autor desta obra". Muito bem! Mas de onde vem essa pressa negligente, que absolve de antemão um leitor menos interessado e menos responsável? Ela será evitada se nos consagrarmos mais profundamente à verdade apenas.

Não se deve também abordar um tema particular que se quer desenvolver sem ter explorado seus antecedentes e suas relações. Ser *múltiplo* por um largo tempo é condição para ser *um* com riqueza. A unidade do começo é vazia. Sente-se isso, quando se cultua a alta e misteriosa verdade. Se o indivíduo não utiliza então tudo aquilo que aprendeu, há no que ele diz uma secreta ressonância, e a confiança recompensa essa plenitude. É um grande segredo saber fazer uma idéia irradiar graças às camadas que nela subjazem numa noite crepuscular. E é outro segredo conservar-lhe, apesar dessa irradiação, sua força de convergência.

Ameaça-nos o fracasso, ou é ele experimentado? É momento de refugiar-se no culto imutável, incondicionado que inspirou o trabalho. "Meu cérebro tornou-se para mim um refúgio", escreveu Charles Bonnet. Acima do cérebro está aquele a quem ele é consagrado, e o refúgio, então, é particularmente seguro. Mesmo ao preço da dor, a criação é uma alegria, e, mais do que a criação, a veneração pela idéia de que ela procede.

Ademais, como observava Foch, "é com os remanescentes que se ganham as batalhas". Você fracassou nisto, o que o prepara para vencer naquilo, para vencer, simplesmente, o que é garantido para qualquer um que tenha valor e se esforce.

Quero assinalar um último efeito da alta submissão de que acabo de fazer o elogio. Ela limita nossas pretensões, não apenas pessoais, mas humanas. Nem tudo pode a razão. Sua realização última, segundo Pascal, consiste em constatar os seus limites. E ela só o faz quando entregou-se à sua primeira lei, que é, não sua própria verdade, considerada como propriedade ou como conquista, mas a Verdade impessoal e eterna.

Aqui não há limitação para a honra, pelo simples fato de se ter renunciado à presunção. O mistério recompensa. A fé que se sobrepõe à investigação alça o espírito a amplidões que ele jamais conheceria por si mesmo, e a iluminação de seu próprio terreno é o prêmio daquele a quem os astros distantes obrigam a erguer os olhos para o céu. A razão ambiciona somente um mundo; a fé dá-lhe a imensidão.

Não quero prolongar este discurso. Ele será necessariamente reencontrado, pois seu objetivo é indicar onde está o todo.

Deste todo, defendi os direitos com uma insuficiência de que tenho plena consciência e pela qual peço desculpas. Faço votos de que minhas sugestões sobre ele, por débeis que sejam, contribuam para conduzir a ele melhores panegiristas e mais ardentes servidores.

A.-D. Sertillanges,
Dezembro de 1934.

Prefácio

ENCONTRAMOS entre as obras de São Tomás uma carta a um certo frei João, em que são enumerados *dezesseis preceitos para adquirir o tesouro da ciência*. Essa carta, autêntica ou não, merece ser estudada em si mesma; ela não tem preço; suas frases deveriam ser todas impressas no íntimo do pensador cristão. Acabamos de publicá-la uma vez mais ao final das *Orações* do mesmo doutor, nas quais se condensa seu pensamento religioso e se deixa entrever sua alma.[1]

Pensamos primeiro em comentar os *dezesseis preceitos*, extraindo deles tudo aquilo que pode ser útil recordar aos homens de estudo atuais. Na prática, esse procedimento pareceu-nos um pouco limitado; preferimos proceder com mais liberdade; mas a substância deste pequeno volume não deixa de ser totalmente tomista; encontra-se nele o que nos *dezesseis preceitos* e em outros lugares o mestre sugere em relação à conduta do espírito.

Este opúsculo não tem a pretensão de substituir as *Fontes*, e faz referência a muitas delas. O autor não esqueceu, como sem dúvida muitos outros não esqueceram, o entusiasmo dos seus vinte anos, quando o Padre Gratry estimulava nele o fervor do saber.

Numa época que tanto necessita de luz, devemos recordar com freqüência as condições que permitem adquirir a luz e preparar sua difusão através de obras.

Não trataremos aqui da produção em si mesma: ela será o assunto de outro trabalho. Mas o espírito age de maneira semelhante quando procura enriquecer-se e quando faz uma prudente despesa.

Como diremos adiante que a despesa é nesse caso um dos meios de aquisição, não podemos duvidar da identidade dos princípios que, tanto numa quanto na outra, tornam nossa atividade intelectual fecunda.

É uma razão para ter a esperança de ser útil a todos.

Chandolin, 15 de agosto de 1920.

---

1. *Les Prières de Saint Thomas d’Aquin*, traduites et présentées par M. L’Abbé Sertillanges [As orações de São Tomás de Aquino, traduzidas e apresentadas pelo Padre Sertillanges]. Paris, Librairie de l’Art Catholique, 1921. [Apresentamos essa carta em apêndice: ver p. 217 — NE].

I

A vocação intelectual

I. O INTELECTUAL É UM CONSAGRADO

FALAR de vocação é referir-se àqueles que pretendem fazer do trabalho intelectual sua própria vida, tanto os que têm todo seu tempo para dedicar ao estudo, como os que, empenhados em suas ocupações profissionais, reservam para si, como feliz suplemento e recompensa, o desenvolvimento profundo do espírito.

Digo profundo para descartar a idéia de um verniz superficial. Uma vocação não se satisfaz com vagas leituras e pequenos trabalhos dispersos. Exige penetração e continuidade, um esforço metódico, que vise uma plenitude que corresponda ao apelo do Espírito e aos recursos que Ele nos quis comunicar.

Esse apelo não deve ser prejulgado. Entrar por um caminho que não se pode trilhar com segurança só pode resultar em fracassos. O trabalho impõe-se a todos, e depois de uma primeira formação onerosa, seria uma tolice deixar o espírito recair pouco a pouco na indigência inicial; mas uma coisa é a tranqüila conservação do que adquirimos, outra a retomada desde seus fundamentos de uma instrução que reconhecemos provisória, que consideramos apenas como um ponto de partida.

Este último é o estado de espírito de um vocacionado. Ele exige uma séria resolução. A vida de estudos é austera e impõe pesadas obrigações. Ela recompensa, e largamente, mas requer uma dedicação de que poucos são capazes. Os atletas da inteligência, como os do esporte, devem prever privações, longos treinamentos e uma tenacidade às vezes sobre-humana. É preciso doar-se de todo o coração para que a verdade se doe. A verdade só serve a seus escravos.

Uma tal orientação não deve ser assumida antes de um profundo e demorado exame. A vocação intelectual é como todas as outras; está inscrita em nossos instintos, em

nossas capacidades, em não sei que impulso interior que a razão controla. Nossas disposições são como as propriedades químicas que determinam, para cada corpo, as combinações que esse corpo pode realizar. Elas não podem ser criadas. Vêm do Céu e da geração natural. Toda a questão se resume em ser dócil a Deus e a si mesmo, depois de ter ouvido essas duas vozes.

Assim compreendida, a frase de Disraëli: “Faz o que te agrada, desde que realmente te agrade”, é um precioso conselho. O gosto que está em correlação com as tendências profundas e com as aptidões é um excelente juiz. Se São Tomás pôde dizer que o prazer qualifica as funções e pode servir para classificar os homens, ele poderia concluir disso que o prazer também pode revelar nossas vocações. Basta que mergulhemos até essas profundezas onde o gosto e o impulso espontâneo encontram-se com os dons de Deus e com sua Providência.

Além do imenso interesse da realização de si mesmo em plenitude, o estudo de uma vocação intelectual tem um interesse geral a que ninguém pode se furtar.

A humanidade cristã é composta de personalidades diversas, e nenhuma delas abdica de si mesma sem empobrecer o todo e sem privar o Cristo eterno de uma parte de seu reino. O Cristo reina desdobrando-se. A vida inteira de um de seus “membros” é um instante qualificado da sua duração; toda existência humana e cristã é uma existência incomunicável, única e por conseguinte necessária à extensão de seu “corpo espiritual”. Se você foi designado como porta-luz, não coloque debaixo do alqueire a chama pequena ou grande que esperam de você na casa do Pai de família. Ame a verdade e seus frutos de vida, por você e pelos outros; consagre ao estudo e a seu uso o principal do seu tempo e do seu coração.

Todos os caminhos, exceto um, são maus para você, pois afastam-se da direção em que sua ação é esperada e

requerida. Não seja infiel a Deus, a seus irmãos e a si mesmo rejeitando um apelo sagrado.

Isso supõe que você vem à vida intelectual com propósitos desinteressados, não por ambição ou tola gloríola. Os guizos da publicidade só tentam os espíritos fúteis. A ambição, subjugando a Verdade eterna, ofende-a. Brincar com as principais questões sobre a vida e a morte, com a misteriosa natureza, com Deus, forjar um destino literário ou filosófico às custas do verdadeiro ou independente do verdadeiro, não é um sacrilégio? Tais objetivos, e sobretudo o primeiro, não sustentam um buscador; em pouco tempo o esforço murcharia e a vaidade acabaria se contentando com o vazio, desprezando as realidades.

Mas isso supõe também que você acrescente, à aceitação do objetivo, a aceitação dos seus meios, sem o que a obediência à vocação não seria nada séria. Muitos desejariam saber! Uma vaga aspiração dirige as multidões a horizontes que a maioria admira de longe, como o doente de gota ou o sonhador olham para as neves eternas. Obter sem pagar é um desejo universal; mas é o desejo de corações covardes e de cérebros enfermos. O universo não acorre ao primeiro chamado, e a luz de Deus não vem à sua lamparina sem um insistente rogo de sua alma.

Você é um consagrado: queira o que quer a verdade; consinta, por ela, em mobilizar-se, em instalar-se em seus próprios domínios, em organizar-se e, por ser inexperiente, em apoiar-se na experiência dos outros.

“Se a juventude soubesse!...”. São sobretudo os jovens que precisam dessa advertência. A ciência é um *conhecimento pelas causas*; mas na prática, quanto à sua produção, ela é uma *criação pelas causas*. Temos que conhecer e adotar as causas do saber, e então realizá-las, e não adiar o cuidado com os fundamentos para o momento de assentar o telhado.

Nos primeiros anos livres depois dos estudos, com a terra intelectual recém revolvida, com as sementes lançadas, que

belas culturas poderiam surgir! É um tempo que não voltará mais, um tempo de que se viverá mais tarde: como ele for, assim será o homem, pois não há como depois plantar novas raízes. Vivendo superficialmente, sua punição será ter negligenciado, no tempo favorável, o futuro, que é sempre uma herança. Que cada qual pense nisso, no momento em que pensar ainda pode ser proveitoso.

Quantos jovens, que têm a pretensão de se tornarem trabalhadores, desperdiçam miseravelmente seus dias, suas forças, sua seiva intelectual, seu ideal! Ou não trabalham — e sobra-lhes tempo! — ou trabalham mal, caprichosamente, sem saber nem quem são, nem para onde querem ir, nem como se caminha. Cursos, leituras, amizades, dosagem de trabalho e de repouso, de solidão e de ação, de cultura geral e da especializada, espírito de estudo, arte de extrair e utilizar as informações adquiridas, realizações provisórias que anunciam o próximo trabalho, virtudes a obter e a desenvolver, nada é previsto, e nada se realizará.

Entretanto, que diferença, em igualdade de recursos, entre aquele que sabe e que prevê e aquele que segue ao sabor das correntezas! "O gênio é uma longa paciência", mas uma paciência organizada, inteligente. Não é preciso ter faculdades extraordinárias para realizar uma obra; basta uma simples superioridade; o resto é dado pela energia e por sua judiciosa aplicação. É como se dá com um trabalhador probo, econômico e fiel a sua tarefa: ele a cumpre, enquanto o inventor é muitas vezes um fracassado e amargurado.

O que disse vale para todos; aplico-o entretanto especialmente àqueles que sabem que dispõem apenas de uma parte de sua vida, a menor, para se dedicar aos trabalhos da inteligência. Esses devem, mais que os outros, ser consagrados. O que não podem distribuir ao longo de toda a vida terão que reunir em um espaço exíguo. O ascetismo especial e a heróica virtude do trabalho intelectual deverão ser seu exercício quotidiano. Mas se

consentirem nessa dupla oferenda de si mesmos, digo-lhes, em nome do verdadeiro Deus, que não desanimem.

Se não é preciso gênio para produzir, é ainda menos necessário ter plena liberdade. Mais ainda, esta tem armadilhas que as obrigações rigorosas podem ajudar a vencer. Uma corrente comprimida por margens estreitas chegará mais longe. A disciplina de um ofício é uma grande escola: ensina o homem de estudos a ampliar suas possibilidades. Coagido, concentra-se mais, aprende o valor do tempo, refugia-se com entusiasmo nessas raras horas em que, cumprido o dever, abraça seu ideal, horas em que frui da ação eleita, depois da ação imposta pela dura existência.

O trabalhador que encontra assim no novo esforço a recompensa do esforço antigo, que dele faz seu tesouro de avaro, é normalmente um apaixonado; não se consegue apartá-lo do que está assim consagrado pelo sacrifício. Se o seu caminhar parece mais lento, ele é capaz de levá-lo mais longe. Pobre tartaruga laboriosa, não se diverte, persevera, e ao cabo de poucos anos terá ultrapassado a lebre indolente cujo andar desenvolto causava inveja a seu dificultoso caminhar.

Pensem agora no trabalhador isolado, privado de recursos intelectuais e de contatos estimulantes, enterrado em algum fim-de-mundo, onde parece condenado a definhar, eLivros longe das ricas bibliotecas, dos cursos brilhantes, do público vibrante, tendo somente a si mesmo e obrigado a tudo extrair desse fundo inalienável.

Ah, que também esse não desanime! Se tem tudo contra si, que preserve a si mesmo e que isto lhe baste. Um coração ardente tem mais chances de triunfar, mesmo em pleno deserto, que um perdulário jovem opulento do Bairro Latino. Ainda aqui, a dificuldade pode ser uma fonte de forças. Nas montanhas, só tensionamos os músculos nas passagens difíceis; as sendas planas deixam-nos relaxados e a frouxidão desatenta logo se mostra funesta.

O que vale mais do que tudo é o querer, um querer profundo: querer ser alguém, chegar a algum lugar; ser já, pelo desejo, esse alguém qualificado por seu ideal. O resto sempre se arranja. Livros há em qualquer lugar, e pouquíssimos são necessários. Contatos, estímulos, podem ser encontrados em espírito na solidão: os grandes homens estão aí, presentes a quem os invoca, e os grandes séculos passados impulsionam o pensador ardente. Cursos, quem deles dispõe não os freqüenta ou freqüenta-os mal, se não tiver em si a que recorrer na falta de um tal privilégio. Quanto ao público, se ele por vezes o estimula, freqüentemente perturba, dispersa, e por causa de dois centavos que encontra na rua, você poderá perder uma fortuna. Mais vale a solidão apaixonada, em que toda semente produz cem por um, e todo raio de Sol, um dourado outonal.

São Tomás de Aquino, vindo morar em Paris e avistando a grande cidade de longe, disse ao irmão que o acompanhava: “Irmão, daria tudo isso em troca do comentário de Crisóstomo a São Mateus”. Quando alguém experimenta tais sentimentos, não importa onde está nem do que dispõe; foi marcado com um sinal; é um eleito do Espírito; resta perseverar e dedicar-se à vida tal como Deus a dispõe.

Jovem, que compreende esta linguagem e que os heróis da inteligência parecem invocar misteriosamente, mas que teme estar despreparado, escute-me. Você tem duas horas por dia? Pode comprometer-se a preservá-las cuidadosamente, a empregá-las ardentemente, e depois, sendo também destinado ao Reino de Deus, poderá beber o cálice de sabor delicado e amargo que estas páginas pretendem que experimente? Se a resposta for sim, tenha confiança. Mais que isso, repouse numa absoluta certeza.

Obrigado a ganhar a vida, ganhe-a ao menos sem sacrificar-lhe, como acontece tantas vezes, a liberdade de sua alma. Abandonado, será arremessado com mais

violência ainda a seus nobres objetivos. As duas horas que lhe peço, muitos já declararam ser suficientes para um destino intelectual. Aprenda a administrar esse pouco tempo; mergulhe todos os dias de sua vida na fonte que desaltera e dá ainda mais sede.

Quer ajudar com sua humilde parte a perpetuar a sabedoria entre os homens, a entesourar a herança dos séculos, a fornecer ao presente as regras do espírito, a descobrir os fatos e as causas, a orientar os olhos inconstantes para as causas primeiras e os corações para os objetivos supremos, a reavivar a chama que se apaga, a organizar a propaganda da verdade e do bem? É o seu quinhão. Isso vale sem dúvida um sacrifício suplementar e o cultivo de uma paixão abrasadora.

O estudo e a prática daquilo que o Padre Gratry denomina de *lógica viva*, ou seja, o desenvolvimento de nosso espírito ou verbo humano através do contato direto ou indireto com o Espírito e o Verbo divino, esse estudo grave e essa prática perseverante lhe darão acesso ao admirável santuário. Estará entre os que crescem, adquirem e se dispõem aos dons magníficos. Você também, um dia, se Deus quiser, encontrará um lugar na assembléia dos nobres espíritos.

II. O INTELECTUAL NÃO É UM ISOLADO

Uma outra característica da vocação intelectual é que o trabalhador cristão, que é um consagrado, não deve ser um homem isolado. Seja qual for a sua situação, por mais abandonado ou retirado que esteja materialmente, não deve cair na tentação do individualismo, imagem deformada da personalidade cristã.

Tanto quanto a solidão vivifica, o isolamento paralisa e esteriliza. À força de ser uma alma, deixa-se de ser um homem, dizia Victor Hugo. O isolamento é inumano, pois trabalhar humanamente é trabalhar com o sentimento do homem, de suas necessidades, de suas grandezas, da

solidariedade que nos une em uma vida estreitamente comum.

Um trabalhador cristão deveria viver constantemente no universal, na história. Já que vive com Jesus Cristo, não pode separar dele nem os tempos, nem os homens. A vida real é uma vida na unidade, uma vida familiar imensa que tem a caridade por lei: se o estudo almeja ser um ato vital, não uma arte pela arte ou pura abstração, deve deixar-se reger por essa lei da unidade cordial. “Rezamos diante do crucifixo”, disse Gratry — e devemos também trabalhar diante dele — “mas a verdadeira cruz não está isolada da terra”.

Um verdadeiro cristão terá sempre diante dos olhos a imagem desse globo onde a cruz está plantada, onde os pobres seres humanos erram e sofrem, e onde o sangue redentor, em numerosos filetes, corre ao seu encontro. A claridade que ele possui reveste-o de um sacerdócio; o que procura adquirir é uma promessa implícita de um dom. Toda verdade é prática; a mais abstrata na aparência, a mais elevada, é também a mais prática. Toda verdade é vida, orientação, caminho para a finalidade do homem. Por isso Jesus Cristo disse como uma única afirmação: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.[1]

Trabalhe sempre em espírito de serviço, como diz o Evangelho. Ouça o gênero humano fremir ao seu redor; distinga estes ou aqueles indivíduos ou grupos de que conheceis a indigência; descubra o que pode arrancá-los da noite, enobrecê-los; o que, de perto ou de longe, salva-os. As únicas verdades santas são as verdades redentoras, e é tanto sobre nosso trabalho como sobre tudo o mais que o Apóstolo afirma: “A vontade de Deus é que sejais santos!”.[2]

Jesus Cristo precisa de nosso espírito para sua obra como precisava, sobre a Terra, de seu próprio espírito humano. Ele partiu, nós o continuamos; temos essa incomensurável honra. Somos seus “membros”, e portanto participamos de seu espírito, e portanto somos seus cooperadores. Ele age

por nós no exterior e por seu Espírito inspirador no nosso interior, como quando vivia agia no exterior por sua voz e no interior por sua graça. Sendo nosso trabalho necessário para essa ação, trabalhemos como Jesus meditava, bebendo, como ele, nas águas do Pai, a fim de compartilhá-las.

III. O INTELECTUAL PERTENCE A SEU TEMPO

Em seguida, pense que, se todos os tempos são iguais perante Deus, se sua eternidade é um centro irradiante do qual todos os pontos da circunferência do tempo estão à mesma distância, não se dá o mesmo com os tempos e conosco, que habitamos na circunferência. Estamos aqui, na vasta roda, e em nenhum outro lugar. E, se estamos aqui, é porque Deus aqui nos colocou. Todo momento da duração tem relação conosco, e todo século é nosso próximo, assim como todo homem; mas a palavra "próximo" é uma palavra relativa, que a sabedoria providencial determina para cada um, e que cada um, em sua sabedoria, submissa àquela, deve também determinar.

Eis-me aqui, homem do século XX, contemporâneo de um drama permanente, testemunha de convulsões talvez nunca vistas neste globo desde que os montes surgiram e os mares foram lançados em seus abismos. Que devo fazer por este século arfante? Mais do que nunca o pensamento espera os homens e os homens esperam o pensamento. O mundo está em perigo por falta de máximas de vida. Estamos em um trem a toda velocidade, e sem sinalização, sem agulheiros. O planeta não sabe para onde vai, sua lei o abandona: quem lhe restituirá o seu Sol?

Não digo isso para restringir o campo da investigação intelectual e para confiná-la no estudo exclusivamente religioso. Logo isso ficará claro. Já disse que toda verdade é prática, que toda verdade salva. Mas indico um espírito, e

esse espírito, do ponto de vista do momento atual e também em geral, exclui o dilentantismo.

Exclui também uma certa tendência arqueológica, um amor pelo passado que negligencia as dores presentes, uma estima pelo passado que parece ignorar a presença universal de Deus. Os tempos não se equivalem, mas todos os tempos são tempos cristãos, e há um tempo que, para nós e praticamente, sobrepassa todos os outros: o nosso. É para ele que existem nossos recursos inatos, nossas graças de hoje e de amanhã, e portanto também os esforços que lhes devem corresponder.

Não nos assemelhemos aos que parecem estar sempre acompanhando os funerais do passado. Aproveitemos, vivos, o valor dos mortos. A verdade é sempre nova. Como a erva da manhã que um delicado orvalho recobre, todas as verdades antigas têm o desejo de reflorescer. Deus não envelhece. Devemos ajudar esse Deus a renovar, não os passados sepultados e as crônicas extintas, mas a face eterna da Terra.

Esse é o espírito do intelectual católico, essa a sua vocação. Quanto antes ele especificar esse quadro geral pela descoberta do gênero de estudos a que se deve dedicar, tanto melhor.

Ouça, agora, quais as virtudes que Deus lhe pede.

---

1. Jo 14, 6.
2. 1Ts 4, 3.

II

As virtudes de um intelectual cristão

I. AS VIRTUDES COMUNS

Eu poderia dizer: a virtude contém a intelectualidade em potência, pois, conduzindo-nos a nosso fim, que é intelectual, a virtude equivale ao supremo saber.

Podemos tirar disso muitas coisas; poderíamos mesmo tirar tudo, pois a esse primado da ordem moral liga-se a dependência relativa do verdadeiro, do belo, da harmonia, da unidade e do próprio ser à moralidade, que é assim aparentada ao primeiro princípio.

Mas prefiro seguir uma estrada mais modesta.

As qualidades do caráter têm um papel preponderante em tudo. O intelecto não passa de um instrumento; sua utilização determinará seus efeitos. Não é evidente que, para bem reger a inteligência, várias outras qualidades são requeridas, além da própria inteligência? Instintivamente, todo espírito reto proclama que a superioridade de qualquer espécie inclui uma dose de superioridade espiritual. Para julgar com verdade, é preciso ser grande.

Não haveria alguma coisa de chocante em ver uma grande descoberta feita por um canalha? A candura de um homem simples ficaria ofendida com isso. Escandalizamo-nos com uma dissociação que ofende a harmonia humana. Não acreditamos nesses joalheiros que vendem pérolas e não as usam. Viver junto da fonte sublime sem participar de sua natureza moral soa como um paradoxo. Usar do poder da inteligência e fazer dele uma força isolada, uma “excrescência”, parece-nos um jogo perigoso, pois toda força isolada, no seio de um todo equilibrado, torna-se vítima dele.

Se o caráter decai, é de se esperar que o sentido das grandes verdades sofra as conseqüências. O espírito, não estando mais sob exame, não se movendo mais no nível que lhe é próprio, enveredará por caminhos desastrosos, e

sabemos que “um pequeno erro no início torna-se grande no fim”.[1] A força lógica poderá precipitar para baixo aquele cuja alma deixou o discernimento sem salvaguardas. Daí tantas quedas estrondosas, e tantos erros muitas vezes geniais, de mestres desorientados.

A vida é uma unidade: seria muito surpreendente que se pudesse trabalhar plenamente em uma função neglicenciando outra, e que viver as idéias não nos ajudasse a percebê-las.

De onde provém essa unidade da vida? Do amor. “Dize-me o que amas, e eu te direi o que és”. O amor é o começo de tudo em nós, e esse ponto de partida comum do conhecimento e da prática não pode deixar de tornar solidários, em certa medida, os retos caminhos de um e da outra.

A verdade aproxima-se dos que a amam, dos que a acolhem, e esse amor não existe sem virtude. Por isso, apesar de suas possíveis taras, o gênio envolvido em seu trabalho já é virtuoso; para chegar à santidade, bastaria que fosse mais plenamente ele mesmo.

O verdadeiro brota no mesmo terreno que o bem; suas raízes comunicam-se. Separados dessa raiz comum, e por isso menos arraigados em seu terreno, ambos sofrem, a alma definha ou o espírito desfalece. Ao contrário, alimentando o verdadeiro esclarecemos a consciência; fomentando o bem, orientamos o saber.

Praticando a verdade que conhecemos, merecemos a que ignoramos. Merecemo-la perante Deus; merecemo-la também por um mérito que coroa a si mesmo, pois todas as verdades relacionam-se umas com as outras, e sendo de fato a homenagem o que há de mais decisivo, quando a prestamos à verdade da vida aproximamo-nos das claridades soberanas e daquilo que delas depende. Se embarco num afluente, chegarei ao rio, e daí ao mar.

Examinemos mais de perto essa doutrina tão importante, de tanta importância que já valeria ter produzido este

opúsculo apenas para recordá-la.

Não é a virtude a saúde da alma? E quem sustentará que a saúde não interfere em nada na visão? Pergunte a um oculista. Um clínico inteligente não se limita a medir a curva do cristalino ou a receitar óculos, prescrever colírios ou assepsias locais; preocupa-se com a sua saúde em geral, com a sua dentição, com seu estilo de vida, com suas vísceras. Não se espante se esse especialista em um órgão perguntar-lhe sobre as suas virtudes. A visão espiritual não é menos exigente.

Acha você que pensamos somente com a inteligência? Não somos nós um feixe de potências, no qual elegemos, para isto ou para aquilo, o instrumento adequado? Pensamos "com toda nossa alma", afirmou Platão. Vamos até mais longe, e afirmamos: com todo nosso ser. O conhecimento diz respeito a tudo que há em nós, desde a idéia vital até a composição química da menor das células. As desordens mentais de qualquer natureza, os estados delirantes, as alucinações, as astenias e as hiperstenias, as inadaptações ao real, de quaisquer espécies, provam abundantemente que não é somente o espírito que pensa, mas o homem todo.

Como é possível pensar bem com uma alma doente, com um coração trabalhado pelos vícios, dividido pelas paixões, desorientado pelos amores violentos ou culpáveis? Há um estado clarividente e um estado cego da alma, dizia Gratry, um estado são, e portanto sensato, e um estado insensato. "O exercício das virtudes morais", diz-nos por seu turno São Tomás de Aquino, "virtudes pelas quais são refreadas as paixões, é de extrema importância para adquirir a ciência".[2]

Concordo plenamente! Analisemos. De que depende, antes de tudo, o esforço da ciência? Da atenção, que determina o campo da pesquisa, concentra-nos nele e sustenta todas as forças que nele aplicamos; em seguida, do juízo, que colhe o fruto da investigação. Ora, as paixões e os vícios diminuem a atenção, dispersam-na, desviam-na, e chegam

ao juízo por meandros cujos percursos Aristóteles e muitos outros depois dele escrutaram.

Todos os psicólogos contemporâneos concordam com isso; a evidência não permite nenhuma dúvida. A “psicologia dos sentimentos” rege a ação, mas também uma boa parte do pensamento. A ciência depende de nossas orientações passionais e morais. Apaziguar-nos é liberar em nós o senso do universal; retificar-nos, liberar o senso da verdade.

Analisemos mais. Quais são os inimigos da sabedoria? A ininteligência, evidentemente; pois tudo aquilo que dizemos dos vícios, das virtudes e de seu papel na ciência pressupõe sujeitos que têm no fundo a mesma natureza. Mas, além da estultícia, que outros inimigos você teme? Não pensa na preguiça, onde os melhores dons são sepultados? Na sensualidade, que debilita o corpo e o torna pesado, nubla a imaginação, embota a inteligência, dissipa a memória? No orgulho, que ora ofusca, ora obscurece, e nos aprisiona de tal forma em nossa visão das coisas que a visão do universal pode nos escapar? Na inveja, que recusa obstinadamente a luz provinda de outrem? Na irritação, que rechaça as críticas e aferra-se ao erro?

Suplantando esses obstáculos, um homem de estudos pode elevar-se mais ou menos, segundo seus recursos e seu meio, mas atingirá o nível de seu próprio gênio, de seu próprio destino.

Todas as taras mencionadas estimulam mais ou menos umas as outras, confirmam-se, ramificam-se, e são todas, em relação ao amor do bem ou ao seu desprezo, o que são os fios d’água entrecruzados em relação à sua fonte. A pureza do pensamento exige a pureza da alma: eis uma verdade geral que nada pode abalar. Que o neófito da ciência impregne-se dela.

Subamos mais alto, e já que falamos de fontes, não esqueçamos a primeira delas. A mais segura metafísica ensina-nos que em seus ápices a verdade e o bem não somente estão interligados, mas são idênticos.

Para sermos exatos devemos dizer que o bem nesse caso não é, propriamente falando, o bem moral; trata-se especificamente do desejável; mas um raciocínio leva-nos de um ao outro.

O bem moral é o desejável medido pela razão e proposto à vontade como fim. Os fins se inter-relacionam. Todos dependem de um fim último, e é este que se une à verdade e identifica-se com ela. Junte essas proposições e verá que o bem moral, se não é idêntico à verdade sob todos os aspectos, dela depende, através dos fins do querer. Há portanto entre os dois uma ligação mais ou menos frouxa ou estreita, mas infrangível.

Não é através do que há de individual em nós que acedemos à verdade: é em virtude de uma participação no universal. A esse universal, que é ao mesmo tempo verdadeiro e bom, não podemos honrar como verdadeiro, unir-nos intimamente a ele, discernir seus aspectos e receber sua poderosa influência sem igualmente reconhecê-lo e servi-lo como bom.

Suba a Grande Pirâmide por aqueles degraus gigantes que tão bem representam a ascensão à verdade: se você subir pela encosta norte, poderá chegar ao topo sem aproximar-se da encosta sul? Permanecer longe dele é ficar nos níveis mais baixos; distanciar-se dele, andar enviesado e tornar a descer. Assim o gênio da verdade tende por si mesmo a unir-se ao bem: se dele se afasta, é em detrimento de seu impulso para as alturas.

“Bem-aventurados os corações puros”, disse o Senhor, “porque eles verão a Deus”.[3] “Guarda a pureza de consciência”, disse São Tomás a seu estudante; “não deixes de imitar a conduta dos santos e dos homens de bem”. A obediência da alma à fonte inefável, suas disposições filiais e amorosas abrem-na à invasão das iluminações e dos ardores e virtudes. Amada e realizada como vida, a verdade revela-se como princípio; vemos de acordo com o que somos; participamos da verdade participando do Espírito

pelo qual ela existe. As grandes intuições pessoais vêm, assim como o valor, do aperfeiçoamento moral, do desapego de si mesmo e das banalidades rotineiras, da humildade, da simplicidade, da disciplina dos sentidos e da imaginação, do empenho em alcançar os grandes fins.

Aqui não se trata mais de provar sua habilidade, de fazer suas faculdades brilharem, como se fossem uma jóia; o que se quer é comunicar-se com a origem da luz e da vida; esse centro é abordado em sua unidade, tal qual ele é; é adorado, e renunciamos ao que se lhe opõe para que sua glória nos inunde. Não será mais ou menos tudo isso que significa a expressão: “Os grandes pensamentos vêm do coração”?

II. A VIRTUDE PRÓPRIA DO INTELECTUAL

Estamos agora seguros de que a virtude em geral é necessária à ciência, e que, quanto maior a retidão moral, mais fecundo será o estudo. Há, porém, uma virtude própria do intelectual, e convém insistir nela, embora ela vá reaparecer com freqüência nas páginas deste livro.

A virtude própria do homem de estudos é evidentemente a estudiosidade. Que ninguém julgue isso simplório: nossos mestres nessa doutrina incluíram nessa virtude muitas coisas, e excluíram dela várias outras.[4]

São Tomás submetia a estudiosidade à temperança moderadora, para indicar que o saber é em si mesmo sempre bem-vindo, mas que a constituição da vida pede-nos *temperar*, ou seja, adaptar às circunstâncias e relacionar aos outros deveres um apetite de conhecer que facilmente torna-se excessivo.

Quando falo em excesso, entendo-o em dois sentidos. No reino da estudiosidade, dois vícios se opõem: a *negligência*, por um lado; a *curiosidade vã*, por outro. Omitamos aqui a primeira: se ela não for odiosa ao leitor quando fechar este livro, é porque se terá enfadado no caminho ou porque nós

teremos construído muito mal o percurso. Mas não digo o mesmo da *curiosidade*. Esta pode aproveitar-se dos nossos melhores instintos e viciá-los no momento mesmo em que pretende satisfazê-los.

Já mencionamos as pretensões ambiciosas que desorientam uma vocação intelectual. Sem chegar a tanto, a ambição pode alterar a estudiosidade e seus bons efeitos. Um ato de ambição no campo da ciência não é mais um ato científico, e quem o faz não merece mais o nome de intelectual.

Qualquer outro fim pecaminoso exigiria o mesmo veredito.

Por outro lado, o estudo, mesmo desinteressado e reto em si mesmo, nem sempre é oportuno; se não o for, o cientista esquece seu ofício de homem, e que intelectual é esse que não é um homem?

Há outros deveres humanos além do estudo. O conhecimento tomado como um absoluto é sem dúvida nosso bem supremo; mas o que experimentamos aqui está muitas vezes subordinado a outros valores que lhe serão equivalentes sob os auspícios do mérito.

Um pároco de aldeia que se dedica a seus paroquianos, um médico que negligencia a ciência para prestar socorros urgentes, um filho que exerce um ofício para ajudar sua família e renuncia assim a uma ampla cultura não profanam de maneira alguma seu gênio interior; prestam homenagem a esse Verdadeiro que é, com o Bem, um só e mesmo Ser. Se agissem de outra forma, ofenderiam tanto a verdade quanto a virtude, pois, por um desvio, colocariam a Verdade viva contra si mesma.

Vemos assim muitos curiosos pela ciência que não temem sacrificar-lhe seus mais estritos deveres. Não são mais cientistas; são diletantes. Ou então, deixam o estudo que corresponde às suas obrigações e se dedicam ao que satisfaz seus desejos, e caem na mesma desqualificação.

Aqueles que aspiram mais alto do que permitem suas forças, expondo-se ao erro, aqueles que desperdiçam suas

faculdades reais para adquirir faculdades ilusórias também são *curiosos* na sua antiga acepção. Dois dos *dezesseis conselhos* de São Tomás em matéria de estudo são para eles: “Altiora te ne quaesieris”: não busques o que está acima de ti; “Volo ut per rivulos, non statim, in mare eligas introire”: quero que escolhas entrar no mar pelos regatos, não diretamente. Preciosos conselhos, proveitosos tanto para a ciência quanto para a virtude, pois equilibram o homem.

Não sobrecarregue o solo; não levante a construção além do que a base permite, ou antes que a base esteja firme: isso faria tudo ruir.

Quem é você? Onde está? Que alicerces intelectuais já possui? Eis o que determina seus empreendimentos no campo da ciência. “Se quiseres ver o frondoso, planta o pequeno”, dizem os silvicultores, o que é, em outras palavras, o conselho tomista. O sábio começa pelo começo e só dá um novo passo depois de assegurar o anterior. É por isso que os autodidatas têm tantos pontos fracos. Ninguém pode começar pelo começo sozinho. Quando nos juntamos a um grupo que já vem caminhando, ele nos dá o resultado das etapas percorridas sem nos mostrar a trajetória correspondente.

Por outro lado, o que vale para cada um quanto às etapas de seu desenvolvimento vale para cada um em relação aos outros. Não nos devemos superestimar, mas nos avaliar. Aceitarmo-nos tal qual somos é obedecer a Deus e preparar-nos vitórias seguras. Pretende a natureza mais do que ela pode? Tudo nela é medido com exatidão, sem esforços vãos e sem avaliações ilusórias. Cada ser age segundo sua quantidade e sua qualidade, sua natureza e sua força, e depois repousa em paz. Somente o homem vive de pretensões e de tristezas.

Que ciência e que virtude há em julgar-se bem e em perseverar em si mesmo! Você tem um papel que só você pode representar e que deve ser representado com

perfeição, em vez de tentar violentar a fortuna. Os destinos não são intercambiáveis. Quem tenta subir demais ou rebaixar-se, perde-se. Caminhe para a frente e fiel a si mesmo, tendo Deus como guia.

São Tomás acrescenta a essas necessárias precauções o cuidado de não pôr sua curiosidade nos objetos inferiores em detrimento do objeto supremo. Tiraremos disso, mais adiante, uma conseqüência importante quanto à organização do trabalho;[5] mas, antes de tudo, o estudo deve preservar o lugar do culto, da oração, da meditação direta sobre as coisas de Deus. Ele mesmo é um ofício divino, mas refletido; investiga e honra os “vestígios” do Criador ou então Suas “imagens”, conforme escrute a natureza ou a humanidade; mas deve ceder, em seu tempo, à Sua freqüentação direta; se não o faz, além de desprezar um grave dever, a imagem de Deus na criação torna-se opaca, e seus vestígios só servem para afastar Daquele que testemunham.

Estudar tanto que se deixe de rezar, de se recolher, que não se leia mais a Palavra Sagrada nem as palavras dos santos, nem as das grandes almas; estudar tanto que se esqueça de si mesmo e que, de tão concentrado nos objetos de estudo, se negligencie o hóspede interior, é um abuso e uma trapaça. Supor que assim haverá maior progresso e que se produzirá mais é achar que o riacho fluirá melhor se lhe secarmos a fonte.

A ordem do espírito deve corresponder à ordem das coisas. Na realidade tudo se eleva ao divino, tudo depende dele, pois tudo dele procede. Na efígie da realidade em nós, as mesmas dependências existem, a menos que tenhamos desarranjado as relações do verdadeiro.

III. O ESPÍRITO DE ORAÇÃO

Essas disposições estarão garantidas se, independentemente da piedade que precede ao estudo,

cultivarmos no próprio trabalho o espírito de oração.

É ainda São Tomás que diz ao apaixonado pela ciência: “Orationi vacare non desinas”: não abandone jamais a oração, e Van Helmont explica-nos esse preceito por estas sublimes palavras: “Todo estudo é um estudo da eternidade”.

A ciência é um conhecimento pelas causas, dizem-nos sempre. Os detalhes não são nada; os fatos não são nada; o que importa são as dependências, as comunicações de influências, as relações, as trocas que constituem a vida da natureza. Ora, acima de todas as dependências, há a Dependência primeira; no seio de todas as relações, a suprema Relação; no topo das comunicações, a Fonte; sob as trocas, o Dom; sob a sístole e a diástole do mundo, o Coração, o imenso Coração do Ser. Não deve o espírito referir-se constantemente a ele e não perder por um minuto sequer o contato com aquele que é o tudo de todas as coisas e por conseguinte de toda ciência?

A inteligência desempenha plenamente seu papel exercendo uma função religiosa, quer dizer, prestando um culto à verdade suprema através da verdade reduzida e dispersa.

Cada verdade é um fragmento que exibe em todos os seus aspectos suas ligações; a Verdade em si mesma é uma, e a Verdade é Deus.

Cada verdade é um reflexo: por trás do reflexo, e dando-lhe valor, está a Luz. Cada ser é uma testemunha; cada fato é um segredo divino; para além está o objeto da revelação, o herói do testemunho. Toda verdade destaca-se sobre o Infinito como sobre seu fundo de perspectiva; manifesta-o; pertence-lhe. Uma verdade particular pode ocupar toda a cena; as imensidões estão mais além. Poderíamos dizer: uma verdade particular é simplesmente um símbolo, um símbolo real, um sacramento do absoluto; ela expressa, e é, mas não por si mesma; não basta-se a si mesma; vive por outro, e morreria se fosse abandonada à sua inconsistência.

Para a alma totalmente desperta, portanto, toda verdade é um lugar de encontro; o Pensamento soberano convida o nosso: faltaremos a esse sublime encontro?

A vida do real não está toda naquilo que vemos, no que analisamos pela ciência. O real tem uma vida oculta, como Jesus, e essa vida é também uma vida em Deus; é como uma vida de Deus; é uma revelação de sua sabedoria através das leis, de seu poder através dos efeitos, de sua bondade através dos bens, de sua tendência a difundir-se através dos intercâmbios e do crescimento: convém venerar e amar essa espécie de encarnação em contato mesmo com Aquele que se encarna. Separar esse “corpo de Deus” de seu Espírito é menosprezá-lo, como é menosprezar o Cristo ver nele unicamente o homem.

A encarnação de Cristo consuma-se na comunhão, onde não se dissociam o corpo, o sangue, a alma e a divindade do Salvador; a quase-encarnação de Deus no ser, da Verdade eterna em cada caso verdadeiro, deve consumar-se também em um êxtase celeste, e não em nossas distraídas investigações e em nossas banais admirações.

Decidamo-nos a trabalhar sob as asas das grandes leis e sob a Lei suprema. Nem o conhecimento, nem qualquer manifestação da vida deve ser separada de suas raízes na alma e na realidade, onde o Deus do coração e o Deus dos Céus revelam-se e unem-se. Deve haver unidade entre nossos atos (inclusive o ato de aprender), nossos pensamentos e nossas realidades últimas. Em tudo, tenhamos toda a alma, toda a natureza, toda a duração e a própria divindade conosco.

Para obter esse espírito de oração na ciência, aliás, não é necessário entregar-se a nenhum misterioso encantamento. Não se requer nenhuma força extrínseca. Sem dúvida, a invocação de Deus e sua intervenção especial têm seu lugar aqui. São Tomás sempre rezava antes de ditar ou pregar; compôs nessa intenção uma oração admirável:[6] o filho da ciência que balbucia busca naturalmente a palavra que lhe

falta no olhar divino. Mas na própria ciência, na ciência cristã, encontramos o escabelo que, elevando-nos para Deus, permite-nos retornar ao estudo com uma alma mais iluminada e como que com os dons do profeta.

Tudo o que instrui leva a Deus por um caminho seguro. Toda verdade autêntica é, por si mesma, eterna, e sua eternidade orienta-nos à Eternidade de que ela é uma revelação. Através da natureza e da alma, para onde podemos ir senão à sua origem? Se não chegamos até ela é porque houve um desvio no caminho. Com um salto, o espírito inspirado e reto transpõe os graus intermediários e, a toda questão que surge para ele, sejam quais forem as respostas particulares que apresente, uma secreta voz responde: Deus!

Portanto, basta deixar o espírito seguir seus impulsos, por um lado, e permanecer atento, por outro, para que se estabeleça, entre o objeto de um estudo particular e o da contemplação religiosa, um constante vaivém que é de proveito para os dois. Com um salto rápido e com freqüência inconsciente, passamos do *vestígio* ou da *imagem* a Deus, e de lá, retornando com novas forças, voltamos a seguir os rastros do divino Caminhante. O que descobrimos é então comentado, ampliado; vemos nele um episódio de um imenso acontecimento espiritual; mesmo ocupando-nos de algo ínfimo, sentimo-nos depositários de verdades perante as quais as montanhas são efêmeras; o Ser infinito e a duração infinita envolvem-nos, e nosso estudo é verdadeiramente “um estudo da eternidade”.

IV. A DISCIPLINA DO CORPO

Já dissemos que a doutrina do composto humano proíbe a dissociação das funções espirituais e das funções corporais, mesmo das que parecem mais alheias ao pensamento puro. São Tomás assina embaixo deste pensamento irônico de Aristóteles: “É tão ridículo dizer que somente a alma

compreende quanto dizer: ela tece, ou constrói".[7] Ele mesmo faz estas afirmações aparentemente materialistas: "As diversas disposições do homem para as obras da alma provêm das diversas disposições de seus corpos".[8] "À boa compleição do corpo segue-se a nobreza da alma".[9]

Isso nada tem de surpreendente. O pensamento nasce em nós depois de longas preparações em que trabalha toda a máquina corporal. A química celular está na base de tudo; as mais obscuras sensações preparam nossa experiência: esta é o produto do trabalho dos sentidos que elaboram lentamente suas aquisições e fixam-nas na memória. É a partir dos fenômenos fisiológicos, em continuidade com eles e na sua dependência que o fato intelectual se produz. Ninguém pensa, mesmo que esteja apenas utilizando uma idéia adquirida, sem evocar todo um conjunto de imagens, de emoções, de sensações que são o cadinho de cultura da idéia.

Quando queremos suscitar em alguém um pensamento, de que meio dispomos? Somente deste: produzir nele através da palavra, de signos, estados de sensibilidade e de imaginação, de emoção, de memória nos quais descobrirá nossa idéia e poderá fazê-la sua. Os espíritos só se comunicam através dos corpos. Assim também o espírito de cada um de nós só se comunica com a verdade e consigo mesmo através do corpo. Tanto que a mudança pela qual passamos da ignorância à ciência deve ser atribuída, segundo São Tomás, diretamente ao corpo e somente "por acidente" à parte intelectiva.[10]

Tal doutrina, incessantemente retomada pelo doutor, tão essencialmente, tão providencialmente moderna, não deve levar à convicção de que para pensar, sobretudo para pensar com ardor e sabedoria durante toda uma vida, é indispensável submeter ao pensamento não somente a alma e suas diversas potências, como também o corpo e todo o conjunto das funções orgânicas? Tudo, em um intelectual, deve ser intelectual. O complexo físico e mental,

a substância homem, está a serviço dessa vida especial que em certos aspectos parece tão pouco humana: que ele então não lhe cause entraves! Tornemo-nos uma harmonia cujo resultado seja a conquista da verdade.

Ora, há nisso duas coisas que devem ser consideradas sem nenhum respeito humano, embora a primeira delas costume assustar os homens espirituais de juízo pouco firme.

Primeiro, não tenha vergonha de se preocupar com a saúde.

Muitos gênios tiveram uma péssima saúde, e se Deus quiser que seja assim com você, não discutamos. Mas se as suas ações prejudicam sua saúde, isso é *tentar a Deus* gravemente. Você está seguro, discípulo dos gênios, de que tem como eles bastante vigor para triunfar na luta incessante da alma contra a debilidade da carne? Nada garante que os gênios mesmos não tenham visto suas taras fisiológicas desviarem ou reduzirem seus talentos. Muitas anomalias intelectuais, nos melhores dotados, talvez possam ser explicadas por isso, e também a fraca produção de muitos explica-se da mesma maneira.

Suposta a igualdade de dons, é certo que a doença é uma grave inferioridade; ela diminui o rendimento; prejudica a liberdade da alma quando esta exerce suas mais delicadas funções; desvia a atenção; pode falsear o juízo por causa dos movimentos da imaginação e da emotividade que o sofrimento provoca. Uma doença de estômago muda o caráter de um homem; seu caráter muda seus pensamentos. Se Leopardi não tivesse sido o aborto que foi, estaria hoje no rol dos pessimistas?

Quando se trata de levar uma vida elevada, não pense que rebaixa o nível da discussão preocupar-se ao mesmo tempo com o pensamento e com todo o seu substrato orgânico. “Alma sã em corpo são” é sempre o ideal. O homem de pensamento tem uma fisiologia especial; deve cuidar dela e não hesitar em consultar um especialista no assunto.[11]

Em todo caso, as prescrições usuais devem ser seguidas. Uma boa higiene é uma virtude quase intelectual. Entre os modernos, nos quais a filosofia é às vezes tão pobre, a higiene é rica: não a desprezes, ela enriquecerá sua filosofia.

Tanto quanto possível, leve uma vida ao ar livre. Está comprovado que a atenção, esse nervo da ciência, tem uma estreita correlação com a respiração, e sabemos que a abundância de oxigênio é uma condição fundamental para a saúde em geral. Janelas abertas ou entreabertas noite e dia, quando a prudência o permite, freqüentes sessões de amplas respirações, sobretudo combinadas com movimentos que as ampliem e as normalizem,[12] caminhadas antes e depois do trabalho, ou combinando-se com ele, conforme a tradição grega, são excelentes práticas.

É importante trabalhar numa posição que deixe livres os pulmões e não comprima as vísceras. É bom interromper de vez em quando uma sessão de estudo para respirar profundamente, para fazer dois ou três gestos ritmados que alonguem a musculatura e impeçam-na, por assim dizer, de se amarfanhar. Descobriu-se que respirações amplas feitas nas pontas dos pés, o corpo ereto, junto a uma janela aberta, são mais eficazes ainda. Não negligencie nada, evitando assim a congestão dos seus órgãos e sua conseqüente debilidade.

Você precisa de uma sessão de exercícios todo dia. Lembre-se da frase daquele médico inglês: “Quem não encontra tempo para fazer exercícios, terá que encontrar tempo para ficar doente”. Se não pode exercitar-se ao ar livre, há excelentes métodos substitutivos. O de J.-P. Müller é um dos mais inteligentes;[13] mas há outros.

Um trabalho manual leve e recreativo seria igualmente precioso para o espírito e para o corpo. Nossos pais não o ignoravam; mas nosso século tornou-se um insensato que zomba da natureza; e por isso a natureza se vinga. Reserve

uma vez ao ano, e em alguns outros momentos do ano, períodos de férias. Não me refiro à ausência de qualquer trabalho, que afrouxaria demais faculdades que são naturalmente inconstantes, mas à predominância do repouso, do ar livre e do exercício junto da natureza.

Cuide da alimentação. Uma refeição leve, simples, moderada em quantidade e em condimentos, favorecerá um trabalho mais atento e mais livre. Um pensador não passa a vida em sessões de digestão.

Vele mais ainda sobre o seu sono. Não durma muito nem pouco. Muito sono torna o sangue e o pensamento pesados, gordurosos, espessos; pouco sono torna-o suscetível a prolongar e aumentar perigosamente as excitações do trabalho. Observe-se; em matéria de sono, como para a alimentação, encontre a medida que lhe convém e tome a firme resolução de mantê-la. Nessa matéria não há uma lei geral.

Em suma, compreenda que o cuidado com o corpo, instrumento da alma, é para o intelectual uma virtude e uma sabedoria; São Tomás reconhecia-lhe claramente esse caráter e incluiu essa sabedoria do corpo entre os elementos que concorrem para a felicidade temporal, prelúdio da outra.[14] Não torne-se um raquítico, um fraco, que acabaria mais tarde transformando-se num idiota, num velho extemporâneo; não seja um tolo administrador do talento que o Senhor lhe confiou.

Mas o cuidado com o organismo corporal comporta também outros elementos. Falamos das paixões e dos vícios como formidáveis inimigos do espírito. Pensávamos então nos seus efeitos psicológicos, nas perturbações que causam no juízo, na orientação do espírito, que transformam-nos, depois de certo ponto, em uma potência das trevas. Agora tratemos de seus efeitos corporais, que tornam-se, indiretamente, doenças da alma.

Quem é guloso, preguiçoso, escravo do travesseiro e da mesa; quem abusa do vinho, do álcool, do tabaco; quem

esquece de si mesmo nas excitações malsãs, em hábitos a um só tempo debilitantes e enervantes, em pecados mais ou menos perdoados periodicamente, mas cujos efeitos permanecem, como conseguirá praticar a higiene cuja necessidade acabamos de expor?

Um amigo do prazer é um inimigo do próprio corpo e logo se torna um inimigo da própria alma. A mortificação dos sentidos é necessária ao pensamento, e somente ela pode nos levar ao *estado clarividente* de que falava Gratry. Obedeça à carne, e estará se tornando carne, e o que é preciso é tornar-se todo espírito.

Por que chamam São Tomás de "Doutor Angélico"? É unicamente por seu gênio alado? Não, é porque tudo nele estava subordinado ao pensamento genial e santo, porque sua carne, oriunda das margens tirrenas, tinha-se revestido com a brancura do Carmelo e do Hermon; porque, casto, sóbrio, pronto para o ardor e afastado de qualquer excesso, era todo ele uma alma, "uma inteligência servida por órgãos", conforme a célebre definição.

A disciplina do corpo e sua mortificação, aliadas aos cuidados que lhe são necessários, dos quais elas são a melhor parte: essa é, trabalhadores cristãos, e sobretudo vocês, jovens, uma das mais preciosas salvaguardas do seu futuro.

---

1. Cf. Aristóteles, *Sobre o céu*, I 5, 271 b 8-13 — NE.
2. *Physic.*, l. VII, lect. 6, n. 7 ("exercitium virtutum moralium, per quas huiusmodi passiones refraenantur, multum valet ad scientiam acquirendam").
3. Mt 5, 8.
4. Cf. São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, IIa IIae, q. 166.
5. Cf. adiante, cap. 5, *O campo de trabalho*, a. 1: *A ciência comparada*.
6. Cf. *Les Prières de Saint Thomas d'Aquin*, traduites et présentées par M. L'Abbé Sertillanges [As orações de São Tomás de Aquino, traduzidas e apresentadas pelo Padre Sertillanges]. Paris, Librairie de l'Art Catholique, 1921.
7. *De Veritate*, q. 19, a. 1, arg. 1.
8. *De memoria et reminiscentia*, lect. 1, n. 5.
9. *Sententia libri De anima*, l. II, lect. 19, n. 7.
10. *De Veritate*, q. 26, a. 3, ad 12.

11. Cf. Réveille-Parise, J. H., *Physiologie et hygiène des hommes livrés aux travaux de l'esprit* [Fisiologia e higiene dos homens dedicados aos trabalhos do espírito]. Ed. Librarie J.-B. Baillière et Fils, Paris, 1881.
12. Cf. J.-P. Müller, *Mon Système de respiration*. Ed. Lafitte, Paris, 1929. [Cf. a edição brasileira de *Meu sistema*, Editora Auster, Campinas, 2020 – NE].
13. J.-P. Müller, *op. cit*.
14. *Suma contra os gentios*, l. III, cap. 141.

A organização da vida

I. SIMPLIFICAR

PARA que tudo em você esteja orientado para o trabalho, não basta organizar-se interiormente, definir sua vocação e administrar suas forças: é preciso também ordenar sua vida, e penso aqui no quadro em que ela se desenvolve, nas suas obrigações, nas suas vizinhanças, no seu cenário.

Uma palavra apresenta-se aqui como resumo de tudo: simplifique. Você tem uma viagem difícil pela frente: não se sobrecarregue com muita bagagem. É certo que jamais terá um domínio pleno de sua vida, e então, pensa você, de que adianta legislar? Errado! Em uma mesma situação exterior, um espírito de simplificação pode muito, e o que não se elimina exteriormente sempre pode ser eliminado da própria alma.

“Não atrelarás o jumento com o boi”,[1] diz a Lei: o trabalho pacífico e sábio não deve ser associado às atrações caprichosas e ruidosas de uma vida exterior. Um certo ascetismo também é de certa forma um dever do pensador. Religiosa ou laica, científica, artística, literária, a contemplação não combina com facilidades muito onerosas e complicações. “Os grandes homens têm camas pequenas”, nota Henri Lavedan. É preciso pagar pelo gênio um imposto sobre o luxo. Dez por cento desse privilégio não o arruinarão; não será ele o prejudicado, mas antes nossos defeitos, ou pelo menos nossas tentações, e o lucro então será duplo.

Para dar hospitalidade à ciência, não são necessários móveis raros, nem numerosos empregados domésticos. Muita paz, um pouco de beleza, certas comodidades que economizam tempo, é tudo que se precisa.

Reduza sua vida social. Recepções, saídas que implicam novas obrigações, cerimônias com os vizinhos, todo o

complicado ritual de uma vida artificial que tantos mundanos maldizem em segredo, não são coisas adequadas para um trabalhador. A vida mundana é fatal para a ciência. A idéia e a ostentação, a idéia e a dissipação são inimigas mortais. Quando pensamos em um gênio, não o imaginamos num jantar.

Não se deixe arrastar por essa engrenagem que dissipa pouco a pouco o tempo, as preocupações, as disponibilidades, as forças. Os preconceitos não são os seus comandantes. Seja você mesmo o seu próprio guia; obedeça às suas convicções, não a rituais. As convicções de um intelectual devem se referir ao seu objetivo.

Uma vocação é uma concentração. O intelectual é um consagrado: que não se disperse em futilidades. Coloque todos os seus recursos no fogo da inspiração, como Bernard Palissy sacrificava os seus móveis. O trabalho e suas condições, eis tudo. As despesas e os cuidados disseminados em ninharias seriam bem melhor utilizados em formar uma biblioteca, em fazer uma viagem instrutiva, em férias reparadoras, em audições musicais que revigorem a inspiração, etc.

O que favorece o trabalho é sempre oportuno; o que o entrava e o embaraça deve ser excluído, pois, além dos inconvenientes imediatos, você é assim tentado a buscar lucros, e desorienta seus esforços. O sacerdote tem direito a viver do altar, e o homem de estudos, de sua obra; mas não se reza a missa por dinheiro e não se deve, por dinheiro, pensar e produzir.

Se você está entre os que ganham a vida em outro ofício, e não com o trabalho que escolheu, como conseguirá, se tem uma vida sobrecarregada, preservar as poucas horas de que dispõe? É o caso de reduzir ao mínimo a matéria, a fim de aliviar, de libertar o espírito.

A esse respeito, a mulher de um intelectual tem uma missão que talvez seja bom assinalar: muitas vezes ela a

esquece e, em vez de ser uma Beatriz, torna-se um papagaio tagarela e dissipador!

Toda mulher deve desposar a carreira de seu marido; o centro de gravidade da família é sempre o trabalho do pai. É aí que está a vida produtiva, e portanto o essencial do dever. E isso é tanto mais verdadeiro quanto mais nobre e laboriosa for essa carreira. A vida comum tem então um cume em seu centro; é aí que a mulher deve instalar-se, em vez de tentar afastar-se do pensamento viril. Atraí-lo para ninharias sem relação com suas aspirações é levar seu marido a desgostar dessas duas vidas que se contradizem uma à outra. Que a filha de Eva reflita e não dê mais razão do que é preciso ao "divisus est" de São Paulo.[2] Se o homem casado está "dividido" de certa maneira, que ele seja também duplicado. Deus lhe deu "uma ajuda *semelhante* a ele":[3] que ela não se torne *outra*. Os desacordos ocasionados pela incompreensão da alma irmã são fatais à produção; fazem o espírito viver em uma inquietude que o corrói; não lhe resta nenhum entusiasmo e nenhuma alegria, e como voaria o pássaro sem as suas asas, como viveria o pássaro e a alma sem o seu canto?

Que a guardiã do lar não seja portanto o seu gênio mau, que seja sua musa. Tendo desposado uma vocação, que tenha também ela uma vocação. Realizá-la por si mesma ou por seu marido, que importa? Ela também a realiza, pois é uma só carne com aquele que a realiza. Sem a necessidade de ser uma intelectual, e menos ainda uma erudita ou uma *scholar*, ela pode produzir muito ajudando seu marido a produzir, levando-o a se controlar, a dar o seu máximo, erguendo-o nas inevitáveis quedas, animando-o nos momentos de fraqueza, consolando-o nas decepções sem acentuar muito sua importância, acalmando-o nas tristezas, sendo sua doce recompensa depois do labor.

Ao sair do trabalho, o homem está como que ferido; precisa de conforto e de calma: não o violentem; aquietem e animem-no; interessem-se pelo que fez; dilatem-no nesse

momento em que está como que reduzido por um esforço talvez excessivo; que lhe sejam enfim como uma mãe, e esse forte, que é todo fraqueza, sentirá seu vigor orientar-se para novos tormentos.

Quanto às crianças, essa doce complicação deve servir mais para renovar-lhe a coragem que para roubar-lhe os recursos. Eles tomam-lhe muito, esses pequenos, e para que serviriam se não conseguissem de vez em quando “tirá-lo de si”? Mas dão-lhe tanto ou mais carinho do que exigem; podem alçar sua inspiração insuflando-lhe alegria; refletem amorosamente para você a natureza e o homem, e defendem-no assim da abstração; reconduzem-no ao real quando seus olhinhos interrogadores esperam seu comentário preciso. Seu olhar puro ensina-lhe a integridade, esse coração do saber, e sua facilidade para acreditar, para esperar, para sonhar alto e esperar tudo da paternidade que os guia, não é também para você, pensador, uma elevação e um motivo de esperança? Você pode ver uma imagem de Deus e um símbolo de nossos destinos imortais nessa imagem do futuro.

Aqueles que renunciaram à família para entregar-se inteiramente a sua obra e Àquele que a inspira têm o direito de alegrar-se com isso, apreciando as liberdades que lhes são dadas em razão desse sacrifício. Esses pensarão em seus irmãos carregados de preocupações repetindo o alegre comentário de Lacordaire sobre Ozanam: “Ele tem um problema que não soube evitar: o casamento”. Mas o trabalhador engajado nesses laços pode e deve fazer deles uma força, um motivo de entusiasmo e uma das formas de seu ideal.

II. GUARDAR A SOLIDÃO

Na organização da vida, o ponto essencial a garantir e para o qual todo o resto deve convergir é a ordenação exterior e interior da solidão. São Tomás está de tal maneira

convencido disso que, dos *dezesseis conselhos* para o intelectual, consagra sete aos relacionamentos e ao recolhimento. “Quero que sejas lento para falar e lento para dirigir-te ao parlatório”. “Não te preocupes nunca com as ações dos outros”. “Mostra-te amável com todos”, mas “não sejas familiar demais com ninguém, pois o excesso de familiaridade engendra o desprezo e dá ocasião para afastar-se do estudo”. “Não te envolvas de maneira alguma com as palavras e ações dos leigos”. “Evita sobretudo os passeios inúteis”. “Freqüenta com amor tua cela, se queres ser introduzido na adega de vinhos”.

A adega de que se trata aqui, aludindo ao Cântico dos Cânticos e ao comentário de São Bernardo a esse livro, é o abrigo secreto da verdade, cujo perfume atrai de longe a Esposa, isto é, a alma ardente; é a morada da inspiração, o lar do entusiasmo, do gênio, da invenção, da busca calorosa, é o teatro das criações do espírito e de sua sábia embriaguez.

Para entrar nessa morada, é preciso abandonar as banalidades, é preciso praticar o recolhimento, cujo símbolo é a cela monástica. “Nas celas, como através dos longos corredores”, escreve Paul Adam,[4] “o silêncio é como uma magnífica personagem, vestida com a brancura das paredes, velando”. E ela vela sobre a prece e o trabalho.

Seja lento para falar e lento para digirir-se ao parlatório, porque as muitas palavras fazem o espírito “derramar-se como a água”; pague com sua cortesia para com todos o direito de só freqüentar verdadeiramente aqueles cujo convívio é proveitoso; evite, mesmo com esses, a excessiva familiaridade que apequena e desorienta; não corra atrás das novidades que ocupam o espírito em vão; não se envolva com ações e conversas *seculares*, ou seja, sem dimensão moral ou intelectual; evite os caminhos inúteis que consomem as horas e favorecem a vagabundagem dos pensamentos. Tais são as condições do recolhimento sagrado. Somente assim nos aproximamos dos segredos

reais que são a alegria da Esposa; somente com uma tal conduta podemos apresentar-nos dignamente perante a verdade.

O retiro é o laboratório do espírito; a solidão interior e o silêncio são as suas asas. Todas as grandes obras foram criadas no deserto, inclusive a redenção do mundo. Os precursores, os continuadores e o Mestre sofreram ou devem sofrer as mesmas exigências. Profetas, apóstolos, pregadores, mártires, pioneiros da ciência, inspirados de todas as artes, simples homens, ou o Homem-Deus, todos pagaram seu tributo ao isolamento, à vida silenciosa, à noite.

Foi na noite astral e na solene vacuidade que o Criador formou o universo: quem quiser gozar das alegrias da criação não deve apressar-se em pronunciar o *fiat lux*, nem sobretudo em passar em revista todos os animais do mundo; que gaste nas sombras propícias, como Deus, o tempo necessário para dispor a matéria dos astros.

Os mais belos cantos da natureza ressoam à noite. O rouxinol, o sapo com voz de cristal e o grilo cantam nas sombras. O galo proclama o dia, e não o fica aguardando. Todos os anunciadores, todos os poetas, e também os pesquisadores e os pescadores de verdades esparsas têm que mergulhar nessa grande vacuidade que é uma plenitude.

Nenhum grande homem tentou escapar disso. Lacordaire dizia que tinha criado em seu quarto, entre sua alma e Deus, “um horizonte mais vasto que o mundo”, e que tinha gerado em si mesmo “as asas do repouso”. Emerson proclamava-se “um selvagem”. Descartes encerrava-se em seu “quarto aquecido”. Platão declarou que consumia “mais óleo em sua lâmpada que vinho em seu cálice”. Bossuet levantava-se à noite para encontrar o gênio do silêncio e da inspiração; os grandes pensamentos só lhe vinham longe do barulho e das preocupações fúteis. E todo poeta não tem a impressão de que sua arte é traduzir em versos as

misteriosas revelações do silêncio, que ele ouve, segundo a expressão de Gabriele d'Annunzio, como "um hino sem voz"?

O que é valioso deve erguer uma barreira que o separe de tudo que não tem valor. A vida banal e os *ludibria* de que falava Santo Agostinho,[5] os jogos e querelas infantis, que um beijo acalma, devem cessar com o beijo da musa, com a carícia inebriante e tranqüilizadora da verdade.

"Para que vieste?", perguntava a si mesmo São Bernardo sobre sua entrada no claustro: "Ad quid venisti?". E você, pensador, para que veio a essa vida separada da vida corrente, a essa vida de consagração, de concentração, e portanto de solidão? Não foi por causa de uma escolha? Não preferiu a verdade à mentira cotidiana de uma vida que se dispersa, ou até aos objetivos elevados, mas secundários, da ação? Será agora infiel ao culto que elegeu, deixando-se arrastar por aquilo que livremente abandonou?

Para que o Espírito nos leve às solidões interiores, como Jesus ao deserto, devemos ofertar-lhe as nossas. Sem recolhimento não há inspiração. Mas sob a luz da lâmpada, como num firmamento, reúnem-se todos os astros do pensamento.

Quando a calma do silêncio instaura-se em você e somente o fogo sagrado crepita, longe da balbúrdia das ruas, e quando a paz, que é a *tranqüilidade da ordem*, estabelece a ordem dos pensamentos, dos sentimentos, das investigações, você está na disposição ideal para aprender, você é capaz de reunir, para depois criar; está exatamente no umbral da obra: não é momento para pensar nas misérias, para deixar correr o tempo e vender o Céu por ninharias.

A solidão permite-lhe estar em contato consigo mesmo, contato absolutamente necessário se você quer realizar-se, você, alguém que não pretende ser o papagaio de algumas fórmulas aprendidas, mas o profeta do Deus interior que a cada um fala numa linguagem única.

Retornaremos com mais atenção a essa idéia de uma instrução especial para cada um, de uma formação que é uma *educação*, ou seja, uma ampliação da nossa alma, alma única, à qual não houve nem haverá outra igual por todos os séculos, pois Deus não se repete. É preciso saber, entretanto, que não se sai assim de si mesmo senão vivendo consigo, de muito perto, na solidão.

O autor da *Imitação* dizia: "Jamais estive entre os homens sem ter retornado menos homem". Leve a idéia mais longe e diga: sem ter retornado menos homem do que eu era, menos eu mesmo. Na multidão, perdemo-nos, a não ser que nos mantenhamos firmes, e para tanto é preciso criar essa firmeza. Na multidão, ignoramos a nós mesmos, encobertos por um *eu* estranho que é um aglomerado.

"Qual é teu nome?" — "Legião", seria a resposta do espírito disperso e dissipado na vida exterior.

Os higienistas recomendam para o corpo o banho da água, o banho de ar e o banho interior de água pura; eu acrescentaria para a alma o banho de silêncio, a fim de tonificar o organismo espiritual, de acentuar sua personalidade e dar-lhe o sentimento ativo dela, como o atleta sente seus músculos e prepara o seu desempenho pelos movimentos interiores que são sua vida mesma.

Ravignan disse: "A solidão é a pátria dos fortes, o silêncio é sua oração". Que oração à Verdade, de fato, e que força de cooperação com sua influência há no recolhimento prolongado, freqüentemente retomado, em horas certas, como um encontro marcado que deverá pouco a pouco tornar-se contínuo, uma vida estreitamente comum! "Não se pode", disse São Tomás, "contemplar o tempo todo; mas quem vive para a contemplação, quem orienta para ela todo o restante e a retoma sempre que pode, dá-lhe uma espécie de continuidade, tanto quanto é possível nesta Terra".[6]

Também haverá nela certa doçura, pois "a cela bem guardada torna-se doce": *cella continuata dulcescit*. Ora, a doçura da contemplação é parte de sua eficácia. O prazer,

explica São Tomás, aperta a alma contra seu objeto, como um torno; reforça a atenção e amplia as capacidades de aquisição, que a tristeza ou o tédio reduzem. Quando a verdade apodera-se de você, e as plumas de suas asas são postas sob sua alma a fim de alçá-lo com harmoniosos impulsos, é momento de subir com ela e, enquanto ela o sustentar, planar nas mais altas regiões.

Você não se tornará o isolado que condenamos há pouco; não estará longe dos seus irmãos por ter abandonado o ruído que fazem e que os separa espiritualmente, impedindo assim a verdadeira fraternidade.

O próximo, para você, intelectual, é aquele que tem sede da verdade, como o próximo do bom samaritano era o homem ferido na estrada. Antes de dar a verdade, é preciso adquiri-la; e não jogue fora o grão da sua semeadura.

Se a frase da *Imitação* é verdadeira, longe dos homens você será mais homem e estará mais perto dos homens. Para conhecer a humanidade e para servi-la é preciso entrar em si mesmo, lá onde todos os nossos objetos entram em contato conosco e recebem de nós tanto nossa força de verdade quanto nossa potência de amor.

Só nos podemos unir a alguma coisa na liberdade interior. Deixar-se prender, perturbar, seja por pessoas ou por objetos, é trabalhar pela desunião. Longe dos olhos, perto do coração.

Jesus mostra-nos muito bem que podemos ter uma vida toda interior e toda dedicada aos outros, toda para os homens e toda em Deus. Ele guardou sua solidão; tocou a multidão sempre com uma alma silenciosa, cuja palavra é como a porta estreita para o comércio da divina caridade. E que soberana eficácia nesse contato que reservava tudo, exceto o espaço preciso para que Deus pudesse passar e as almas juntarem-se a Ele!

Não deveria precisamente haver lugar, entre Deus e a multidão, senão para o Homem-Deus e para o homem de Deus, para o homem da verdade e do dom. Quem acredita

que está unido a Deus sem estar unido a seus irmãos é “um mentiroso”, disse o apóstolo;[7] não passa de um falso místico e, intelectualmente, de um falso pensador; mas aquele que está unido aos homens e à natureza sem estar unido a Deus no seu íntimo, sem freqüentar o silêncio e a solidão, não passa de um súdito de um reino de morte.

III. COOPERAR COM OS SEUS PARES

Todas as nossas explicações mostram claramente que a solidão cujo elogio acabamos de fazer é um valor que deve ser temperado com outros valores conexos, que o complementam e o utilizam. Não louvamos a solidão gratuitamente. O sacrifício do convívio e da simpatia dos nossos irmãos tem uma compensação. Só temos direito ao *esplêndido isolamento*. Ora, não será este tanto mais rico, tanto mais fecundo se a convivência superior buscada no recolhimento for favorecida por freqüentações escolhidas e medidas com sabedoria?

A principal freqüentação de um intelectual, aquela que o qualificará em consonância com o que ele é, sem prejuízo de suas necessidades e de seus deveres humanos, é a freqüentação de seus pares. Digo freqüentação, mas seria melhor dizer cooperação, pois freqüentar-se sem cooperar não é próprio de intelectuais. Mas como é rara essa conjunção de espíritos, nestes tempos de individualismo e de anarquia social! O Padre Gratry já o deplorava; pensava em Port-Royal e queria fazer do Oratório “um Port-Royal menos o cisma”.

> Quanto sofrimento poderíamos evitar — dizia — se soubéssemos viver unidos e cooperar! Se em grupos de seis ou sete, unidos no mesmo pensamento, ensinássemos uns aos outros, tornando-nos recíproca e alternadamente alunos e mestres; se até, por não sei que concurso de circunstâncias favoráveis, pudéssemos viver juntos! Se, além das aulas da tarde e dos estudos sobre elas, conversássemos à noite, até mesmo durante o jantar, sobre todas essas belas coisas, aprendendo assim ainda mais pela conversação e por infiltração do que pelas próprias aulas![8]

Os ateliês de outrora, e sobretudo os ateliês de arte, eram compostos de amigos, eram famílias: o ateliê hoje é uma prisão, ou então um sindicato. Mas não poderíamos criar, premidos por uma necessidade que cresce cada vez mais em nosso ambiente, um ateliê familiar ampliado, aberto e não mais concentrado como antes? Seria este o momento de conceber e fundar o ateliê intelectual, uma associação de trabalhadores entusiastas e aplicados, livremente reunidos, vivendo na simplicidade, na igualdade, sem que nenhum deles pretenda impor-se sobre os outros, mesmo que tivesse uma reconhecida superioridade, que seria preciosa para o grupo. Longe de qualquer competição e do orgulho, buscando somente a verdade, os amigos assim reunidos multiplicariam uns aos outros, por assim dizer, e a alma comum teria uma riqueza materialmente inexplicável.

É preciso ter uma alma muito forte para trabalhar sozinho! Ser sozinho toda uma sociedade intelectual, ser seu próprio estímulo e apoio, encontrar em um pobre querer isolado tanta força quanto pode haver num movimento de massa ou na dura necessidade, é um verdadeiro heroísmo! No princípio há muito entusiasmo; depois, com as dificuldades, surge o demônio da preguiça: “Para quê?”. Nossa visão do objetivo se enfraquece; os frutos estão muito distantes ou nos parecem amargos; sentimo-nos vagamente enganados. É certo que o apoio de alguém, a cooperação, o exemplo, teriam uma extraordinária eficácia contra esse *spleen*; dariam a muitos essa potência de imaginação e essa constância de virtude que são privilégio de poucos e que entretanto são necessárias à busca constante de um grande objetivo.

Nos conventos, onde não há conversas, onde não há visitas, a influência de uma série de celas laboriosas anima e revigora cada asceta; esses alvéolos aparentemente isolados formam uma colméia; o silêncio é coletivo e o trabalho conjunto; o acordo das almas ignora as paredes; um mesmo espírito reina, e a harmonia dos pensamentos

abarca cada um deles como um motivo sinfônico que a onda geral dos sons carrega e prolonga. Quando em seguida os diálogos intervêm, o concerto se enriquece; cada um exprime e escuta, aprende e ensina, recebe e dá, e recebe conforme dá, e talvez este último aspecto da cooperação deva ser o mais cobiçado.

A amizade é uma maiêutica; extrai de nós os nossos mais ricos e mais íntimos recursos; abre as asas dos nossos sonhos e dos nossos pensamentos obscuros; controla nossos juízos, experimenta nossas idéias novas, conserva o ardor e inflama o entusiasmo.

Temos hoje um exemplo disso nos jovens grupos e nas jovens revistas, cujos dedicados membros assumem uma tarefa e devotam-se a uma idéia. Os *Cahiers de la Quizaine* nasceram dessa vocação; a *Amitié de France*, a *Revue des Jeunes*, as *Revues de Juvisy* e *du Saulchoir* compenetram-se cada vez mais dessa realidade. Neles, nem sempre se vive em conjunto, mas trabalha-se com um só coração, uns cooperando com os outros, uns corrigindo os outros, todos protegidos e provocados ao mesmo tempo por um ambiente cuja essência deve-se a um pensamento criador ou por uma grande tradição.

Procure, se puder, juntar-se a uma fraternidade desse tipo, ou criar uma, se necessário.

Em todo caso, mesmo no isolamento material, busque em espírito a companhia dos amigos da verdade. Junte-se aos seus grupos, sente-se amigavelmente com eles e com todos os buscadores, com todos os trabalhadores que a cristandade reúne. A *comunhão dos santos* não é um falanstério; é, porém, uma unidade. "A carne" — por si mesma — "para nada aproveita";[9] o espírito, sozinho, pode alguma coisa. A unanimidade útil consiste menos em estar reunido com um grupo em uma prisão ou em um grupo catalogado do que em cada um esforçar-se, com o sentimento de que outros também se esforçam, concentrando-se em algo sobre o que outros também se

concentram, de tal maneira que uma tarefa seja realizada, que um mesmo princípio de vida e de atividade presida, e que as peças do relógio, cada uma sendo objeto da atenção exclusiva de um trabalhador em sua oficina, tenham a Deus por montador.

IV. CULTIVAR AS RELAÇÕES NECESSÁRIAS

Eu também já disse que a solidão do pensador não exclui seus deveres, nem ignora suas necessidades. Há relações necessárias. E já que são necessárias, fazem parte da sua vida, mesmo como intelectual, pois não separamos o intelectual do homem. Cabe a você ligá-las à intelectualidade de tal forma que não somente não a entravem, mas sejam postas a seu serviço.

Sempre se pode fazê-lo. O tempo dedicado ao dever ou a uma real necessidade jamais é perdido; o cuidado consagrado a eles é uma parte da vocação e só lhe seria contrário se ela fosse considerada abstratamente, sem levar em conta a Providência.

"Não devemos pensar", escreveu Maine de Biran em seu diário, "que o único e melhor emprego do tempo consiste em um trabalho do espírito regrado, contínuo e tranqüilo. Todas as vezes que agimos bem, em conformidade com a situação em que nos encontramos, fazemos um bom uso da nossa vida".

Não vá pensar que sua obra vale mais do que você, e que mesmo um suplemento de possibilidades intelectuais pode prevalecer sobre o seu próprio aperfeiçoamento. O que deve ser feito, o que é preciso ser feito, faça-o; se a sua humanidade o exige, ela bem saberá integrá-lo em si mesma. O bem é irmão do verdadeiro: ele ajudará seu irmão. Estar onde se deve estar, fazer o que se deve fazer, é preparar a contemplação, alimentá-la, e deixar Deus por causa de Deus, como dizia São Bernardo.

É doloroso sacrificar preciosas horas em freqüentações e assuntos que em si mesmos são inferiores ao nosso ideal; mas como o curso deste mundo é também feito para aliar-se à virtude, devemos pensar que a virtude extrairá dele sua parte, a virtude intelectual ou a virtude moral. Em certos dias, será unicamente através da moralidade que a intelectualidade ganhará seu pão, apesar das suas concessões virtuosas; em outras circunstâncias, ela o ganhará por si mesma.

Portanto, não esqueça que nas freqüentações, mesmo nas mais corriqueiras, há sempre algo que se pode colher. Solidão em excesso empobrece. Alguém escreveu, recentemente: “Parece-me que o problema dos romancistas atuais é este: se não andam pelo mundo, seus livros são ilegíveis, e se andam, não têm tempo para escrevê-los”. Angústia da medida, que encontramos sempre! Mas, romancista ou não, você deve sentir muito bem que não pode isolar-se completamente. Nem os monges o fazem. É preciso preservar, em vista do trabalho, o sentimento da alma comum, da vida, e como fazê-lo se, rompendo a relação com os homens, viver apenas com uma humanidade pensada?

O homem isolado demais torna-se tímido, abstrato, um pouco bizarro; titubeia no mundo real como um marinheiro recém-desembarcado; não tem mais o senso de seu destino; parece olhar-nos como a uma “proposição” que deve ser inserida em um silogismo, ou como um exemplo a ser registrado num bloco de notas.

A infinita riqueza da realidade também tem muito a nos ensinar; é preciso freqüentá-la em espírito de contemplação, mas não abandoná-la. E o que para nós há de mais importante na realidade não é o próprio homem, o homem que é o centro de tudo, finalidade última de tudo, espelho de tudo e que convida o pensador de qualquer especialidade a um permanente confronto?

Na medida em que podemos escolher, devemos organizar nossa vida de modo a estar tanto quanto possível em contato com pessoas superiores. Também a isso a mulher de um intelectual deve estar atenta. Que não abra a porta da casa para qualquer um; que seu tato seja como um crivo; ao convívio com a alta sociedade, anteponha o trato com as grandes almas; às pessoas conhecidas como “espirituosas”, prefira gente de peso, instruída e de juízo firme, consciente de que no mundo se é tanto mais considerado um homem de espírito quanto melhor se tiver destruído a própria inteligência. E que sobretudo ela não vá, por leviandade, por vaidade, por qualquer interesse sem conseqüência, levar seu marido aos lares dos tolos.

Que digo eu? Os tolos também concorrem para nos servir e para completar nossa experiência. Mas não os procure — eles são legião! Aqueles, porém, que encontrar, saiba utilizá-los: intelectualmente, como uma espécie de contra-prova, e, humanamente, cristãmente, para o exercício de virtudes de que eles se tornam os clientes.

A sociedade é um livro que deve ser lido, apesar de ser um livro banal. A solidão é uma obra-prima; mas lembre-se do que disse Leibniz, que nunca encontrara um livro tão ruim que não lhe pudesse oferecer alguma coisa. Você não pensa sozinho, como não pensa apenas com a inteligência. Sua inteligência associa-se com suas outras faculdades, sua alma com o seu corpo, sua pessoa com as suas relações; tudo isso é o seu ser pensante: componha-o da melhor maneira possível; e que até as suas taras, como as suas enfermidades, tornem-se valores, por alguma feliz indústria de sua grandeza de alma.

De resto, nas freqüentações, comporte-se de tal maneira que sempre o seu espírito e o seu coração dominem a situação: assim, não será nem invadido nem contaminado quando o meio for medíocre, e, caso ele seja nobre, o que ele fará é reforçar em seu interior os efeitos da solidão, o amor à verdade e as lições que ela lhe dá.

Nossos contatos com o exterior deveriam ser como os do anjo, que toca e não é tocado, a menos que o queira; que dá e que nada perde, já que pertence a um outro mundo.

Pela moderação dos discursos você obterá também essa constância do recolhimento e essa sabedoria nas relações que é tão urgente adquirir. Falar para dizer o que é preciso ser dito, para exprimir um sentimento oportuno ou uma idéia útil, e depois calar-se, é o segredo para preservar-se sem deixar de comunicar-se, sem permitir que a chama se extinga, a fim de acender outras chamas.

É também o meio de dar peso às suas palavras. A fala tem peso quando percebemos o silêncio por baixo dela, quando ela oculta e deixa adivinhar, por detrás das palavras, um tesouro que ela distribui como convém, sem pressa e sem uma agitação frívola. O silêncio é o conteúdo secreto das palavras que pesam. O que dá valor a uma alma é a riqueza do que ela não diz.

V. CONSERVAR A DOSE NECESSÁRIA DE AÇÃO

O que dissemos sobre as freqüentações aplica-se à ação com poucos retoques. Trata-se sempre de dosar a vida interior com a exterior, o silêncio com o ruído.

A vocação intelectual, tomada estritamente, é o contrário da ação; a *vida contemplativa* e a *vida ativa* sempre foram contrapostas como resultantes de pensamentos e aspirações contrárias. A contemplação recolhe, a ação despende; uma atrai a luz, a outra ambiciona o dom.

Falando de maneira geral, é evidente que devemos resignar-nos à divisão de tarefas, contentando-se cada um em louvar aquilo que não faz, em amar os seus frutos e usufruir deles graças à comunhão das almas. Mas a vida real não permite uma separação tão rigorosa.

O dever pode exigir a ação como há pouco ele exigia a vida social, e também deve beneficiar-se de nossas observações. A ação regrada pela consciência prepara essa

mesma consciência aos cânones do verdadeiro, dispõe-na ao recolhimento, quando tiver chegado sua hora, une-a à Providência que também é a fonte da verdade. O pensamento e a ação têm o mesmo Pai.

Além disso, mesmo sem uma obrigação específica, é sempre necessário ao pensador reservar uma parte de seu tempo e de seu coração à vida ativa. Essa parte é às vezes diminuta; no sábio ela nunca é nula. O monge trabalha com as mãos ou dedica-se a obras de zelo; o bom médico tem sua clínica, seu hospital; o artista tem suas exposições, sua sociedade, suas turnês ou suas conferências; o escritor é solicitado de tantas maneiras que teria dificuldade em não se engajar em nenhum compromisso.

Tudo isso é bom, pois, se neste mundo tudo tem sua medida, a vida interior também deve ter a sua. Ela necessita que a ação seja limitada e ceda lugar à solidão, porque a ação exterior agita a alma, e o silêncio a tranqüiliza; mas se o silêncio é levado longe demais também passa a agitar; a confluência de todo o homem em sua cabeça desorienta e dá vertigens; uma diversão é indispensável à vida cerebral; precisamos do bálsamo da ação.

Há razões fisiológicas para isso, sobre as quais não falarei; as razões psicológicas apóiam-se nelas e reduzem-se mesmo a elas, já que a alma, enquanto distinta do corpo, não conhece a fadiga. Mas o composto animado cansa-se do repouso como do desgaste; ele requer um equílibro cujo centro de gravidade aliás pode deslocar-se e variar de homem para homem. O corpo imóvel logo se atrofia e se enerva; a alma que o imita atrofia-se e irrita-se. À força de cultivar o silêncio, pode-se acabar no silêncio da morte.

Por outro lado, a vida intelectual precisa do alimento dos fatos. Encontramos fatos nos livros; mas todos sabem que uma ciência puramente livresca é frágil; sofre do mal da abstração; perde qualquer contato e, por conseguinte, oferece ao juízo uma matéria muito diáfana, quase ilusória.

“És um balão cativo”, dizia para si mesmo Amiel; “não deixes que se rompa o cabo que te prende à terra”.

São Tomás consagra um artigo da *Suma* a provar a necessidade de apoiarmo-nos na realidade para julgar, porque, diz ele, a realidade é o fim último do juízo; ora, a finalidade deve lançar sua luz sobre todo o percurso.[10]

As idéias estão nos fatos, não vivem por si mesmas, como queria Platão: essa visão metafísica tem conseqüências práticas. O homem de pensamento deve permanecer junto àquilo que é, senão seu espírito vacila. Que é o sonho senão um pensamento separado da comunicação com o exterior, um pensamento que nada quer? O sonho inconsistente é o escolho do pensamento puro; temos que descartá-lo, pois ele é uma causa de impotência e de queda. O pensamento apóia-se nos fatos como os pés no chão, como o doente nas muletas.

A dose de ação adequada ao pensador terá então esta vantagem: estabilizar-lhe o espírito. Terá igualmente a de enriquecê-lo. Quantas experiências a vida nos oferece a cada dia! Nós as deixamos passar, mas o pensador profundo recolhe-as e com elas compõe seu tesouro; seus quadros espirituais serão pouco a pouco cheios delas, e suas idéias gerais, controladas por um lado, serão por outro lado ilustradas com uma documentação vivente.

A idéia, privada de seus elementos experienciais, de seus *fantasmas*, é em nós apenas um conceito vazio, que não é possível sequer perceber. Na medida em que os fantasmas são ricos, o pensamento é amplo e forte. Ora, a ação encontra sempre em seus caminhos elementos assimiláveis e “fragmentos de vida”, que serão a figuração de suas idéias abstratas. Encontra neles aliás mais do que pode usar, pois a realidade é uma espécie de infinito que nenhuma análise, nenhum cômputo racional é capaz de abarcar.

Coloque um artista perante uma árvore; ele fará inumeráveis esboços, e jamais pensará que traduziu

inteiramente o que a natureza exprime; coloque-o perante um esboço de árvore, ou mesmo perante uma árvore de um Claude Lorrain ou de um Corot: se a copiar meticulosamente, terá esgotado o modelo.

O individual é inefável, diziam os antigos filósofos. O individual é o real, por oposição aos temas do espírito. Mergulhando na realidade através da ação, encontramos nessa matéria novas formas, como o artista, ao realizar sua concepção, alimenta-a, retifica-a e completa-a.

Enfim, esse instrutor que é a ação é ao mesmo tempo um professor de energia cujas aulas não serão inúteis a um solitário. Por suas propostas e por suas resistências, por suas dificuldades, seus revezes, seus sucessos, pelo tédio e o cansaço que ela obriga a vencer, pelas contradições que não deixa de enfatizar e pelas novas necessidades que faz surgir, ela nos estimula e refaz nossas forças; socorre essa preguiça fundamental e essa orgulhosa quietude que não são menos hostis ao pensamento que às realizações.

As virtudes exteriores virão assim em socorro das virtudes interiores; a investigação ativa servirá ao recolhimento; a coleta preparará o mel. O pensamento, alternadamente mergulhado nos dois abismos, o do real e o do ideal, fortificado por uma vontade aguerrida, iluminado e prevenido pelas *razões do coração* que a ação põe constantemente em jogo, será um instrumento de pesquisa e um árbitro da verdade muito diferente de uma razão empoleirada na árvore de Porfírio.

Gostaria de ver nosso homem de estudos envolvido sempre com um empreendimento pouco oneroso, ao qual consagraria um tempo bem delimitado, sem ceder ao arrebatamento, mas realmente interessado, e de todo coração, nos resultados, que devem ser para ele como a lenha que alguns vão rachar para descansar a cabeça. Agir sem entregar-se inteiramente à ação não é agir como homem, e nem o repouso do homem, nem sua instrução, nem sua formação podem resultar disso. Por isso, se não

tiver causas que se imponham a você, procure aquelas que podem apaixoná-lo em virtude do seu valor, obras de luz, de ascensão, de preservação, de progresso, ligas para o bem público, sociedades de defesa e de ação social, qualquer empreendimento que mereça que um homem lhe consagre, senão uma vida inteira, ao menos todo o seu ser. Dedique-lhe as horas em que a inspiração pede ou mesmo exige uma pausa para seu próprio benefício. Depois, você a retomará, e o Céu a que ela o conduzirá lhe será muito mais doce por ter experimentado, junto com seus tesouros, os perigos, os lodaçais e as asperidades da Terra.

VI. MANTER EM TUDO O SILÊNCIO INTERIOR

Parece-me resultar de tudo isso que a solidão útil, o silêncio, o recolhimento do pensador, são realidades mitigadas, e animadas por um espírito muito exigente. É em vista do recolhimento, do silêncio e da solidão íntima que a ação e as freqüentações são admitidas, e é por eles que elas são dosadas. É assim que deve ser, se o intelectual é um consagrado, e se "não se pode servir a dois senhores".[11]

O espírito de silêncio, portanto, será sempre exigido. É sobretudo ele o mais importante. É comum dizerem que a solidão é a mãe das obras. Não ela, mas o estado de solidão. Tanto que podemos, a rigor, conceber uma vida intelectual alicerçada sobre um trabalho de duas horas diárias. Você pensa que, cumpridas essas duas horas, poderia então comportar-se como se elas não existissem? Seria um grande equívoco. Essas duas horas são dedicadas à concentração, mas a consagração de toda a vida não deixa de ser exigida.

Um intelectual deve ser um intelectual o tempo todo. O que São Paulo aconselha ao cristão: "Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus",[12] deve também se aplicar ao cristão que busca a luz. A glória de Deus é para ele a verdade: deve

pensar nela onde estiver, submeter-se a ela em todas as coisas. A solidão que lhe é recomendada é menos uma solidão local que uma solidão de recolhimento; ela é mais elevação que separação; consiste em isolar-se pelo alto, graças ao dom de si às coisas superiores e mediante a fuga das veleidades, das divagações, do movimento e de toda vontade caprichosa; ela realiza a *conversatio nostra in caelis* do Apóstolo,[13] elevando nossa morada e nossas relações ao Céu dos espíritos.

Ficar em casa e se entregar ao falatório interior, à atração dos desejos, à exaltação do orgulho, ao fluxo dos pensamentos que introduzem em nós um exterior absorvente e pleno de discórdias, seria isto a verdadeira solidão? Há uma falsa solidão como há uma falsa paz. Ao contrário, sair e agir por dever, por sabedoria ou para suscitar uma descontração cuja necessidade voltaremos a enfatizar mais adiante, pode ser uma solidão superior, que alimenta e tonifica a alma em vez de apequená-la.

O que Santo Agostinho chama de "pureza da solidão" pode ser preservada em qualquer lugar; sua impureza pode contaminar seu próprio refúgio. "Podes estar numa cidade", escreveu Platão, "como um pastor em sua cabana no alto de uma montanha". Mantenha a inspiração interior, a reserva, o amor àquilo a que se entregou, mantenha consigo o Deus verdadeiro, e estará só em pleno universo.

---

1. Dt 22, 10.
2. 1Co 1, 13.
3. Gn 2,18.
4. Paul Adam, *Dieu* [Deus], p. 67. La Phalange, Paris, 1924 — NT.
5. Escárneos, zombarias — NT.
6. *Suma teológica*, Ia IIae, q. 3, a. 2, ad 4.
7. 1Jo 4, 20.
8. Alphonse Gratry, *Les Sources*, cap. 7, p. 70. Ed. Librarie P. Téqui, Paris, 1876.
9. Jo 6, 64.
10. *Suma teológica*, Ia, q. 84, a. 8.
11. Mt 6, 24.
12. 1Co 10, 31.
13. Fp 3, 20.

IV

O tempo do trabalho

I. O TRABALHO PERMANENTE

JÁ qualificamos de diversas maneiras o labor intelectual; precisamos agora observar mais de perto suas diversas condições e antes de tudo o tempo que o pensador lhe consagra.

O estudo já foi chamado de *uma oração à verdade*. Ora, a oração, diz o Evangelho, não deve ser interrompida jamais: “Importa orar sempre e não cessar de fazê-lo”.[1] Sei que esse texto pode ser lido de maneira ampla; significaria então: não deixe passar um dia, uma semana, um longo período sem dirigir-se a Deus. Mas nossos doutores sempre evitaram interpretar estreitamente tão grande conselho; tomaram-no literalmente e extraíram dele uma profunda doutrina.

A oração é a expressão de um desejo; seu valor provém de nossa aspiração interior, de seu teor e de sua força. Tire-lhe o desejo, e a oração se desfaz; altere-lhe, e ela se modifica; fortifique ou atenue seu impulso, e a oração alça vôo ou perde suas asas. Inversamente, suprima a expressão preservando o desejo, e a oração, sob muitos aspectos, permanece intacta. Uma criança que nada diz, mas fixa um olhar ardente sobre um brinquedo em uma vitrine, e depois olha para a mãe que sorri, não formula a mais comovente oração? Mesmo sem ter visto nada, o desejo do brinquedo, inato na criança como a sede de agir, não é para os seus uma oração permanente que eles atendem?

“Importa orar sempre” equivale portanto a dizer: é preciso desejar sempre as coisas eternas, as coisas do tempo que as favorecem, o pão cotidiano de toda natureza e de toda oportunidade, a vida em todos os seus esplendores, terrestres e celestes.

Aplique este comentário à oração ativa do estudo e entrará em considerações extremamente preciosas. O pensador é

um consagrado; entretanto é um pensador em atividade apenas por algumas horas. Carlyle dizia: “Acho que nenhum literato consagrou à literatura um quinto do seu tempo”. Já que a maior parte de sua vida transcorre num nível mediano ou baixo, é preciso que o homem das alturas desça e incline-se: que lucro, se conseguir não se dobrar completamente!

Como a oração pode durar o tempo todo, já que é um desejo e o desejo permanece, por que o estudo não poderia durar o tempo todo, sendo também um desejo e um apelo da verdade?

O desejo de saber define nossa inteligência como potência vital. Instintivamente queremos conhecer, como queremos pão. Se a maioria dos homens apega-se a desejos mais terrenos, o pensador tem isto de particular: o desejo de saber o absorve. Por que não fazer esse desejo trabalhar, fazê-lo trabalhar, digo, constantemente, como um curso de água em que se instalaram turbinas?

É possível fazê-lo, e a psicologia o prova, bem como a experiência. O cérebro trabalha o tempo todo; as turbinas que exijo existem, giram, acionam um sistema de engrenagens do qual surgem as idéias como as centelhas de um dínamo em seu máximo rendimento. Os processos nervosos encadeiam-se numa série contínua e não param, como os movimentos do coração e o sopro em nossos pulmões. O que falta para usar em favor da verdade essa vida permanente? Unicamente disciplina. Os dínamos têm que estar conectados às turbinas, as turbinas à corrente; o desejo de conhecer tem que acionar regularmente, e não uma vez ou outra, o funcionamento cerebral consciente e inconsciente.

A maior parte de nossa atividade nervosa não serve para nada, pois não é captada. Na verdade, não podemos captá-la toda, pois nosso poder sobre ela é relativo e, se forçarmos o rendimento, quebraremos a máquina; mas o que é possível só é desejado por muito poucos; o hábito tem

nisso um grande peso; se for bem montada, essa máquina agirá como uma segunda natureza, e é aqui que entram nossos conselhos práticos.

"Tudo que puderes", diz São Tomás ao homem de estudos, "procura conservar na arca do espírito, como quem anseia encher um cântaro". Voltaremos a essa comparação, que poderia gerar equívocos; mas trata-se aqui do cuidado em adquirir, e não do modo de fazê-lo. O que importa ao homem da verdade é compreender que a verdade está em todo lugar, e que ele não deixe de aproveitar esse fluxo contínuo para ativar sua alma.

"A sabedoria clama nas ruas", diz a Bíblia; "levanta a sua voz nas praças; prega à entrada dos lugares ruidosos; às portas da cidade faz ouvir suas palavras: até quando, ignorantes, amareis vossa ignorância? [...] Convertei-vos [...] e eu espalharei sobre vós meu espírito [...] estendo minha mão e ninguém me dá atenção".[2] Esse veemente apelo da verdade, quando atendido, amplia um espírito e o enriquece mais que muitas horas de trabalho. Estas continuam sendo necessárias; mas a luz que nelas se concentra expande-se de tal modo que cobre quase toda a vida; surge uma corrente que ilumina os resultados do pensamento difuso e retorna a ele para lhe dar uma orientação, um alcance habitual e, por conseguinte, fecundidade.

Veja o que acontece quando você deseja mobiliar um apartamento. Até então, não pensava em móveis, a ponto de, circulando pelas ruas de Paris, onde, de cada quatro lojas, uma é um antiquário, você nem sequer os via; suas formas não chamavam sua atenção; você ignorava as tendências da moda, as chances de encontrar algo interessante, a especialidade de cada quarteirão, os preços, etc. Ao contrário, quando seu espírito é despertado pelo desejo, tudo o atrai, tudo o detém; Paris torna-se um imenso magazine, e você descobre em oito dias o que levaria uma vida inteira para aprender.

A verdade está mais disseminada que os móveis. Ela "clama nas ruas" e não nos abandona quando a abandonamos. As idéias estão nos fatos; estão também nas conversações, nos acasos, nos espetáculos, nas visitas e nos passeios, nas leituras mais banais. Tudo contém tesouros, porque tudo está em tudo, e um certo número de leis da vida ou da natureza governam tudo o mais.

Newton teria descoberto a gravitação se sua atenção ao real não lhe tivesse advertido e preparado para perceber que as maçãs caem como os mundos? As leis da gravidade dos espíritos, as leis sociológicas, filosóficas, morais e artísticas também são aplicáveis a tudo. Um grande pensamento pode nascer a partir de qualquer fato. Em toda contemplação, seja de uma mosca ou de uma nuvem que passa, há uma oportunidade de infinitas reflexões. Qualquer raio de luz pode levar ao Sol; qualquer caminho aberto é um corredor que conduz a Deus.

Ora, poderíamos captar essas riquezas se estivéssemos presentes. Olhando para tudo em espírito de inspiração, veríamos em tudo lições, profecias da verdade ou confirmações, prenúncios e conseqüências. Mas em geral não estamos presentes, ou não prestamos atenção. "Todo mundo olha o que eu olho", dizia Lamennais a Saint-Malo, "diante de um mar tempestuoso; mas ninguém vê o que eu vejo".

Crie o hábito de estar presente a esse jogo do universo material e moral. Aprenda a ver; confronte o que se oferece a você com as suas idéias familiares ou secretas. Não veja numa cidade unicamente suas casas, mas a vida humana e a história. Que um museu não lhe apresente quadros, mas escolas de arte e vida, concepções do destino e da natureza, orientações sucessivas ou diversas da técnica, do pensamento inspirador, dos sentimentos. Que um ateliê não lhe fale somente de ferro e de madeira, mas da condição humana, do trabalho, da economia antiga e da moderna, das relações entre as classes. Que as viagens ensinem-no

sobre a humanidade; que as paisagens evoquem aos seus olhos as grandes leis do mundo; que as estrelas lhe falem das durações incomensuráveis; que os seixos da estrada sejam para você o resíduo da formação da Terra; que a visão de uma família desperte em você a visão das gerações, e que uma simples visita ensine-lhe sobre a mais alta concepção do homem. Se não conseguir ver dessa maneira, não se tornará ou não será mais que um espírito banal. Um pensador é um filtro em que a passagem das verdades deixa sua melhor substância.

Aprenda a escutar, e escute sempre, seja a quem for. Se é nos mercados, como queria Malherbe, que se aprende a própria língua, é também nos mercados, ou seja, na vida corrente, que se aprende a língua do espírito. Uma multidão de verdades circula nos mais simples discursos. Uma única palavra ouvida com atenção pode ser um oráculo. Um camponês é às vezes muito mais sábio que um filósofo. Todos os homens se unem quando mergulham no fundo de si mesmos; e se alguma impressão profunda, um retorno instintivo ou virtuoso à simplicidade original, afastar as convenções, as paixões que normalmente desviam-nos de nós mesmos ou dos outros, ouvimos sempre um discurso divino quando um homem nos fala.

Em cada homem está todo o homem, e uma profunda iniciação pode nos vir daí. Se você é um romancista, não sente o que pode extrair disso? O maior dos romancistas forma-se na soleira das portas; o menor, na Sorbonne ou nos salões. Apenas, em vez de se misturar, o grande observador preserva-se, vive em si mesmo, eleva-se, e a vida mais ínfima surge-lhe como um grande espetáculo.

Ora, o que busca o romancista pode servir a todos, pois todos têm necessidade dessa experiência profunda. O pensador não é verdadeiramente um pensador se não encontra no mais leve estímulo exterior a ocasião de um ímpeto sem fim. Seu caráter consiste em guardar por toda a vida a curiosidade da infância, a vivacidade de suas

impressões, sua tendência a ver tudo sob o ângulo do mistério, sua venturosa faculdade de encontrar em tudo fecundas surpresas.

E fique especialmente atento quando tiver a felicidade de conversar com alguém que sabe e que pensa. Que tristeza ver homens de elite tão pouco úteis a seus conhecidos! São praticamente identificados com os simplórios; toma-se deles o que têm de comum, não o que têm de raro. Há neles um tesouro, e fica-se brincando com a chave em vez de abri-lo. Ri-se às vezes da sua falta de jeito, das pequenas esquisitices de quem vive em abstrações, e isto não tem nada de mais; mas o que é uma tolice é tomar um ar de superioridade e ignorar o que há de grandioso neles.

Os grandes valores são bastante raros para serem deixados assim sem proveito. Eles aproveitam-se de si mesmos, e todo mundo aproveita-se deles sem perceber; mas quem o percebe pode receber uma instrução e um ímpeto que talvez determinem toda uma existência. Muitos santos, muitos líderes, exploradores, cientistas, artistas, chegaram a ser o que foram por ter encontrado uma personalidade eminente e ter escutado a voz de uma alma. Os ecos desse apelo mudo ressoaram neles até o fim de suas vidas, e era um clamor que os levava adiante; uma invisível corrente os carregava. A palavra de um grande homem, como a de Deus, é muitas vezes criadora.

Diz-se que os grandes homens só são grandes depois de morrerem. A maioria não os reconhece. Talvez alguém que tenha o valor de um Descartes esteja sentado ao seu lado, e você não o escuta, não o interroga, discute com um espírito belicoso, corta-lhe a palavra para dizer baboseiras. E mesmo que ele não tenha uma tal estatura, sendo porém um grande espírito, por que você deixa que ele oculte ou carregue silenciosamente sua riqueza?

Observando e escutando (não falo em leituras porque voltaremos a elas), você aprenderá a refletir, fará seu e adaptará às suas necessidades o que tiver adquirido. As

grandes descobertas são fruto da reflexão sobre fatos comuns a todos. Muitos passaram por algo milhares de vezes sem nada ver, e um dia, o homem de gênio observa as relações que há entre o que ignoramos e isso que estava na nossa cara minutos atrás. Que é a ciência senão a lenta e sucessiva cura de nossa cegueira? É verdade que a observação precisa ser preparada pelos estudos e pelas soluções anteriores. Quem busca, encontra. A quem tem é que será dado. Por isso falei de um vaivém entre as luzes interiores e as exteriores. É preciso que o espírito esteja numa perpétua disposição para refletir, e numa perpétua disposição para ver, para ouvir, para apanhar em pleno vôo, como o bom caçador, a ave que surge.

Sejamos ainda mais precisos, e digamos que esse despertar do espírito pode ser de proveito não apenas para a cultura em geral, mas também para a nossa especialidade, para nosso estudo atual, para o trabalho que estamos desenvolvendo. Leve seus problemas consigo. O cavalo de aluguel faz seu percurso e volta para a baia; o corcel livre tem sempre as narinas ao vento.

Já que a verdade está por toda parte e que tudo está relacionado, por que não estudar cada questão em contato com o que lhe está próximo? Tudo deve alimentar nossa especialidade. Tudo deve testemunhar a favor ou contra nossas teses. O universo é em grande parte o que fazemos dele. O pintor vê por toda parte formas, cores, movimentos, expressões; o arquiteto, equilíbrio de massas; o músico percebe os ritmos e os sons; o poeta, ocasiões para metáforas; um pensador, idéias em ato.

Não há nisso nenhum particularismo estreito; é uma questão de método. Não se pode abarcar tudo. Reservando um espaço para a livre observação, consagramos a uma investigação particular a atenção que nos sobra e, “pensando sempre nisso”, como Newton, recolhemos os elementos para uma obra.

Ter sempre o pensamento atento: eis o grande segredo. O espírito do homem é um ruminante. O animal olha ao longe, mastiga lentamente, recolhe um tufo aqui, uma folha acolá, toma todo o campo para si, e também o horizonte, compondo com um o seu leite, com o outro sua alma obscura.

Ensinam-nos a viver na presença de Deus; não podemos também viver na presença da verdade? A verdade é como a divindade especial do pensador. Certa verdade particular ou certo objeto de estudo podem estar sempre diante de nós. Seria sábio, seria normal deixar o homem de estudos no seu escritório, e ter assim duas almas: a do trabalhador e a do *bon-vivant* que circula? Esse dualismo não é natural; leva a pensar que a busca da verdade é para nós um ofício, e não uma nobre paixão.

Há um tempo para tudo, diz a Bíblia,[3] e eu concordo que não podemos evitar uma divisão; mas já que, de fato, pensamos o tempo todo, por que não utilizar esse pensamento em benefício daquilo que nos inquieta?

Dirão que uma tal tensão é incompatível com a saúde cerebral e com as condições da vida? Muito bem; mas também não se trata de tensão, nem mesmo, ordinariamente, da vontade atual. Falei de hábito; falemos, se quiserem, de subconsciência. Nosso espírito tem o poder de funcionar sem nós, por pouco que preparemos sua tarefa e tracemos levemente o trajeto dos canais em que suas correntes obscuras correrão.

Se o desejo de saber estiver bem enraizado em você, se a paixão pela verdade estiver ardendo, se sua atenção consciente estiver freqüentemente voltada para os fatos da vida que podem alimentar esse fogo e satisfazer aquele desejo, você fará de seu espírito um predador numa caça perpétua. Isso não será mais custoso; ele obedecerá a uma nova natureza. Pensará tão facilmente em uma direção específica quanto outrora pensava ao acaso.

Essa direção não é, sem dúvida, absoluta, e uma tensão excessiva seria absurda; mas convém recusar o que podemos usando como desculpa o que não podemos? Esse é um imenso recurso; você o empregará estabelecendo um pouco de disciplina em um trabalho cerebral que já acontece, mas apesar de você e de maneira anárquica. Estruture esse trabalho, e seu cérebro será, também ele, um intelectual.

Fazendo-o, perceberá que isso não é nada cansativo, e, ao contrário, economiza muito esforço; os achados feitos assim ao sabor do olhar, sem terem sido procurados, simplesmente por nos termos decidido e treinado a não sermos cegos, essas invenções, com freqüência as mais felizes por serem espontâneas, encorajam muito o estudioso; mantêm-no atento e entusiasmado; ele aguarda com alegria a hora do retiro em que poderá fixar e desenvolver suas aquisições.

Muitas vezes obteremos assim o encadeamento difícil, o caminho que buscávamos em vão diante da escrivaninha, limitados por um ponto de vista de que não conseguíamos sair. O que não tinha relação direta com o trabalho conduziu a algo que estava nas profundezas. A ciência laboriosa será assim subitamente esclarecida; saberemos para onde estamos indo e esperaremos para logo uma nova surpresa.

Esse procedimento baseado no acaso harmoniza-se com as contingências cerebrais e com o trabalho obscuro da associação de idéias. Uma multitude de leis entram em jogo aqui, sem que haja uma lei que possa ser aplicada neste ou naquele caso, nesta ou naquela hora, e tudo isso realizando-se independentemente de nós — quero dizer, sem um ato da nossa vontade, apenas sob a influência do desejo que há na alma do pensador e que o qualifica, como o jogo qualifica a criança, como o amor qualifica a mulher —, o que não exige a sobrecarga que se imagina.

Uma mulher cansa, durante um passeio, de notar as homenagens que recebe, ou uma jovem cansa de procurar

os momentos de alegria, ou um menino cansa de correr e pular? O espírito que busca a verdade por amor, não por obrigação, por uma tendência primeiramente instintiva, depois certamente cultivada, mas amorosamente, apaixonadamente, também não se cansará. Ele joga, caça, entrega-se a um esporte útil e inebriante; ama, e nada está mais distante disso do que o esforço distinto e voluntário das horas de concentração.

Assim o sábio passeia por todos os tempos e em todos os caminhos com um espírito preparado para as aquisições que o vulgo negligencia. A mais obscura das ocupações é para ele o prolongamento da mais sublime delas; suas visitas sociais são ricas investigações, seus passeios, explorações, suas audições e suas respostas silenciosas são um diálogo que em seu interior a verdade trava consigo mesma. Em todos os lugares seu universo interior confronta-se com o outro, sua vida com a Vida, seu trabalho com o incessante trabalho dos seres, e quando sai do estreito espaço em que seu estudo concentra-se, tem-se a impressão não de que ele abandona a verdade, mas de que abre as portas para que o mundo lhe traga toda a verdade que vive no meio da sua agitação.

II. O TRABALHO NOTURNO

O Padre Gratry recomendava com insistência que não se excluísse do trabalho permanente as horas de letargia e de trevas. Queria que fizéssemos a noite trabalhar. Esse conselho apóia-se sobre a psicologia e sobre a experiência.

O sono é uma descontração; é a abdicação do querer consciente que não pensa mais em viver, não se propõe nenhum objetivo e encontra-se assim entregue em grande parte à natureza geral. Não é um símbolo gratuito o homem dormir deitado, próximo da terra, como se dissesse à natureza: “Recebe-me; já lutei o suficiente contra as tuas potências; combati, em pé, teu determinismo nivelador; à

equalização das forças, que é a lei deste mundo perecível, contrapus o sobressalto da vida; rendo-me, agora, até a hora de recomeçar a luta”.

Estando a vida ardente assim suspensa, tendo a correia de transmissão do motor passado da liberdade individual à liberdade das forças cósmicas, surge um novo funcionamento que tem suas próprias leis, que segue por caminhos ignorados pela consciência desperta e realiza combinações estranhas às vontades e aos caprichos conscientes. Nossas forças interiores agrupam-se; nossos pensamentos organizam-se; produzem-se inter-relações; a energia abandonada pela ação é empregada sem esforço. Saber utilizar esse trabalho sem perturbar os seus ritmos é uma nova riqueza para o pensador.

Não se trata de vigiar; ao contrário, o sonâmbulo é um mau trabalhador; já postulamos quanto a esse ponto a obediência à higiene geral, que deveria, para o homem de estudos, ser ainda mais exigente. Mas o próprio sono é um trabalhador, um colaborador do trabalho diurno; é possível domesticar suas forças, utilizar suas leis, aproveitar essa filtragem, essa clarificação que se opera no abandono da noite.

Um trabalho cerebral começado, uma idéia esboçada, idéia que um incidente interno ou externo tinha impedido de eclodir completamente ou de encontrar seu lugar natural, desenvolve-se agora e engrena-se: não perca essa ocasião; recolha, antes que ela torne a mergulhar na noite mental, essa claridade que lhe pode ser de ajuda.

Como apossar-se dela? Em certas ocasiões, nenhum procedimento especial é necessário. Ao despertar, encontramos já pronta e bem registrada a colaboração do sono. O trabalho da vigília surge sob uma luz mais clara; um novo caminho, uma região ainda virgem abre-se à nossa frente; relações de idéias, de fatos, de expressões, uma feliz comparação, uma imagem luminosa, um trecho inteiro, talvez, ou todo um plano de realização terão surgido. O todo

apresenta-se, bem lúcido; bastará utilizar, a seu tempo, o que Hipnos dignou-se fazer para você.

Mas normamente não é isso o que acontece. A natureza não está às nossas ordens; segue seu caminho; seu rio contém ouro, mas cabe a nós recolher e não deixar perder-se o que carregam suas opulentas correntes.

Com freqüência brilharão luzes durante uma insônia de alguns minutos, ou até de um segundo: é preciso fixá-las. Confiá-las ao cérebro descontraído é como imprimi-las na água; há grandes chances de que pela manhã não reste nem o vestígio de um vago incidente.

Então faça algo melhor. Tenha à mão um bloco de notas ou uma caixa de fichas. Faça uma anotação sem despertar muito, sem acender a luz, se possível, e depois volte às suas sombras. Aliviar assim o pensamento talvez até favoreça o sono em vez de perturbá-lo. Se você disser: “Eu me lembrarei, quero lembrar-me”, essa vontade será mais inimiga do sono que um rápido rabisco. Recorde-se de que o sono é uma descontração do *querer*.

Em outras ocasiões, será de manhã, ao acordar, que as luzes virão. Você abre os olhos, e é como se o olhar interior também se abrisse, iluminando um mundo novo. A Terra girou; os céus da inteligência não têm o mesmo aspecto; brilham novas constelações. Olhe bem para esse espetáculo inédito e não demore a fixá-lo em linhas gerais; anote seus traços mais expressivos, os seus contornos, o suficiente para expor os detalhes quando tiver tempo para retomá-lo.

Todo pensador experimenta esses momentos de lucidez matinal às vezes surpreendentes, diríamos até miraculosos. Tratados completos já vieram à luz assim, depois de uma longa e penosa série de estudos intrincados, em que o autor tinha o sentimento de estar perdido numa floresta, sem clareiras nem perspectivas.

Invenções foram feitas assim. Elementos dispersos no espírito, experiências antigas ou conhecimentos que aparentemente não tinham nenhum interesse associaram-

se, e questões foram subitamente resolvidas, pela organização espontânea de imagens mentais que representavam a idéia de sua solução.

Vá depressa ao bloco de notas quando uma felicidade dessa espécie se apresentar. Aproveite enquanto a idéia está presente; extraia, não acrescente nada por conta própria. Sem nenhuma intervenção perturbadora, com uma atenção submissa à natureza do trabalho que está realizando, puxe docemente a corrente que se formou, mapeie seus elos, as pequenas correntes acessórias que saem dela, marque as proporções, as dependências, sem nenhum cuidado de estilo — refiro-me a um estilo estudado, pois pode acontecer que existam preciosos elementos de estilo nesse registro espontâneo.

Quando a fonte estiver seca e parecer que a corrente de pensamentos novos foi inteiramente extraída, pare de escrever, mas não deixe de fixar por algum tempo os olhos sobre sua riqueza: pode ser que ela ainda cresça, que a corrente traga novos elos, que as correntinhas multipliquem-se e subdividam-se. Tudo isso é tão precioso que nenhuma parcela deve se perder. É um trabalho poupado ao seu dia. A noite, excelente colaboradora, presenteou-lhe sem nenhum esforço de sua parte com uma jornada de vinte e quatro horas completas, de semanas, talvez, que seriam necessárias para lapidar com um esforço da vontade a luxuosa jóia que ela lhe deu.

Entretanto, o cuidado de recolher não é suficiente. O sono, que trabalha por conta própria, trabalha sobre uma matéria preexistente; não cria nada; hábil em combinar e simplificar, em completar, só pode operar sobre os dados da experiência e sobre o trabalho cotidiano. É necessário, portanto, preparar sua tarefa. Contar com ele é contar primeiro consigo mesmo.

Os monges têm o costume, tão antigo quanto a piedade, de colocar, ao final do seu dia, como uma semente, nos sulcos da noite, seu ponto de meditação; têm a esperança

de encontrar, ao despertar, a semente já macia, penetrada pela umidade da terra e talvez germinada: ela crescerá mais rapidamente no solo da reflexão e da graça.

Sem renunciar a essa prática, que merecia generalizar-se entre os cristãos, podemos acrescentar-lhe a semeadura da noite pelo trabalho. A terra humana é rica: duas sementes conviverão sem conflitos. Leve consigo, quando for dormir, e confie a Deus e à alma a questão que o preocupa, a idéia que demora a desdobrar suas virtualidades, ou mesmo que permanece inerme. Não faça nenhum esforço que retarde o sono. Ao contrário, repouse neste pensamento: o universo trabalha para mim; o determinismo é escravo da liberdade e, enquanto eu descanso, girará seu moinho; posso dispensar meu esforço: os céus giram, e girando fazem com que se movam em meu cérebro delicadas engrenagens que eu talvez falsearia; eu durmo, a natureza vela, Deus vela, e recolherei amanhã um pouco do seu trabalho.

Nessa calma disposição, relaxará plenamente, mais que na inquietude de um amanhã sem nenhum auxílio, sobretudo mais que nesse retorno, tão freqüente à noite, dos tormentos da jornada, tormentos que uma semiconsciência aumenta, que envenenam a noite e que pela manhã ainda estarão lá para servir-lhe sua porção de amargura.

Assim como um trabalho doce e regular harmoniza o dia, o trabalho inconsciente da noite pode verter nela a paz e afastar as divagações, as loucuras estafantes e pecaminosas, os pesadelos. Tome docemente uma criança pela mão: sua turbulência aquieta-se.

Não estou, portanto, preconizando uma sobrecarga, a confusão do dia com a noite. Não, é preciso dormir; um sono reparador é indispensável. Mas digo-lhe que a noite, enquanto noite, pode por si mesma trabalhar, que ela "aconselha"; que o sono, enquanto sono, é um útil artesão; que o repouso, enquanto repouso, é também uma força. É segundo sua própria natureza, e não por uma violência à sua constituição, que devemos empregar seus auxílios. O

repouso não é uma morte; é uma vida, e toda vida dá seu fruto. Podendo colhê-lo você mesmo, não deixe para os pássaros noturnos os frutos do sono.

III. AS MANHÃS E AS NOITES

Daí a extrema importância, tanto para o trabalhador quanto para o religioso, do início e do final dos dias. Não podemos preparar, vigiar, concluir as horas de repouso com uma alma atenta se deixamos ao acaso as que lhes são contíguas.

A manhã é sagrada; de manhã, a alma renovada olha para a vida como de uma curva de onde avistasse a estrada inteira. O destino está no horizonte; nossa tarefa é retomada; é o momento de avaliá-la uma vez mais e de confirmar, por um ato expresso, nossa tríplice vocação de homens, de cristãos e de intelectuais.

“Felipe, lembra-te de que és um homem”: essa frase que o escravo macedônio disse para seu mestre nos é dita pelo dia quando, abrindo nossos olhos, evoca as luzes da alma; “um homem”, digo eu, não em geral, mas qualificado para uma tarefa precisa, um homem que está aí, diante de Deus, como um fato singular, original, e, por pequeno que seja, o único que pode ocupar seu próprio lugar.

Não irá esse homem, ao sair das horas de inconsciência, renovado e como que renascido, considerar o conjunto de sua vida com um rápido olhar, marcar o ponto em que se encontra, compor a jornada que começa e caminhar resolutamente, com o espírito iluminado para sua nova etapa?

Tal será o esforço combinado do despertar, da oração da manhã, da meditação, e sobretudo da missa, se houver a possibilidade de assisti-la ou a alegria de celebrá-la.

O despertar deve ser um *sursum corda*! Dizer uma fórmula cristã nesse momento é uma excelente prática; dizê-la em voz alta é melhor ainda, pois, como sabem os psicólogos,

nossa voz sugestiona-nos e representa para nós o papel de um *duplo*. Este é um “escravo” que não podemos negligenciar; tem autoridade sobre o eu, é o eu, e sua voz soa com o estranho império de alguém que é simultaneamente ele mesmo e outro.

Ensinamos as crianças a “dar seu coração a Deus”; o intelectual, que nisto é uma criança, deve também dar seu coração à verdade, recordar que é seu servo, repudiar os inimigos dela que vivem em seu interior, amar, para que retornem a ela, seus inimigos externos, e consentir nos esforços que a verdade lhe pede para a jornada atual.

Segue-se a oração. O Padre Gratry aconselha o intelectual a dizer a *prima*,[4] tendo por complemento, à noite, as *completas*; nada mais belo, de fato, nada mais eficaz, mais auspicioso. A maioria das orações litúrgicas são obras-primas; são amplas e doces como o nascer e o pôr do Sol. Experimente: você não poderá dizer outra coisa delas. Toda a verdadeira vida está lá, toda a natureza, e o trabalho será assim preparado como se fosse uma viagem iniciada numa baía inundada de Sol.

Seja qual for sua escolha, a oração do intelectual deve sublinhar de passagem o que se relaciona com sua situação, tirar disto um proveito e compor assim o bom propósito que o trabalho cristão realiza: ato de fé nas altas verdades que sustentam a ciência; ato de esperança no socorro divino para iluminar e sustentar nas virtudes; ato de amor Àquele que é infinitamente amável e àqueles que nosso estudo quer aproximar dele; um *Pai nosso*, a fim de pedir junto com o pão o alimento da inteligência; uma *Ave Maria*, dirigida à Mulher vestida de Sol, vitoriosa contra o erro e contra o mal. Nessas fórmulas e noutras, o intelectual reencontra-se, evoca sua tarefa e, sem separar sua especialidade da vida cristã em seu conjunto, pode beneficiar-se do que está previsto para ele e providencialmente depositado no tesouro comum.

A meditação é tão essencial ao pensador que não é preciso retomar seu elogio. Já louvamos o *espírito de oração*; onde ele se alimentará melhor do que nessas contemplações matinais, em que o espírito descontraído, ainda não tomado pelos cuidados do dia, conduzido, elevado pelas asas da oração, sobe facilmente a essas fontes da verdade que o estudo capta com tanta dificuldade?

Se puder assistir à santa missa, se puder celebrá-la, não será arrebatado pelas amplidões que ela contém? Não verá, do alto do Calvário novamente erguido, do alto Cenáculo onde a última ceia é renovada, a humanidade reunir-se ao seu redor, essa humanidade com que você não pode perder o contato, essa vida que as palavras do Salvador iluminam, essa indigência que Sua riqueza socorre e que você deve ajudá-lo a socorrer, esclarecer, salvar, salvando assim a si mesmo?

A missa coloca-o verdadeiramente num estado de eternidade, no espírito da Igreja universal, e no "Ite missa est",[5] você estará pronto a ver uma *missão*, um envio do seu zelo à desnudez da Terra ignorante e alienada.

A manhã impregnada com todo esse orvalho, renovada e vivificada por essas brisas espirituais, não pode deixar de ser fecunda; aborde-a com fé; prossiga com coragem; a jornada consumirá as provisões de luz da aurora; a noite chegará antes de se esgotarem as claridades, como o ano se encerra deixando nos celeiros as sementes para o ano seguinte.

A noite! Quão pouco sabemos comumente santificá-la, apaziguá-la, conformá-la para um sono reparador! Como ela é desperdiçada e poluída, como é desnorteada!

Sobre o que fazem dela os homens que vivem dos prazeres, não insistamos: seu caso não é o nosso. Mas veja essas pessoas sérias que denominamos de trabalhadores: negociantes, industriais, funcionários públicos, grandes comerciantes — falo da maioria deles. Quando chega a noite, ei-los "livres dos freios" e, sem pensar em mais nada,

entregando o espírito à dissipação que supostamente descontrai, jantando, fumando, jogando, conversando ruidosamente, correndo ao teatro ou aos bares, bocejando no cinema e jogando-se na cama “descansados”.

Descansados, com efeito, mas como o violino cujas cordas foram todas afrouxadas. Que dificuldade, no dia seguinte, para afiná-las de novo!

Conheço industriais que descansam lendo Pascal, Montaigne, Ronsard, Racine. Acomodados em uma boa poltrona, com uma boa iluminação, aquecidos, com a família em silêncio ou conversando suavemente ao seu redor, vivem, depois de ter penado. Esse momento é só para eles; esse é o momento do homem, depois que o especialista lutou, com a cabeça e o coração, contra vinte obstáculos.

Um intelectual, se não tem necessidade dessa compensação, tem grande necessidade dessa calma. Seu serão deve ser um recolhimento, seu jantar uma leve refeição, sua diversão a fácil ordenação do trabalho daquele dia e a preparação do trabalho do dia seguinte. Precisa de suas *completas* — tomo-as aqui no sentido figurado — que completam e que inauguram; pois todo complemento de um trabalho contínuo, como o requeremos, é ao mesmo tempo um começo e um término. Fechamos para reabrir. A noite é o órgão de ligação entre os fragmentos diurnos cujo total perfaz uma vida. Pela manhã, é preciso começar logo a viver: devemos dispor-nos para isso à noite, e também preparar o sono que virá unificar, à sua maneira, os labores conscientes.

Não importa o que pense a ilusão apaixonada e interessada daqueles que acham que o homem deve preservar algo do *bon-vivant*; dissipação não é repouso, é esgotamento. O repouso não pode consistir na disseminação das forças. O repouso é um recuo para longe do esforço, em direção às suas fontes; é uma restauração, não um desperdício insensato.

Sei bem que gastar é às vezes adquirir: trata-se então de esportes, de recreação, e devemos exigir, não apenas tolerar, essa descontração ativa. Mas esse não é o ofício normal da noite. Para a noite, há um duplo repouso, um espiritual, outro físico: o repouso em Deus e o repouso na maternal natureza. Ora, o primeiro é dado pela oração; quanto ao outro, o repouso do corpo, já que ele precede o repouso mais completo do sono, deve conduzir a este.

Devemos entregar-nos, à noite, aos ritmos suaves cujo modelo é a respiração noturna. Deixar que se exerçam em nós os determinismos fáceis, que os hábitos substituam as iniciativas, que o convívio familiar substitua o esforço da atividade intensa, em uma palavra, deixar de querer, de certa maneira, para que a renúncia da noite comece: esta é a sabedoria. E a sabedoria se reconhecerá na estrutura dessa vida atenuada, dessa semi-atividade que se vai aquietando. A família terá sua parte nisso; uma suave conversação selará a união das almas; fala-se das impressões recebidas, dos projetos concebidos; confirmam-se as visões, as finalidades; encontra-se um consolo para o declínio do dia; reina a harmonia, e estará celebrada uma digna vigília para a festa que cada novo dia deve ser para o cristão.

Uma pessoa adormecida fica freqüentemente, sem o saber, na posição em que esteve outrora no seio de sua mãe. É um símbolo. O repouso é um retorno às origens: origens da vida, origens da força, origens da inspiração; é uma renovação; o recolhimento geral da noite tem essa significação. Ora, revitalizar-se não pode ser agitar-se; é como refugiar-se, fornecer à seiva humana, por sua concentração pacífica, uma renovação de seu vigor; é restaurar em nós a vida orgânica e a vida sagrada por uma boa descontração, pela oração, pelo silêncio e o sono.

IV. OS MOMENTOS DE PLENITUDE

Chegamos agora ao que não é mais preparação, prolongamento, descontração utilitária, repouso que visa o trabalho, mas trabalho propriamente dito e tempo consagrado à concentração estudiosa, ao esforço pleno. Por isso chamaremos esses ápices de nossa vida intelectual considerada sob o aspecto de sua duração de "os momentos de plenitude".

A maior parte deste opúsculo visa determinar o emprego desse tempo; devemos portanto tratar aqui de estruturá-lo em si mesmo, de ajustá-lo, de preservá-lo, de proteger a "cela interior" da invasão que a ameaça.

Como os momentos de nossa vida têm um valor muito desigual, e para cada um de nós a partilha desses valores obedece a leis diferentes, não podemos estabelecer uma regra absoluta; mas devemos insistir sobre o tema. Estude a si mesmo, leve em conta o que é a sua vida, o que ela lhe permite, o que favorece ou interdita, o que ela mesma propõe para suas horas de fervor.

Elas terão lugar pela manhã, à noite, um pouco pela manhã e outro pouco à noite? Somente você pode decidi-lo, pois somente você conhece suas obrigações e sua natureza, das quais depende a estrutura que devem ter suas jornadas.

Quando alguém só dispõe de poucas horas e elas podem ser livremente dispostas, parece que a manhã deve ter a preferência. O sono reparou suas forças; a oração deu-lhe asas; a paz reina ao seu redor e o enxame das distrações ainda não começou. Mas, para alguns, pode haver contra-indicações. Se o sono é difícil, o período da manhã pode ser ansioso e entorpecido. Ou então falta a solidão; aguarda-se então as horas de isolamento.

Seja como for, feita a escolha, trata-se de organizar os momentos escolhidos e de organizar-se para explorá-los integralmente. É preciso tudo prever, para que nada venha atrapalhar, dissipar, reduzir ou enfraquecer esse tempo precioso. Visando sua plenitude, exclua as preparações

longínquas; tome todas as disposições úteis; saiba o que pretende fazer, e como; reúna os materiais, as notas, os livros; não se perturbe com ninharias.

Além disso, para que esse tempo seja preservado e verdadeiramente livre, que o seu despertar seja pronto, pontual; sua alimentação, leve. Fuja das conversas vãs, das visitas inúteis; limite a correspondência ao estritamente necessário; apenas passe os olhos pelos jornais. Essas prescrições, que já demos para a salvaguarda de toda a vida de estudo, aplicam-se sobretudo ao que é o seu centro.

Estando assim tudo disposto, tudo previsto, logo você estará pronto para o trabalho; poderá dedicar-se inteiramente a ele, absorver-se e levá-lo adiante; sua atenção não será distraída, seu esforço não será dividido. Fuja sobretudo do trabalho feito pela metade. Não imite aqueles que ficam um longo tempo diante da escrivaninha com a atenção frouxa. É melhor restringir o tempo e usá-lo em profundidade, aumentando seu valor, que é o que importa.

Faça alguma coisa ou então não faça nada. O que decidir fazer, faça-o ardentemente, com afinco, de modo que o conjunto da sua atividade seja uma série de vigorosas retomadas. O trabalho pela metade, que é um repouso pela metade, não favorece nem o repouso nem o estudo.

Invoque então a inspiração. Se a deusa nem sempre responde, ela é sempre sensível aos esforços sinceros. Não se trata de tensionar-se em demasia, mas de orientar-se, de visar o objetivo e de retirar do campo visual, como um atirador, tudo que não é o alvo. Renove o *espírito de oração*; esteja em estado de eternidade, o coração submisso à verdade, o espírito sob as grandes leis, a imaginação aberta como uma asa, seu ser inteiro sentindo acima as estrelas silenciosas, mesmo durante o dia, quando elas não estão visíveis. Sob os seus pés, lá embaixo, estarão os ruídos da vida; você nem os perceberá, ouvirá somente o canto das

esferas, que no sonho de Cipião simbolizam a harmonia das forças criativas.

Abrir-se assim à verdade, abstrair-se de todo o resto, e, se me permite a expressão, comprar uma passagem para um outro mundo, é o verdadeiro trabalho. É disso que falamos quando dizemos que duas horas por dia bastam para uma obra. Evidentemente é pouco, mas preenchidas todas as condições, isso de fato basta e vale mais que as pretensas quinze horas de que tantos tagarelas se vangloriam.

Certos algozes do trabalho atingiram mesmo cifras fabulosas; seu caso é o que poderíamos chamar de uma feliz monstruosidade, a menos que seja uma ruinosa loucura. Os trabalhadores normais avaliam que podemos dedicar, de forma contínua e realmente fecunda, de duas a seis horas. A questão principal não está aí, está no emprego do tempo, está no espírito.

Quem conhece o valor do tempo sempre tem o quanto precisa; não podendo aumentá-lo, eleva-o, e principalmente não o encurta. O tempo tem uma densidade, como o ouro; vale mais uma moeda forte, bem cunhada e de liga pura, do que o estanho dilatado pelos golpes do malho. Nem tudo que reluz é ouro. Muitos contentam-se com as aparências, com veleidades tumultuosas, falam sem parar e não trabalham nunca.

Note-se que uma sessão de trabalho profundo não pode ser mais uniforme do que a vida intelectual em seu conjunto. Proporcionalmente, tem as mesmas fases que ela; vai se intensificando pouco a pouco, às vezes penosamente; chega a seu máximo, depois declina. É um ciclo completo, com sua fresca manhã, seu meio-dia ardente, seu entardecer. Temos que ser o Josué dessa tarde para que a batalha, sempre curta demais, possa prosseguir.

Voltaremos às condições dessa claridade protegida; por ora assinalo apenas esta: defender a solidão com um rigor que não condescende com nada. Se você tem deveres, dê-lhes o tempo devido; se tem amigos, combine encontros

oportunos; se pessoas incovenientes vierem procurá-lo, feche-lhes gentilmente a porta.

É essencial, durante essas horas sagradas, não somente que você não seja atrapalhado, mas que garanta que não o será; que tenha uma segurança completa disso, que lhe permita uma tensão proveitosa. Um luxo de severas precauções nunca será demais. Que Cérbero esteja à sua porta. Toda exigência externa repercute no interior e pode roubar de seu espírito preciosas descobertas. "Quando os semideuses se vão, chegam os deuses".[6]

Note apenas que essa solidão completa, único clima favorável ao trabalho, não deve ser tomada materialmente. Uma presença pode dobrar sua quietude em vez de dissipá-la. Se tiver a seu lado um trabalhador igualmente ardente, um amigo absorvido em algum pensamento ou alguma ocupação harmônica com a sua, uma alma de escol que compreende o seu trabalho, que se une a ele, que apóia seu esforço com uma ternura silenciosa e com um ardor inflamado pelo seu: isso não é mais distração, é um auxílio.

Em certos dias, nas bibliotecas públicas, sentimos o recolhimento penetrar-nos e envolver-nos por todos os lados como uma atmosfera. Uma impressão religiosa subjuga-nos; não ousamos distrair-nos, nem é possível declinar. Quanto mais tivermos a nosso redor esses adoradores que rendem ao verdadeiro um culto em espírito e em verdade, mais estaremos sós, diante do único verdadeiro, mais a contemplação nos será fácil e deleitável.

O lar de um jovem casal, onde encontramos no escritório do esposo uma mesa ou a cesta de trabalho da esposa, onde o amor sabe planar e ficar em silêncio, deixando suas asas flutuarem ao vento dos nobres sonhos e da inspiração, também é uma imagem do trabalho. Na unidade da vida que um casamento cristão inaugura, há lugar para a unidade de pensamento e para o recolhimento que lhe é necessário. Quanto mais as almas irmãs estiverem juntas, melhor estarão defendidas do que lhes é exterior.

Depois de bem compreendida e bem preparada, a solidão deve ser defendida obstinadamente. Não se deve dar ouvidos a ninguém, nem a amigos indiscretos, nem a familiares inconscientes, nem a transeuntes, nem mesmo à caridade. Não se pode ter caridade para com todos o tempo todo. Você pertence à verdade: seu culto é para ela. Excetuando-se os casos que nem se discute, nada deve prevalecer sobre a sua vocação.

O tempo de um pensador, quando ele o emprega verdadeiramente, é, a rigor, uma caridade universal; não o apreciamos de outra maneira. O homem da verdade pertence ao gênero humano tanto quanto a própria verdade: não receie ser egoísta ao isolar-se em prol dessa sublime e universal benfeitora dos homens.

Saiba aliás agir de tal modo que seja afetuosamente absolvido por aqueles que estão sendo negligenciados e que às vezes sentem-se magoados por isso. Compre sua solidão; pague suas liberdades usando de gestos delicados e de favores afáveis. O ideal é que seu recolhimento seja mais proveitoso para os outros que o convívio direto. Ou pelo menos que lhes seja pouco oneroso. Pague o preço necessário, e que sua independência relativa tenha por contrapeso sua dependência absoluta quando os deveres se apresentarem.

---

1. Lc 18, 1.
2. Pr 1, 20–24.
3. Ec 3, 1–8.
4. Hoje *laudes* — NT.
5. Apesar de, no novo *Ordo Missae*, continuar sendo essa a conclusão da missa, na tradução brasileira foi substituída por “Ide em paz, e que o Senhor vos acompanhe” — NT.
6. Ralph Waldo Emerson, *Poems*.

V

O campo de trabalho

I. A CIÊNCIA COMPARADA

NÃO se pode dar conselhos muito específicos sobre o que convém aprender, e menos ainda sobre a dosagem dos elementos que devem ser incluídos em um plano de trabalho. São Tomás não faz nenhuma menção a isso nos *dezesseis preceitos*. Na verdade, é uma questão relacionada à vocação pessoal, em estreita dependência do objetivo almejado. Entretanto, algumas indicações são possíveis, e dá-las pode servir de ponto de partida para proveitosas reflexões.

Não abordaremos o assunto desde sua origem; falamos com pessoas que já têm a escolaridade básica e que se propõem a organizar ou completar estudos profundos. Nesse nível, são adequadas ao assunto as interessantes observações do Padre Gratry sobre a *ciência comparada*. Pode-se pensar que o desenvolvimento desse tema nas *Fontes*[1] esteja ultrapassado; mas seus fundamentos continuam válidos e merecem dos jovens intelectuais sérias meditações.

Entendemos por ciência comparada a ampliação das especialidades pela aproximação de todas as disciplinas conexas a elas, e em seguida a relação dessas especialidades e de seu conjunto com a filosofia geral e com a teologia.

Não é sábio, não é fecundo, mesmo para quem se dedica a uma especialidade muito determinada, encerrar-se nela cedo demais. Seria colocar antolhos em si mesmo. Nenhuma ciência basta-se a si mesma; nenhuma disciplina considerada isoladamente tem suficiente luz para seus próprios caminhos. Separada, ela se encolhe, murcha, debilita-se e, na primeira oportunidade, extravia-se.

Uma cultura parcial é sempre indigente e precária. O espírito ressente-se continuamente disso; falta-lhe certa

liberdade de movimentos, certa segurança de visão, o que paralisa seus gestos. Um “fruto seco” é aquele que não sabe nada, mas também aquele que se apequenou e ressecou por se ter prematuramente enclausurado em um terreno exclusivo.

Pode-se afirmar sem paradoxo que o mergulho profundo em qualquer ciência desemboca em outras ciências, as ciências na poesia, a poesia e as ciências na moral, depois na política e na própria religião, naquilo que esta tem de humano. Tudo está em tudo, e um enclausuramento só é possível por abstração. Abstrair não é mentir, diz o provérbio: *abstrahere non est mentiri*; mas com a condição de que a abstração que distingue, que isola metodicamente, que concentra sua luz sobre um ponto, não queira separar do que estuda tudo aquilo que se relaciona mais ou menos diretamente com ele. Isolar assim de comunicações o seu objeto é falseá-lo, pois suas relações fazem parte dele mesmo.

Pode-se estudar uma peça de relojoaria sem considerar suas peças vizinhas? Pode-se estudar um órgão sem preocupar-se com o corpo? Também não se pode avançar em física ou em química sem as matemáticas, em astronomia sem mecânica e sem geologia, em moral sem psicologia, em psicologia sem as ciências naturais, em nada sem a história. Tudo se relaciona; as luzes intercruzam-se, e um tratado inteligente de cada uma das ciências faz mais ou menos alusões a todas as outras.

Portanto, se você quer preparar o caminho para ter um espírito aberto, claro, verdadeiramente vigoroso, desconfie, desde o início, da especialidade. Estabeleça suas bases de acordo com a altura que pretende alcançar; amplie o diâmetro da escavação de acordo com a profundidade que ela deve ter. Compreenda ademais que o saber não é nem uma torre nem um poço, mas uma habitação humana. Um especialista, se não for um homem, será um burocrata; sua esplêndida ignorância faz dele um estranho entre os

homens; é um inadaptado, um anormal e um tolo. O intelectual católico não pode copiar esse modelo. Pertencendo ao gênero humano por vocação, quer antes de tudo ser um homem; caminhará com passo seguro, com uma base de sustentação, e não saltitando nas pontas dos pés.

Nossos sábios procuraram sondar a noite em todos os sentidos; nossos cientistas mergulharam nela suas mãos para alcançar as estrelas; esse nobre esforço não deixa indiferente nenhum pensador de verdade. Seguir até certo ponto as explorações de cada investigador é uma obrigação sua, que por fim resultará numa capacidade decuplicada para suas próprias investigações. Quando retornar ao especial, tendo experimentado muita cultura, ampliado seu olhar, alcançado o sentimento das ligações profundas, será um homem muito diferente daquele que está confinado em uma disciplina estreita.

Toda ciência, cultivada isoladamente, não é somente imperfeita, mas oferece perigos que todos os homens sensatos reconheceram. As matemáticas isoladas falseiam o juízo, habituando-o a um rigor que nenhuma outra ciência permite e muito menos o permite a vida real. A física e a química obcecam por sua complexidade e não dão ao espírito nenhuma amplidão. A fisiologia leva ao materialismo, a astronomia à divagação, a geologia faz de você um cão de caça farejador, a literatura esvazia-o, a filosofia infla-o, a teologia conduz ao falso sublime e ao orgulho doutoral. É necessário passar de um espírito a outro para corrigir um através do outro; é necessário aliar as culturas para não arruinar o solo.

E não pense que levar *até certo ponto* esse estudo comparado vai sobrecarregá-lo e atrasá-lo para começar um estudo especial. Você não se sobrecarregará, pois as luzes adquiridas na comparação tornarão todas as coisas mais leves; adquirindo maior amplitude, seu espírito estará mais apto a absorver sem que se torne mais pesado.

Quando se chega ao centro das idéias, tudo se torna mais fácil, e qual o melhor meio para chegar ao centro do que experimentar diferentes caminhos, já que todos, como os raios de um círculo, dão o sentimento da convergência e de um cruzamento comum?

Conheço um lingüista que aprende uma nova língua em quinze dias. Por quê? Porque conhece muitas outras. Com um único olhar ele capta o espírito do novo idioma, suas características fundamentais, sua inteira constituição. As ciências são línguas diversas nas quais a natureza inefável é dificultosamente balbuciada pelos homens; decifrar várias delas é favorecer cada uma, pois no fundo elas formam uma unidade.

Além disso, o poderoso instinto e o entusiasmo despertados em todo homem bem dotado por essa viagem através das ciências, pela exploração desses magníficos domínios, como se visitasse sucessivamente os fiordes da Noruega, o Chifre de Ouro, os hipogeus do Egito, os pampas da América e os palácios chineses, esse ardor de certa forma épico, que contagia uma inteligência forte ao contato com os grandes espíritos, comunica ao estudo uma certa verve e maravilhosas facilidades.

Um rabino a quem acusavam de sobrecarregar a Lei respondeu: “Quando um balde está cheio de nozes, ainda podemos pôr nele várias medidas de azeite”; esse homem tinha zelo, o que, para a capacidade espiritual, corresponde ao calor que dilata os corpos. Uma taça ao Sol tem mais capacidade que à sombra. Um espírito exaltado pelo espetáculo da natureza, distendido por ele como um arco-íris, torna-se capaz de absorver sem cansaço, com alegria, conhecimentos que esgotariam o triste estudioso de uma só ciência.

Os maiores homens sempre se mostraram mais ou menos universais; excelentes em certo campo, foram em outros ao menos curiosos, freqüentemente especialistas, e às vezes até mestres. Você não conseguiria confinar em uma só

cultura homens como Aristóteles, Bacon, Leonardo da Vinci, Leibniz ou Goethe. Henri Poincaré, na Academia de Ciências, espantava seus colegas de todas as áreas com suas intuições geniais; consultá-lo equivalia a colocar-se imediatamente no centro do saber, onde não há mais ciências diversas.

Você não tem tais pretensões? Muito bem! Mas, na medida de cada um de nós, o que os grandes realizaram permanece uma fecunda indicação. Faça um plano amplo, que pouco a pouco se reduzirá quanto ao tempo consagrado a cada estudo secundário, jamais em relação à amplidão do olhar e do espírito de trabalho.

Escolha bem seus conselheiros. Apenas um dentre mil, para o conjunto, outros para cada campo, se for necessário. Divida o seu tempo; ordene a sucessão das culturas: não deixe isso ao acaso.

Em cada coisa, vá direto ao essencial; não se deixe atravancar por minúcias: não é pelas minúcias que abordamos uma ciência; muitas vezes é pelo detalhe, mas o detalhe característico, ou seja, uma vez mais, pelo fundamental.

Aliás, você não poderá se orientar em tudo isso antes de ter absorvido o que ainda nos falta dizer.

Assim como nenhuma ciência particular é suficiente, também o conjunto das ciências não é suficiente sem a rainha das ciências, a filosofia,[2] nem o conjunto dos conhecimentos humanos sem a sabedoria que provém da própria ciência divina: a teologia.

O Padre Gratry exprimiu sobre esse ponto verdades capitais, e São Tomás, com mais profundidade ainda, assinalou o lugar, o papel dessas duas rainhas de um duplo reino.[3] As ciências, sem a filosofia, perdem sua majestade e desorientam-se. As ciências e a filosofia, sem a teologia, perdem ainda mais a majestade, pois a coroa que repudiam é uma coroa celeste, e desorientam-se mais irremediavelmente, pois a Terra sem o Céu não encontra

mais nem a trajetória de sua translação, nem as influências que a tornam fecunda.

Hoje, tendo a filosofia decaído, as ciências rebaixam-se e fragmentam-se; hoje, sendo a teologia ignorada, a filosofia é estéril, nada conclui, exerce uma crítica sem bússola e, também sem bússola, estuda a história; é com freqüência sectária e destrutiva; é às vezes compreensiva e acolhedora, mas jamais dá um fundamento, jamais esclarece verdadeiramente; ela não ensina. E para seus mestres, que têm a dupla infelicidade de ignorar e de ignorar que ignoram, a teologia pertence a um outro mundo.

É, com certeza, um outro mundo que a teologia tem por objeto; mas o outro mundo contém este aqui, abarca-o em todos os sentidos, para trás, para frente e para cima, e não é de espantar que o possa iluminar.

Se o intelectual católico pertence ao seu tempo, não pode fazer nada melhor que dar sua contribuição para restituir a ordem que nos falta. O que nosso tempo não tem, do ponto de vista doutrinal, não é a quantidade do saber, mas a harmonia do saber, harmonia que só se obtém considerando os primeiros princípios.[4]

A ordem do espírito deve corresponder à ordem das coisas, e já que o espírito não se instrui verdadeiramente senão investigando as causalidades, a ordem do espírito deve corresponder à ordem das causas. Se há, portanto, um Ser primeiro e uma Causa primeira, é aí que se completa e se esclarece em última instância o saber. Primeiro em filosofia, por meio da razão; depois em teologia, utilizando a luz que vem das alturas, o homem que pertence à verdade deve centrar sua investigação naquilo que é ponto de partida, regra e finalidade no mais alto grau, naquilo que é tudo para tudo, e também para todos.

Só se alcança a ordem, em qualquer gênero de objetos ou de disciplinas, no momento em que os princípios, hierarquicamente dispostos até o primeiro princípio,

cumprem seu papel de *princípios*, de *comandantes*, como num exército, como numa casa bem ordenada, como num povo. Hoje, os primeiros princípios foram repudiados, e o saber debandou. Só temos fragmentos, magníficos retalhos, mas não vestimentas; magníficos capítulos, e não um livro completo, não uma Bíblia.

As bíblias do saber eram antigamente as *sumas*: não temos mais sumas, e nenhum de nós tem capacidade para escrever uma. Está tudo caótico. Mas, se uma suma coletiva é algo de prematuro, ao menos cada homem que pensa e que deseja verdadeiramente *saber* pode tentar compor sua suma pessoal, quer dizer, pôr uma ordem em seus conhecimentos relacionando-os aos princípios dessa ordem, ou seja, filosofando, e coroando sua filosofia com uma teologia sumária mas profunda.

Os cientistas cristãos, do início ao fim do século XVII, foram todos teólogos, e os cientistas, cristãos ou não, até o século XIX foram todos filósofos. Depois, o saber rebaixou-se; ganhou em superfície e diminuiu em altura, portanto também em profundidade, pois a terceira dimensão tem dois sentidos que se correspondem. Que o católico consciente dessa aberração e de suas conseqüências não sucumba a ela; sendo um intelectual ou pretendendo sê-lo, que vise uma intelectualidade completa; que dê a si mesmo todas essas dimensões.

“A teologia”, dizia o Padre Gratry, “inseriu na árvore da ciência um enxerto divino, graças ao qual essa árvore pôde dar outros frutos”. Nada é retirado de sua seiva, ao contrário, ela recebe uma corrente gloriosa. Em conseqüência desse novo impulso dado ao saber, desse apelo das conquistas humanas a uma colaboração celestial, todos os conhecimentos são vivificados e todas as disciplinas ampliadas. A unidade da fé dá ao trabalho intelectual o caráter de uma imensa cooperação. É a obra coletiva de homens que estão unidos em Deus. E por isso a ciência cristã, tal como é, e bem mais ainda quando for

escrita a suma dos tempos modernos, deve necessariamente ultrapassar em amplitude e inspiração todos os monumentos da Antigüidade e do neo-paganismo. As enciclopédias não se assemelham a ela mais que Babel às catedrais.

Quem busca a verdade não deveria ignorar tal tesouro. Espero que a próxima geração, encaminhada pela atual, que supera tão notoriamente a anterior, abordará francamente e sem respeitos humanos a ciência das ciências, o cântico dos cânticos do saber, a teologia inspiradora e a única que é decididamente conclusiva. Encontrará nela tanto a maturidade quanto a elevação, o lirismo poderoso e calmo que constitui a vida completa do espírito.

Não é tão difícil quanto se pensa adentrar na teologia, e não é um estudo muito longo, no nível em que é preciso adquiri-lo. Adotá-la como especialidade seria outra coisa. Consagre-lhe quatro horas semanais ao longo dos cinco ou seis anos que supõe uma formação — será o suficiente; depois bastará conservá-la viva.

Mas, sobretudo, não vá confiar em falsos mestres. Comece por São Tomás de Aquino. Estude a *Suma*, não sem ter antes aprendido o conteúdo da fé. Tenha à mão o *Catecismo do Concílio de Trento*, que é em si mesmo um maravilhoso resumo da teologia.[5] Absorva totalmente esse manual e continue então com São Tomás, dia após dia, o desenvolvimento racional da ciência divina. O texto vai lhe parecer inicialmente seco, obscuro; depois, pouco a pouco, poderosas luzes brilharão; vencidas as primeiras dificuldades, terá por recompensa novas vitórias; aprenderá a língua falada naquela região, circulará por ela como em sua própria casa, percebendo que essa casa é uma sublime morada.

Estude-a, bem entendido, em latim! As traduções da *Suma* são com freqüência traições; e são sempre insuficientes. Quem considere um impedimento o pequeno esforço de absorver uma língua que um espírito mediano aprende em

dois meses não merece que nos preocupemos com sua formação.[6] Falamos para os fervorosos: que estes, desejosos de entrar na “adega de vinhos”, dêem-se ao trabalho de procurar sua chave.

Alguma obra introdutória que o faça pressentir o pensamento de São Tomás e que lhe sirva como um aperitivo seria útil. Não se demore nela; mas tome essa mão que se estende para o início da jornada.[7]

Por outro lado, um professor com um espírito aberto e bem informado seria inicialmente de muita ajuda; eu quase disse: uma indispensável ajuda. Poderia iniciar-lhe no vocabulário especial do tomismo, evitaria hesitações e equívocos, esclareceria um texto através de outro texto, indicaria caminhos e o preservaria de passos em falso. No entanto, como estou seguro do mal que podem fazer os amigos desastrados, do desânimo e da espécie de escândalo que ocasionam seus tolos comentários, afirmo-lhe: prefira a solidão a um auxílio limitado. Esforce-se para quebrar a noz; ela machucará suas mãos, mas cederá, e o próprio São Tomás instruirá seu discípulo.

Para tanto, consulte cuidadosamente, ao estudar cada artigo, as diferentes passagens a que as edições o remeterem; consulte o *Index tertius*,[8] esse tesouro imperfeito, mas ainda assim um tesouro; compare; faça com que os documentos completem-se, comentem-se, e redija você mesmo o seu artigo. Excelente ginástica, que dará a seu espírito flexibilidade, vigor, exatidão, ódio aos sofismas e às imprecisões, amplitude e, ao mesmo tempo, um acúmulo progressivo de noções claras, profundas, bem encadeadas, sempre relacionadas a seus princípios primeiros e constituindo, por sua inter-relação, uma poderosa síntese.

II. O TOMISMO, QUADRO IDEAL DO SABER

O que acabo de dizer leva-me naturalmente a expor meu pensamento sobre o tomismo considerado enquanto quadro de uma ciência comparada.

Não há como contestar a utilidade de possuir o quanto antes, se possível desde o início, um conjunto de idéias diretrizes que formem um só corpo, e capaz, como o ímã, de atrair e subordinar todos os nossos conhecimentos. Quem não o tem assemelha-se, no universo intelectual, ao viajante que facilmente cai no ceticismo ao visitar tantas civilizações diferentes e doutrinas adversas.

Esse desvario é uma das grandes desgraças destes tempos. Subtrair-se a ele, graças ao equilíbrio intelectual fornecido por uma doutrina segura, é um incomparável benefício. Ora, o tomismo é, sob esse ponto de vista, soberano. Neste ponto, espero que haja muitos protestos. Já os ouvi em 1920, devo prevê-los ainda hoje. Creio portanto ser útil dizer àqueles que se dispõem a confiar um pouco em mim: quanto mais avanço, mais certeza tenho de que é nisso que reside o futuro para nossas inteligências católicas, para o seu próprio valor, e mais ainda, e *mais do que tudo*, para sua adaptação aos tempos que correm. Digam o que disserem os partidários das atualidades, o peso de uma doutrina e a sua novidade são coisas distintas. O gênio não tem data. Particularmente quando se trata das coisas eternas, a sabedoria consiste em dirigir-se a quem, não importa quando, conseguiu mergulhar mais profundamente no seio da eternidade.

Ademais, assinalo aqui um escolho. Fascinados pela glória de São Tomás, muitos abordam-no com entusiasmo: “Vamos lá!”. E depois de duas ou três páginas, desencantam-se. É que, sem suspeitá-lo, esperavam encontrar em sua obra, em vez de pesadas barras de ouro, as jóias que estão na moda, e naturalmente decepcionam-se. Mas é um erro abordar as obras-primas do pensamento, tanto as da arte quanto as da natureza, comparando-as com a idéia vaga e falsamente grandiosa que se tem delas. Elas não cabem

nesse quadro. Em compensação, suas sólidas perfeições existem, e é tolice privar-se delas por não corresponderem ao que se esperava, por não se adaptarem ao que se esperava.

Insisto pois em dizer aos jovens católicos que me lêem: estudem São Tomás, ele é o homem para estes tempos. Podemos dizer que foi criado sete séculos atrás para matar a sede que temos hoje. Comparado à água lamacenta que nos servem, ele é uma fonte cristalina. Depois de vencidas por um esforço vigoroso as primeiras dificuldades de uma exposição arcaica, ele tranqüiliza seu espírito, instala-o em plena claridade e lhe oferece um quadro flexível e forte para suas aquisições ulteriores.

O tomismo é uma síntese. Por isso não é uma ciência completa; mas a ciência completa pode servir-se dele como de um poder de coordenação e de sobrelevação quase miraculoso. Se um Papa pôde dizer da obra de São Tomás examinada em detalhe "quot articuli, tot miracula",[9] com mais razão ainda podemos dizer que o conjunto é um prodígio.

Estude esse sistema, aprecie suas características, julgue suas idéias mestras, depois sua ordem, depois a fecundidade de sua genealogia descendente, a amplidão da perspectiva, ou, melhor dizendo, a capacidade vital de cada noção em relação aos fatos e às noções acessórias que a podem alimentar; verá com espanto que nenhum conjunto parcial pode ser comparado a ele enquanto força atrativa perante o todo, que nenhuma semente tem um poder maior para absorver e canalizar as substâncias da terra.

O tomismo é um ponto de vista espiritual tão bem escolhido, tão distanciado de todos os extremos em que se abrem os abismos, tão central em relação aos cimos, que se é conduzido a ele a partir de todos os ramos do saber, e que a partir dele se pode caminhar, sem rupturas no trajeto, em todas as direções do pensamento e da experiência.

Outros sistemas opõem-se a sistemas vizinhos; esse concilia-os sob uma luz mais alta, meditando sobre o que os iludia e procurando fazer justiça a tudo que possuem de verdadeiro. Outros sistemas foram impugnados pelos fatos; esse vem ao encontro deles, abarca-os, interpreta-os, classifica-os e consagra-os na sua justa medida.

Nenhuma metafísica oferece às ciências da natureza princípios de ordenação e de interpretação superior mais confiáveis; nenhuma psicologia racional está numa relação melhor com o que a psicologia experimental e suas ciências anexas descobriram; nenhuma cosmologia é mais flexível e acolhedora às descobertas que desconcertaram tantas fantasias antigas; nenhuma moral serve melhor ao progresso da consciência humana e das instituições.

Não posso tentar provar aqui nem minimamente o motivo dessas afirmações; espero que cada um experimente-o por sua própria conta, é uma questão de confiança. E a confiança do católico não deve estar posta naturalmente naquela que recebeu a missão e a graça para guiar das alturas o movimento do seu espírito?

A Igreja crê hoje, como desde o primeiro momento, que o tomismo é uma arca salvífica, capaz de manter flutuando os espíritos no meio do dilúvio das doutrinas. Ela não o confunde com a fé, nem com a ciência em toda sua amplitude; ela sabe que ele é falível e que participou, naquilo que é teoria transitória, dos erros do seu tempo; mas ela estima que sua estrutura corresponde em seu conjunto à constituição da realidade e da inteligência, e constata que a ciência e a fé podem nele convergir, pois que ele mesmo instalou-se entre elas como um castelo num cruzamento de estradas.

Nada pode ser imposto em um tal domínio; mas digo a quem pretende consagrar-se à ciência comparada, ou seja, a quem tem o propósito de abordar as ciências particulares, a filosofia e a teologia como um só e único estudo: volte-se para si mesmo; tente encontrar em seu coração uma fé

suficiente em sua guia secular para não recusar-lhe uma livre adesão filial. Se conseguir, sua fidelidade será recompensada; subirá a um nível desconhecido tanto do solipsismo orgulhoso quanto da modernidade sem base eterna.

III. A ESPECIALIDADE

Completemos agora o que acabamos de dizer sobre a ciência comparada, para que não se pense que propomos sob essa denominação uma ciência enciclopédica. Quanto mais se sabe, dentro de certas condições, melhor; entretanto, quando essas condições não podem ser resguardadas — e hoje mais do que nunca —, o espírito enciclopédico torna-se um inimigo da ciência.

A ciência está mais nas profundezas que na superfície. A ciência é um conhecimento pelas causas, e as causas são profundas como as raízes. Devemos sacrificar sempre a extensão à penetração, pela simples razão de que a extensão não é nada em si mesma, e a penetração, introduzindo-nos no centro dos fatos, fornece-nos a substância daquilo que era buscado em uma investigação sem fim.

Acabamos de sugerir uma certa extensão, mas em favor da profundidade mesma e a título de formação; obtida a formação e assegurado o aprofundamento de suas possibilidades, então é preciso escavar, e somente a especialização pode permiti-lo.

Com freqüência aquilo que é indispensável no começo torna-se prejudicial mais tarde. Esse prejuízo pode se manifestar aqui de muitas maneiras e levar por diversos caminhos à decadência do espírito.

Em primeiro lugar, cada um tem suas capacidades, seus recursos, suas dificuldades internas e externas, e devemos nos perguntar se seria sensato cultivar igualmente aquilo para o que fomos feitos e aquilo que está mais ou menos

fora do nosso alcance. Vencer uma dificuldade é muito bom; é necessário; mas a vida intelectual não deve ser uma acrobacia permanente. É extremamente importante trabalhar com alegria, e portanto com relativa facilidade, e portanto no mesmo sentido das próprias aptidões. É preciso, avançando primeiro por diversos caminhos, descobrir-se a si mesmo e, uma vez consciente de sua vocação especial, fixar-se nela.

Além disso, um perigo espreita os espíritos que muito se espalham: contentar-se com pouco. Satisfeitos com suas explorações por todos os campos, não se esforçam mais; seus progressos, inicialmente muito rápidos, são os dos fogos-fátuos sobre a terra. Nenhuma energia sustenta-se por muito tempo se não for estimulada pela dificuldade crescente e mantida pelo interesse também crescente por uma trabalhosa escavação. Examinado o conjunto, julgado em suas relações e em sua unidade à luz dos princípios fundamentais, é urgente, se não quiser ficar patinando no mesmo lugar, dedicar-se a uma tarefa precisa, limitada, proporcional a suas forças, e entregar-se a ela de todo o coração.

Nossas proposições anteriores encontram aqui sua recíproca. Dissemos: é preciso andar por diversos caminhos para ter o sentimento dos encontros; é preciso abordar a terra com amplidão para descer às profundezas. Feito isso, se o que se quer agora é cavar em direção ao centro, a estreiteza aparente será de proveito para o espaço todo, o fundo da escavação mostrará o céu inteiro. Quando se sabe a fundo alguma coisa, por pouco que se saiba de todo o resto, esse resto beneficia-se em toda a sua extensão daquela viagem às profundezas. Todos os abismos assemelham-se e todos os fundamentos comunicam-se.

Além do mais, supondo-se que se aborde com uma mesma e durável energia todos os ramos do saber, logo surgirá uma tarefa impossível. O que fazer? Quem deseja ser

legião, esquecerá de ser alguém; querendo ser um gigante, diminui-se como homem.

Cada um, na vida, tem sua obra; deve aplicar-se a ela corajosamente e deixar a outros o que a outros a Providência reserva. É preciso evitar a especialização quando o propósito é se tornar um homem cultivado, e, no que concerne ao herói destas páginas, um homem superior; mas é necessário voltar à especialização quando se trata de ser um homem exercendo uma função e propondo-se um rendimento útil. Em outros termos, é preciso tudo *compreender*, mas para chegar a *fazer* alguma coisa.

IV. OS SACRIFÍCIOS NECESSÁRIOS

Veja, a partir disso, a obrigação que cada um tem de decidir-se, no devido tempo, a fazer os sacrifícios necessários. É muito doloroso dizer para si mesmo: tomando este caminho, abandono mil outros. Tudo é interessante; tudo poderia ser útil; tudo atrai e seduz o espírito generoso; mas existe a morte, existem as necessidades do espírito e das coisas: é preciso submeter-se e contentar-se, em relação ao que o tempo e a sabedoria nos furtam, com um olhar de simpatia que será também uma homenagem à verdade.

Não tenha vergonha de ignorar o que só poderia saber pagando o preço da dispersão. Reconheça-o com humildade, pois é um sinal dos nossos limites; mas nossos limites, uma vez aceitos, tornam-se parte da nossa virtude; uma grande dignidade advém disso: a do homem que vive sob sua própria lei e que cumpre seu papel. Somos pouca coisa, mas fazemos parte de um todo, e isso é nossa honra. Aquilo que não fazemos, nós também o fazemos: Deus o faz, nossos irmãos o fazem, e estamos com eles na unidade do amor.

Não pense portanto que tudo lhe é possível. Meça-se, meça sua tarefa; depois de algumas tentativas inevitáveis,

saiba limitar-se sem rigidez; mantenha, em meio às leituras e à necessidade de pequenos trabalhos, o benefício dos primeiros cultivos, o contato com a amplidão, mas quanto ao essencial de seu tempo e de suas forças, concentre-se. O semicientista não é o que só sabe a metade das coisas, mas o que só as sabe pela metade. Saiba aquilo que decidiu saber; lance apenas um olhar para o resto. O que não faz parte da sua própria vocação, abandone-o a Deus — Ele cuidará disso. Não seja um desertor de si mesmo, por ter querido substituir a todos.

---

1. Alphonse Gratry, *Les Sources*, cap. 7, p. 70. Ed. Librarie P. Téqui, Paris, 1876 — NT.

2. É de se notar que atualmente o cientista é levado por sua própria ciência a elucidar problemas que até então pertenciam apenas à filosofia: causalidade, determinismo, probabilidade, contínuo e descontínuo, espaço, tempo, etc. Logicamente, ele deveria tomar essas noções do filósofo; mas este com freqüência exime-se, satisfeito com seus antigos quadros, e o cientista acaba tendo que filosofar por si mesmo, o que faz sem experiência e muitas vezes desajeitadamente.

3. Ver particularmente, na *Suma teológica*, toda a primeira questão; no *Comentário ao De Trinitate de Boécio*, a q. 2, a. 2; na *Suma contra os gentios*, o cap. 1 do livro 1.

4. Charles Dunan escreveu esta frase admirável: “Para a filosofia moderna, os problemas transcendentes são nulos e inexistentes. Mas a recíproca é verdadeira: se esses problemas existem, então é a filosofia moderna que não existe”. *Le deux idéalismes* [Os dois idealismos], p. 182. Alcan éd., Paris, 1911.

5. Como complemento, permito-me sugerir o *Catéchisme des Incroyants* [Catecismo dos descrentes], publicado pela editora Flammarion a fim de facilitar a nossos contemporâneos a compreensão da doutrina cristã e de seus fundamentos. [Esse livro é de autoria do próprio Sertillanges — ed. Ernest Flammarion, Paris, 1930 — NT].

6. Alguns pensaram, lendo essa frase, que o autor possui um segredo para ensinar o latim para qualquer um em apenas dois meses! Mas não me refiro ao latim, mas à língua de São Tomás, que está para o latim clássico mais ou menos como uma colina está para os Pirineus. O vocabulário tomista é tão reduzido, as construções tão recorrentes e tão alheias a tudo que torna difícil o latim, que só mesmo a preguiça pode fazer recuar, quando se trata de adquirir, a esse preço, um tesouro tão imenso.

7. Como obra básica, você pode ler o livro de Jacques Maritain *Éléments de Philosophie*. Ed. Téqui, Paris, 1920 [há tradução brasileira, *Elementos de filosofia*, ed. Agir, Rio de Janeiro, 1978 — NT]. Para o estudioso mais avançado, A.-D. Sertillanges, *Saint Thomas d’Aquin*, na Collection de Grands Philosophes, Aubier, Paris, 1920.

8. Sumário dos assuntos e doutrinas memoráveis contidos na *Suma* e no *Suplemento* que designa os locais onde eles são amplamente explicados — NE.

9. “São tantos milagres quantos artigos!”. A frase é do Papa Gregório X, Sumo Pontífice de março de 1272 a setembro de 1276, que foi amigo de São Tomás — NT.

VI

O espírito de trabalho

I. O FERVOR DA INVESTIGAÇÃO

DELIMITADO o campo de trabalho, é bom definir o espírito que deve animar o trabalhador, e ele é principalmente, antes de qualquer modo particular de sua aplicação, um espírito de zelo. “Esclarece tuas dúvidas”, diz São Tomás a seu discípulo.

Um espírito ativo está constantemente em busca de alguma verdade que é para ele, no momento atual, figura dessa verdade integral a que dedica seu culto. A inteligência é semelhante a uma criança, em cujos lábios os “por quês” não cessam de brotar. Um bom educador deixa de satisfazer essa fecunda inquietude? Não se aproveita ele de uma nova curiosidade, como de um novo apetite, para nutrir solidamente o organismo espiritual nascente? Nossa alma não envelhece; está sempre em crescimento; perante a verdade, ela é sempre uma criança. Estando nós mesmos encarregados de sua permanente educação, não devemos, na medida do possível, deixar sem solução nenhum dos problemas que surgem ao longo do nosso trabalho, nem sem uma conclusão apropriada nenhuma de nossas investigações.

Que o homem de estudos esteja então sempre à escuta da verdade. Enquanto está debruçado sobre sua tarefa, o Espírito sopra em seu interior, e revela-se também a partir do exterior, enviando seus profetas, homens, coisas, livros, acontecimentos: a alma atenta nada deve negligenciar; esse espírito da verdade, como a graça, freqüentemente passa e não volta mais. Ele mesmo, aliás, não é uma graça?

O grande inimigo do saber é nossa indolência; é essa preguiça original que detesta o esforço, que gosta de envolver-se caprichosamente nisto ou naquilo, e logo retorna a um automatismo negligente, considerando um movimento vigoroso e contínuo um verdadeiro martírio.

Talvez seja mesmo um martírio, dada nossa constituição; mas devemos estar preparados para esse martírio ou renunciar ao estudo, pois o que se pode fazer sem uma energia viril? “Tu, ó Deus, vendes todos os bens aos homens às custas do esforço”, escreveu Leonardo da Vinci em suas anotações. Ele mesmo nunca se esquecia disso.

O espírito é como a aeronave que só pode permanecer nas alturas avançando com toda a potência de suas hélices. Parar é cair. Em compensação, um fervor tenaz pode levar-nos para além de todos os limites previstos em nossos sonhos. Não sabemos o quanto a inteligência é plástica e suscetível de desenvolvimento. Disse Bossuet: “O espírito do homem pode criar infinitamente; somente sua preguiça põe limites a sua sabedoria e a suas invenções”. O que consideramos uma barreira não passa freqüentemente do matagal de nossos defeitos e de nossas negligências sensuais. Entre conceber e projetar, projetar e executar, executar e finalizar, quantas protelações, quantas quedas! O hábito do esforço aproxima essas etapas e permite passar da concepção à finalização por uma via veloz. O homem forte ergue diante de si a escada de Jacó, para as subidas e descidas dos anjos que nos visitam.

Alguns espíritos contentam-se rapidamente com o que já adquiriram. Tendo trabalhado inicialmente, acabaram perdendo o sentimento de seu vazio. Não lembram que estamos sempre vazios daquilo que ainda não temos e que, num campo ilimitado de descobertas, jamais podemos dizer “chega!”. Se o objetivo for apenas a ostentação ou obter alguma vantagem, um pequeno estoque de pensamentos pode bastar. Muitos servem-se assim de um fino biombo para ocultar de si mesmos e dos outros uma vasta ignorância. Mas uma real vocação não se satisfaz com tão pouco; considera tudo que adquiriu como um ponto de partida. Saber, buscar, saber novamente e distribuir para de novo buscar, eis a vida de um homem consagrado à verdade, assim como adquirir, seja qual for a sua fortuna

atual, é o objetivo do avarento. O intelectual sincero diz a cada dia ao Deus da verdade: “O zelo de tua casa me devora”.[1]

É principalmente na maturidade que devemos estar atentos a essa tentação. Conhecemos as histórias daqueles que chamamos “bonzos”, velhos sábios asfixiados pelas honrarias, que são esmagados por exigências e que perdem em cerimônias o tempo que antes consagravam ao estudo. Estão bem equipados, e não produzem mais; gozam de alta reputação, e entretanto não passam de uma sombra de si mesmos. Dizia-se do pintor Henner, no final de sua vida: “Ele só pinta falsos Henner”. Não subscrevo esse juízo, mas a frase é cruel e, para todos aqueles a quem pode ser aplicada, é terrível. Não devemos dissimular que, também entre os jovens, constatamos essa senilidade precoce que, feliz com uma descoberta real ou aparente, explora-a incansavelmente e desperdiça, em esticar um fio cada vez mais tênue, a atenção que seria melhor empregada em fundir um lingote ou em cunhar uma medalha.

Um verdadeiro pensador aborda seu trabalho com um espírito totalmente diferente; é movido por um instinto de conquista, por uma chama, um impulso e uma inspiração heróicos. Um herói não estanca, não conhece limites. Um Guynemer considera uma vitória como um ensaio para uma nova vitória; como se fora onipotente, voa, recomeça, atinge o adversário, volta-se contra um outro e só na morte vê o final de sua carreira.

É preciso buscar sempre, esforçar-se sempre. A natureza leva a árvore silvestre a reflorescer, o astro a brilhar, a água a fluir, descendo as encostas, contornando os obstáculos, preenchendo os vazios, sonhando com o mar que a espera lá embaixo, onde talvez chegará. A criação é em todos os seus estágios uma aspiração contínua: o espírito, que em potência é todas as coisas, não pode por si mesmo limitar suas formas ideais, como não o podem as formas naturais, que são o seu reflexo. A morte o limitará, e também sua

impotência: que ao menos sua coragem rompa as fronteiras preguiçosas. O infinito que está diante de nós solicita o infinito do nosso desejo para reparar tanto quanto possível o desfalecimento da nossa força.

II. A CONCENTRAÇÃO

Esse espírito de zelo deve conciliar-se com a concentração que todos os homens de pensamento profundo nos recomendam. Nada mais desastroso do que a dispersão. Difundir a luz é enfraquecê-la em proporções geometricamente crescentes. Ao contrário, concentre-a com uma lupa e o que estava apenas aquecido pela livre radiação queima no foco onde o calor se intensifica.

Que seu espírito aprenda a ser uma lupa graças a uma atenção convergente; que sua alma esteja toda concentrada naquilo que existe em você no estado de idéia dominante, de idéia absorvente. Ordene seu trabalho para poder dedicar-se por inteiro a ele. Que cada tarefa absorva-o profundamente, como se fosse a única. Era esse o segredo de Napoleão; é o segredo de todos os grandes homens de ação. Os próprios gênios só foram grandes pela aplicação de toda sua força no ponto que tinham decidido enfocar.

É preciso tomar cada coisa em si mesma, fazê-la no tempo que ela exige, reunir as condições que pede, consagrar-lhe a plenitude dos recursos de que se dispõe, e, uma vez levada a seu termo, passar tranqüilamente para outra. Acumula-se assim incrivelmente sem se perder em agitações.

Não é que não possamos ter vários trabalhos em andamento: isso é até necessário, pois para ter um certo distanciamento, para avaliar-se melhor e corrigir o que for preciso, para descansar de um esforço dedicando-se a outro, talvez também por motivos acidentais, não podemos evitar a interrupção e a mudança de tarefas. Então o que dissemos da concentração aplica-se a cada trabalho e a

cada vez que o retomamos. No momento em que nos dedicamos a um, temos que excluir qualquer outro, estabelecer um sistema de compartimentos estanques, mergulhar a fundo no ponto abordado e só depois ir para outro.

Os vaivéns não dão bom resultado. O viajante que titubeia e toma sucessivamente diversos caminhos extenua-se, desencoraja-se e não avança. Ao contrário, a continuidade em uma via e as retomadas enérgicas seguidas de oportunas pausas, a saber, quando a primeira fase da ação é cumprida, é o meio de produzir ao máximo, e ao mesmo tempo manter o pensamento vivo, a coragem intacta. A alma de um verdadeiro trabalhador, apesar de suas preocupações e de sua sucessiva multiplicidade, deveria sempre, entre duas investidas ardentes sobre um obstáculo, estar serena e nobre como um grupo de nuvens no horizonte.

Acrescentemos que essa lei de toda atividade é reforçada quando se trata do pensamento puro, por causa da unidade da verdade e da importância de manter sob nossos olhos todos os seus elementos, a fim de que se faça a claridade. Cada idéia, por pouco que seja verdadeiramente una, é infinitamente rica; relacionada a todas as outras, pode regenerar-se incessantemente. Enquanto essas dependências esclarecedoras se apresentarem, enquanto a verdade brilhar, não distraia o olhar: mantenha em sua mão o fio que o guia através do labirinto; semeie o grão de um pensamento fecundo, depois o grão da nova planta. Não descuide nem da cultura, nem das sementes: um só germe vale toda uma plantação.

Todas as obras de um espírito bem formado deveriam ser os desenvolvimentos de um pensamento único, de um sentimento da vida que busca suas formas e suas aplicações. Bergson não nos disse ainda há pouco: “Um filósofo digno deste nome nunca disse mais do que uma única coisa”? Com mais razão ainda todas as operações de

um período definido, de um empreendimento, de uma sessão de estudo, devem orientar-se, reunir-se sob uma disciplina estrita. Cavar sempre o mesmo fosso é a maneira de descer profundamente e arrancar da terra os seus segredos.

Um dos efeitos dessa concentração será fazer escolhas no meio da massa confusa que quase sempre aparece em nossas primeiras pesquisas. Pouco a pouco, as ligações essenciais apresentam-se, e é sobretudo nisso que consiste o segredo das obras potentes. O valor nunca está na multiplicidade; está nas relações de alguns elementos que governam o conjunto inteiro, ou o ser inteiro, que nos fornecem sua lei e permitem então que façamos a seu respeito uma criação original, uma obra relevante e de grande alcance. Alguns fatos bem escolhidos ou algumas idéias fortes — fortes em sua coerência e seus encadeamentos mais que em seu teor —, são matéria suficiente para uma produção genial. Dirigir bem as investigações e centralizar bem seus trabalhos é toda a arte dos grandes; é o que, a seu exemplo, cada um deve tentar fazer a fim de chegar ao limite de si mesmo.

III. A SUBMISSÃO À VERDADE

Mas uma outra coisa é ainda mais importante: submeter-se não só à disciplina do trabalho, mas também à disciplina da verdade, condição indispensável para relacionar-se intimamente com ela. Pronta obediência: eis o que nos pede a verdade. Nessa união solene devemos participar com uma alma respeitosa. A verdade só se dá a quem já está despojado e muito decidido a dedicar-se unicamente a ela. A inteligência que não se entrega vive num estado de ceticismo, e o cético está mal aparelhado para a verdade. A descoberta é um efeito da simpatia; ora, a simpatia é também um dom.

Pelo pensamento nós *encontramos* alguma coisa, não a criamos; não submeter-se a ela é como não a ter encontrado, e não submeter-se antecipadamente impede que seja encontrada. Cedendo à verdade e exprimindo-a da melhor maneira que pudermos, mas sem nenhuma alteração criminosa, exercemos um culto ao qual o Deus interior e o Deus universal responderão revelando-nos que são um mesmo Deus, e estabelecendo uma sociedade com nossa alma. Nisso, como em tudo mais, a vontade própria é a grande inimiga de Deus.

Essa submissão supõe a humildade, e devemos recordar aqui o que dissemos sobre a importância das virtudes no reino da inteligência, pois todas as virtudes têm por base a exclusão da personalidade orgulhosa, que repugna à ordem. Intelectualmente, o orgulho é o pai das aberrações e das falsas criações; a humildade é o olhar que lê o livro da vida e o livro do universo.

Poderíamos definir o estudo dizendo: é Deus tomando consciência em nós de sua própria obra. Assim como toda ação, a intelecção sai de Deus e retorna a Deus através de nós. Deus é sua causa primeira; é sua finalidade última; entre uma e outra, nossa emoção transbordante pode criar um desvio. Abramos os olhos com sabedoria, para que nosso Espírito inspirador veja.

Nosso intelecto é fundamentalmente uma potência passiva; somos intelectualmente potentes na medida em que somos receptivos. Não é que não devamos reagir; mas a reação vital, sobre a qual ainda falaremos mais, não deve mudar nada no teor das nossas aquisições; ela simplesmente torna-as nossas. Uma grande cultura, enriquecendo um espírito, abre-lhe novos caminhos e aumenta sua capacidade; mas, sem humildade, essa atração exercida pelo exterior será também ela uma fonte de mentiras. Ao contrário, ao espírito cultivado e humilde as luzes chegam de todos os lados, interpenetram-se como a aurora nos altos montes.

Além da humildade, é recomendável que o pensador tenha uma certa passividade de atitude que corresponde à natureza do espírito e da inspiração. Sabemos pouco sobre o espírito; mas sabemos que a passividade é sua lei primeira. Sabemos ainda menos sobre os caminhos da inspiração, mas podemos constatar que ela utiliza em nós mais a inconsciência do que as iniciativas. Avançamos por entre obstáculos como um cavaleiro no meio da noite: mais vale confiar na nossa montaria que ficar puxando indiscriminadamente suas rédeas.

Uma atividade voluntária demais torna nossa inteligência menos segura e menos receptiva; agitados demais, permanecemos em nós mesmos, e compreender é tornar-se outro e receber um precioso presente. Tente pensar no objeto da ciência, não em você mesmo, da mesma maneira que, quando falamos, nós o fazemos no espaço, e não no interior das nossas próprias cavidades. Os cantores sabem a que me refiro; quem já experimentou a inspiração também pode compreender-me. É preciso olhar *através* do espírito para as coisas, e não *no* espírito, esquecendo-se mais ou menos das coisas. No espírito está *aquilo pelo que* se vê, mas não *aquilo que* se vê: que o meio não nos distraia do fim.

“O essencial é estar em êxtase”, escreveu o pintor de afrescos Louis Dussour, “procurando ao mesmo tempo compreender como tudo se encadeia e se constrói”. Às vezes falta o êxtase, às vezes a construção. E falamos aqui do primeiro.

Eis o trabalho profundo: deixar-se penetrar pela verdade, submergir nela docemente, afogar-se; não mais pensar que pensamos, nem que existimos, nem que coisa alguma existe, exceto a própria verdade. Este é o bem-aventurado êxtase.

Para São Tomás, o êxtase é filho do amor; trasporta-nos para fora, para o objeto dos nossos sonhos: amar a verdade tão ardentemente que nos concentremos nela e nos

transportemos assim ao universal, àquilo que é, ao seio das verdades permanentes, é a atitude de contemplação e de produção fecunda. Estaremos então voltados para nós mesmos, mas com a atenção sobre a presa, como um predador, e a vida interior será intensa, mas com um sentimento de extraordinárias distâncias, como se circulássemos por entre os astros. Sentimo-nos a um só tempo expandidos e encadeados, livres e escravos; somos plenamente nós mesmos entregando-nos a algo muito mais alto do que nós; exaltamo-nos perdendo-nos: é o nirvana da inteligência arrebatada e potente.

Não vá, pois, se for visitado por esse espírito, desencorajá-lo e expulsá-lo fazendo um trabalho completamente artificial e exterior. Se ele estiver ausente, apresse seu retorno com humildes preces. Sob o fulgor divino ganhará em pouco tempo muito mais do que ganharia dedicando-se aos seus pensamentos abstratos. “Nos teus átrios, Senhor, um dia vale mais do que mil”.[2]

Evite tanto quanto possível o retorno da atividade voluntária, o despertar da Esposa. Que seu espírito seja a cera, não o sinete, a fim de que o selo da verdade permaneça puro. Pratique o *santo abandono*; obedeça a Deus; seja como o poeta inspirado, como o orador que uma onda interior eleva e em quem o pensamento não pesa mais.

Por outro lado, tendo que receber dos homens através da leitura, do ensino, do convívio, aproveite esta regra de ouro inserida por São Tomás nos *dezesseis preceitos*: “Não consideres de quem ouves as coisas, mas tudo o que se disser de bom, confia-o à tua memória”.

A história das ciências está repleta de resistências de um talento a outro, de um gênio a outro, de uma confraria a outra, de uma agremiação a outra. Laënnec opõe-se a Broussais, Pouchet a Pasteur; Lister tem toda a Inglaterra contra ele, Harvey toda a humanidade com mais de quarenta anos. Como se a verdade fosse exuberante demais

e precisássemos impedir sua proliferação. Enquanto as leis do mundo subjugam a matéria, por que o espírito tem tanta dificuldade em submeter-se ao espírito?

Na Primeira Epístola aos Coríntios (cap. 14), está escrito que se alguma coisa é revelada ao menor dos fiéis em oração, os outros devem calar-se e ouvi-lo. São Tomás faz a seguinte reflexão sobre essa frase: “Ninguém, por mais sábio que seja, deve rejeitar a doutrina de outro, por pequeno que este seja”,[3] o que se relaciona a outro conselho paulino: “Cada um, por humildade, considere os outros superiores a si”.[4] É superior em certo momento aquele que estiver mais perto da verdade, recebendo dela sua luz.

O que importa em um pensamento não é sua proveniência, mas suas dimensões; o que é interessante no próprio gênio não é nem Aristóteles, nem Leibniz, nem Bossuet, nem Pascal, mas a verdade. Quanto mais preciosa for uma idéia, menos importa saber de onde ela vem. Eleve-se à indiferença para com as fontes. Somente a verdade tem direito, e ela tem direito onde quer que se apresente. Assim como não se deve ser vassalo de ninguém, menos ainda se deve desprezar alguém, e se não é oportuno *acreditar em todos*, também não devemos recusar-nos a acreditar em quem quer que seja, desde que apresente seus títulos.

Nisso está a grande liberdade, e sua recompensa é tão ampla que a própria avareza agiria assim, se não se acreditasse melhor inspirada resguardando seus cofres. Gostamos de acreditar que possuímos tudo, que somos capazes de tudo, e só escutamos distraidamente as vozes estrangeiras. Somente alguns privilegiados, homens ou livros, merecem nossa atenção e nos servem de inspiração. Ora, na verdade a inspiração está por todos os lados; o Espírito sopra tanto nos vales quanto nos cumes. Na mais pobre inteligência há um reflexo da Sabedoria infinita, e a humildade profunda sabe reconhecê-lo.

Como não se sentir na presença de Deus quando um homem ensina? Não é ele Sua imagem? Imagem às vezes deformada, mas com freqüência autêntica; e essa deformação é sempre parcial. Perguntarmo-nos a que preço podemos operar sua restauração e em que medida se mantém a retidão seria um trabalho bem mais fecundo que dar de ombros ou contrapor-se com rispidez. Sempre é vão contrapor-se; vale muito mais refletir. Onde quer que o Deus da verdade tenha deixado algo de si mesmo, ali devemos estar prontos a colher, venerar religiosamente seus frutos e utilizá-los com diligência. Onde o eterno semeador passou, não devemos nós colher?

IV. OS DESENVOLVIMENTOS

Enfim, para enobrecer o espírito de trabalho, é preciso acrescentar ao fervor, à concentração, à submissão, um esforço de ampliação que dê a cada estudo ou a cada produção uma dimensão de certa forma total.

Um problema não pode ficar encerrado em si mesmo; ele transborda por sua própria natureza, pois a inteligibilidade que invoca vem de fontes que estão muito acima dele. O que dissemos sobre a ciência comparada pode esclarecer-nos aqui. Cada objeto de nosso estudo pertence a um conjunto no qual age e sofre ações, um conjunto que tem certas condições e ao qual o objeto impõe as suas; não se pode estudá-lo à parte. O que se chama de especialidade ou análise pode muito bem ser um método, mas não deve ser um espírito. O trabalhador não pode ser vítima do seu próprio estratagema. Isolo uma peça de um mecanismo a fim de melhor examiná-la; mas, enquanto a tenho nas mãos e observo-a com meus olhos, meu pensamento deve mantê-la no seu lugar, vê-la no todo a que pertence, do contrário altero a verdade do todo, que fica imcompleto, e da engrenagem, que se torna incompreensível.

A verdade é una; tudo pertence à única verdade suprema; entre um objeto particular e Deus, há todas as leis do mundo, cuja amplitude vai crescendo desde a norma aplicada a determinado objeto até o Axioma eterno. Por outro lado, também o espírito do homem é uno; sua formação não poderia satisfazer-se com a mentira das especialidades consideradas como um desmembramento do verdadeiro e do belo em fragmentos dispersos. Por mais restrita que seja sua investigação, por mais exíguo o campo em que se concentra, é todo o homem e todo o universo que estão em jogo. Tanto o sujeito quanto o objeto visam o universal. Estudar de verdade uma coisa é evocar gradativamente o sentimento de todas as outras e sua solidariedade, é participar da sinfonia dos seres, é unir-se ao universo e a si mesmo.

Falávamos há pouco sobre a concentração; mas era evidente que não pretendíamos de maneira alguma restringir o estudo. Concentrar e ampliar não são, como a sístole e a diástole, senão um só e mesmo movimento. Chamo concentração à convergência da atenção sobre um ponto; chamo ampliação ao sentimento de que esse ponto é o centro de um vasto conjunto, e mesmo o centro do todo, pois na esfera imensa "o centro está em toda parte e a circunferência não está em parte alguma".[5]

Nosso espírito tem esta dupla tendência: unificar os detalhes para chegar a uma síntese compreensiva; perder no detalhe o sentimento da unidade, esquecendo-se dele. Temos que equilibrar essas duas inclinações. A primeira corresponde ao objetivo da ciência, a segunda à nossa fraqueza. Temos que isolar para poder aprofundar, mas em seguida temos que unir, para poder compreender.

Ao trabalhar, portanto, não coloque o ponto de mira muito baixo. Pense alto. Tenha a alma de quem examina atentamente e discerne os pequenos brotos da verdade, e acima de tudo não apequene as questões sublimes. Sinta-se em contato com os grandes segredos, na atmosfera dos

grandes seres; perceba a luz que se filtra aqui e ali, mas que além, em continuidade com esse tênue filete, inunda o universo e une-se à Fonte pura.

Corot não pinta uma árvore ignorando o horizonte; Velásquez coloca suas meninas em pleno escurial, em plena vida, seria até mais adequado dizer em pleno ser, pois é esse sentimento do mistério do ser que faz desse prodigioso talento um gênio que assombra a alma e enfeitiça os olhos. É uma regra da arte da pintura que se deve pensar sobretudo no trecho que não se pinta, e que o próprio quadro deve ceder ao *caráter*, à dimensão geral do assunto, à sua ampliação para além da tela.

O artista, debruçado sobre o menor detalhe, deve estar num estado de arrebatamento universal; o escritor, o filósofo, o orador, num estado de pensamento e de emoção universais. Colocando o dedo sobre um ponto do mapa-múndi, temos que sentir toda sua extensão e sua redondeza. É sempre do todo que se fala.

Fuja dos espíritos que jamais conseguem sair da escolaridade, que são escravos do trabalho em vez de colocá-lo diante de si, em plena luz. Deixar-se aprisionar por fórmulas estreitas e seu espírito petrificar-se em formas livrescas é sinal de uma inferioridade que contradiz claramente a vocação intelectual. Hilotas ou eternas crianças: assim devem ser chamados esses pretensos trabalhadores, que vemos deslocados em qualquer região mais alta, perante todo horizonte mais amplo, e que gostariam muito de reduzir os outros à sua ortodoxia de simplórios medíocres.

O gênio está em ver no trabalho aquilo que está para além dele, nos livros aquilo que eles não poderiam dizer. As entrelinhas de um grande texto são o seu verdadeiro tesouro; sugerem, dão a entender que nada é estranho aos mais profundos pensamentos do homem. Em vez de reduzi-los, de esvaziá-los, extraia dos assuntos restritos aquilo que lhes dá uma sólida substância, ou seja, aquilo que não lhes

pertence, mas é comum a eles e a outros, a eles e a todos, como a luz é comum às cores e à sua distribuição pelos objetos.

O ideal seria estabelecer em seu espírito uma vida comum de pensamentos que se interpenetram e formam por assim dizer um único pensamento. Em Deus é assim; poderíamos encontrar um melhor modelo para guiar à distância nossa pobre ciência?

O espírito de contemplação e de oração que já recomendamos aproxima-nos naturalmente desse estado; contém em si mesmo esse fruto. Adotando o ponto de vista de Deus, graças ao qual cada coisa obtém seu sentido supremo e todas as coisas sua coesão, sentimo-nos no centro de tudo, instigados por riquezas e possibilidades inesgotáveis.

Se refletirmos bem, veremos que a espécie de deslumbramento que nos toma perante uma nova verdade vem da sugestão dessas perspectivas indefinidas e dessas relações universais que ela supõe. Esse único passo na direção da verdade é como uma excursão luminosa. Vemos o mundo sob uma nova luz; sentimos o todo palpitando ao tocar no fragmento encontrado. Mais tarde, essa idéia, trazida para bem longe dos confins de que fora a precursora, poderá parecer mesquinha àquele mesmo que deslumbrara; não evocando nada além de si mesma, perde a vida, extingue o sentimento do infinito que é a alma de toda busca.

Os grandes homens sofreram desse ressecamento dos pensamentos. Sua visão era grande: acharam os seus resultados diminutos. Por isso devemos lê-los, também a eles, com um espírito não literal, não livresco, mas com um espírito de transcendência, que os colocará no lugar que lhes é próprio. A letra mata: que a leitura e o estudo sejam espírito e vida.

V. O SENSO DO MISTÉRIO

É essencial que o senso do mistério jamais se extinga, mesmo quando esgotamos nossos esforços e mesmo quando parece que a verdade sorriu para nós. Quem pensa que compreendeu tudo prova, por isso mesmo, que nada compreendeu. Quem se satisfaz com respostas provisórias a problemas que na realidade estão sempre em questão falseia a resposta dada, não percebendo que ela é parcial. Toda questão é um enigma que a natureza — e, através dela, Deus — nos propõe: o que Deus propõe, só Deus pode responder. As portas do infinito estão sempre abertas. O que há de mais precioso em cada coisa é aquilo que não está expresso nela. Biot, abordado por um colega nestes termos: “Quero lhe fazer uma pergunta interessante”, repondeu: “Inútil; se a sua pergunta é interessante, eu não tenho a resposta”. “Não sabemos tudo de nada”, disse Pascal, e “para compreender a fundo uma coisa”, acrescenta Claude Bernard, “seria preciso conhecer todas”. Podemos dizer da verdade completa sobre um assunto qualquer o que Santo Agostinho dizia de Deus: “Se compreendes, diz para ti mesmo que não é isso”. Mas o espírito pequeno acredita abarcar o cosmos e toda a sua riqueza; tendo nas mãos um balde com três litros de água resplandecente, diz: “Vejam, consegui captar o mar e todos os astros”.

São Tomás, no final da vida, tomado por esse sentimento do mistério de tudo, respondeu ao irmão Reginaldo, que o instava a escrever: “Reginaldo, não o posso mais: tudo que escrevi parece-me palha”. Não tenhamos a presunção de querer que esse alto desespero venha muito cedo; ele é uma recompensa; é o silêncio precursor do grande clamor que brotará na alma invadida pela luz; mas um pouco desse estado de alma é o melhor corretivo para o orgulho que cega e para as pretensões que extraviam. É também um estimulante para o trabalho, pois as luzes distantes continuarão atraindo-nos enquanto tivermos a esperança de atingi-las. Ao contrário, quando achamos que tudo já foi dito

e que só nos falta aprendê-lo, trabalhamos em um cículo estreito e imobilizamo-nos.

Um caráter elevado sabe que nossas iluminações não são mais do que degraus de sombras pelos quais subimos em direção à luz inacessível. Balbuciamos, e o enigma do mundo é perfeito. Estudar é determinar algumas condições, classificar os fatos: só estudamos com grandeza quando colocamos esse pouco sob os auspícios daquilo que ainda ignoramos. Isso não é colocá-lo na escuridão, pois a luz que não vemos é a que alimenta os reflexos de nossa noite astral.

O mistério é a luz do que conhecemos em todas as coisas, assim como a unidade é a origem do número, como a imobilidade é o segredo das torrentes vertiginosas. Sentir em si mesmo o murmúrio de todo o ser e de toda a duração, invocar o seu testemunho, é ainda, apesar do seu silêncio, cercar-se das melhores garantias para a aquisição da verdade. Tudo depende de tudo, e as claras relações entre os seres estão imersas nessa noite em que penetramos às apalpadelas.

---

1. Sl 69, 9 e Jo 2, 17.
2. Sl 83, 11.
3. *In Evang. Joann.*, cap. 9, lect. 3, final.
4. Fl 2, 3.
5. Pascal, *Pensées*, frag. 72 — NE.

VII

A preparação do trabalho

A – A leitura

I. LER POUCO

TRABALHAR significa aprender e significa produzir: nos dois casos é necessária uma longa preparação. Produzir é um resultado, e para aprender em matéria árdua e complexa é preciso ir através do que é simples e fácil: “Pelos riachos, e não diretamente, é que chegamos ao mar”, diz-nos São Tomás.

Ora, a leitura é o meio universal de aprender, e é a preparação imediata ou distante de toda produção.

Jamais pensamos isoladamente; pensamos em sociedade, numa imensa colaboração; trabalhamos com os trabalhadores do passado e do presente. Todo o mundo intelectual pode ser comparado, graças à leitura, a uma sala de redação ou a um escritório de negócios: cada um encontra ao seu lado a iniciação, a ajuda, o controle, o ensino, o encorajamento de que necessita.

Saber ler e utilizar as leituras, portanto, é para o homem de estudos uma necessidade primordial, e Deus queira que a insconsciência rotineira não permita que esqueçamos disso!

A primeira regra é esta: leia pouco. Em 1921, no jornal *Le Temps*, Paul Souday, que aparentemente tinha algum motivo para se vingar de mim, tomou este preceito, “leia pouco”, para tentar encontrar nele um espírito de ignorantismo. O leitor sabe quanto vale uma tal crítica. Paul Souday, é claro, não o sabia menos.

Não aconselho reduzir as leituras indiscriminadamente: tudo o que precede protestaria contra essa interpretação. Queremos formar um espírito amplo, praticar a ciência comparada, manter o horizonte aberto à nossa frente: não

se faz isso sem muita leitura. Mas muito e pouco só se opõem em um mesmo terreno. Absolutamente, é preciso muito, porque a obra é vasta; relativamente, pouco, dado o dilúvio de escritos com que hoje a menor especialidade abarrota as bibliotecas e as almas.

O que proscrevo é a paixão de ler, a compulsão, a intoxicação pelo excesso de alimento espiritual, a preguiça disfarçada que prefere o convívio fácil ao esforço.

A “paixão” pela leitura, que muitos honram como uma preciosa qualidade intelectual, é na verdade uma tara; não difere em nada das outras paixões que devoram a alma, trazem-lhe perturbações, lançam e entrecruzam nela confusas correntes e esgotam suas forças.

Temos que ler inteligentemente, e não apaixonadamente. Vamos aos livros como a dona de casa vai ao mercado, já tendo os cardápios do dia definidos conforme as leis da higiene e de uma prudente economia. Seu espírito no mercado não é o mesmo que terá, à noite, no cinema. Não se trata de sonhar, de emocionar-se, mas de governar um lar e dar-lhe a melhor vida possível.

A leitura desordenada entorpece o espírito, não o alimenta; torna-o pouco a pouco incapaz de reflexão e de concentração, e por conseguinte de produção; exterioriza-o por dentro, se posso exprimir-me assim, e torna-o escravo de suas imagens mentais, desse fluxo e refluxo do qual ele se torna um ardoroso espectador. Uma exaltação desse tipo é um álibi; despoja a inteligência e faz com que ela só saiba seguir os pensamentos dos outros e entregar-se à corrente das palavras, das exposições, dos capítulos, dos tomos.

As pequenas excitações constantes assim provocadas destróem as energias, como uma vibração constante danifica o aço. Não devemos esperar nenhum verdadeiro trabalho do leitor voraz, depois de ter sobrecarregado os olhos e as meninges; está, espiritualmente, num estado de cefaléia, enquanto o trabalhador sensato, mantendo o domínio sobre si mesmo, calmo e livre, só lê o que pretende

reter, só retém o que lhe deve servir, organiza seu cérebro e não o embrutece com uma carga absurda.

Reserve um tempo para sair, ler o livro da natureza, respirar ar puro, descontrair. Depois da atividade escolhida, organize a diversão escolhida, em vez de entregar-se a um automatismo que só tem de intelectual sua matéria, que em si mesmo é tão banal quanto escorregar por uma encosta ou escalar uma montanha sem motivo algum.

Fala-se em estar "atualizado", e sem dúvida um intelectual não pode ignorar o gênero humano, nem sobretudo desinteressar-se do que se escreve no mundo de sua especialidade; mas tome cuidado para que a "atualidade" não esgote todas as suas disponibilidades para o trabalho e, em vez de levá-lo adiante, paralise-o. Só se avança remando com os próprios braços; nenhuma corrente pode conduzi-lo ao que pretende alcançar. Faça você mesmo o seu caminho, e não enverede por todos os rumos.

A redução deve recair sobretudo sobre as leituras menos substanciais e menos sérias. Envenenar-se com romances, nem pensar. Um, de vez em quando, para descansar e não negligenciar alguma glória literária, está bem; mas é uma concessão, pois a maioria dos romances perturbam e não descansam, agitam e desorientam os pensamentos.

Quanto aos jornais, defenda-se deles com uma energia que a constância e a indiscrição de seus ataques tornaram imprescindível. É preciso saber o que contêm os jornais. Mas eles contêm tão pouco! E é muito fácil informar-se disso sem se instalar em intermináveis sessões de preguiçosa leitura! Em todo caso, há horas mais adequadas a essa incursão nas novidades que a hora do trabalho.

Um grande trabalhador deveria contentar-se, parece-me, com a crônica semanal ou quinzenal de uma revista, e quanto ao resto, estando atento ao que as pessoas comentam no dia-a-dia, só recorrer aos diários se lhe indicarem um artigo notável ou se acontecer algo importante.

Resumo o que acabo de expor dizendo: jamais leia quando puder recolher-se; leia, exceto nos momentos de distração, unicamente o que se relaciona ao objetivo que determinou, e leia pouco, para não devorar o silêncio.

II. ESCOLHER

Nessas primeiras observações já está incluído o princípio das escolhas. Quanto discernimento precisamos ter, dizia Nicole, em relação ao que serve de alimento para nosso espírito e que vai se tornar a semente dos nossos pensamentos! Pois o que lemos hoje com indiferença surgirá quando for propício, e nos fornecerá, sem que sequer percebamos, os pensamentos que serão a fonte da nossa salvação ou da nossa perdição. Deus desperta os bons pensamentos para nos salvar; o diabo desperta os maus pensamentos cuja semente encontra em nós.[1]

Temos portanto que escolher, o que significa duas coisas: escolher os livros, escolher nos livros.

Escolher *os* livros. Não acreditar nas propagandas interesseiras nem nos títulos aliciantes. Ter conselheiros fiéis e peritos. Só beber nas fontes. Freqüentar somente a elite dos pensadores. O que nem sempre é possível em matéria de relações pessoais é fácil em matéria de leituras, e temos que aproveitar isso. Admirar de todo o coração o que merece ser admirado, mas não prodigalizar a admiração. Desprezar as obras malfeitas, que provavelmente são mal pensadas.

Só ler em primeira mão, lá onde brilham as idéias mestras. Estas são pouco numerosas. Os livros repetem-se, diluem-se, ou então se contradizem, o que é outra maneira de se repetirem. Se observarmos com cuidado, os achados de pensamento são raros; o fundamento antigo, melhor dizendo, o fundamento permanente é o melhor; é nele que temos que nos apoiar para comunicar verdadeiramente com a inteligência do homem, longe das pequenas

individualidades balbuciantes ou querelosas. Foi uma comerciante de modas (a Srta. Bertin) quem encontrou esta fórmula: “Só é novo aquilo que foi esquecido”. A maior parte dos escritores não passa de editores; já é alguma coisa, mas eu preciso é dos autores.

Portanto, você lerá sem preconceitos o que se escreve de bom; dê ao que é atual a parte que lhe cabe; ela será maior quando se tratar de informações, de noções positivas que estão em desenvolvimento ou em crescimento; você tem que pertencer ao seu tempo; não deve ser “um tipo arcaico”. Mas também não tenha a superstição do novo; ame os livros eternos, que dizem as verdades eternas.

Em seguida você deve escolher *nos* livros, onde nem tudo tem a mesma importância. Porém não com a atitude de um juiz; seja antes, para com o autor, um irmão na verdade, um amigo, e um amigo inferior, pois, ao menos sob certos aspectos, você o toma por guia. O livro é um irmão mais velho; você deve honrá-lo, abordá-lo sem orgulho, escutá-lo sem prevenções, suportar seus defeitos, procurar a semente no meio da palha. Mas você é um homem livre, continua sendo responsável: mantenha suficiente reserva para proteger sua alma e, se preciso for, defendê-la.

“Os livros são obras de homens”, disse também Nicole, “e a corrupção do homem mistura-se à maior parte de suas ações, e como ela consiste em ignorância e em concupiscência, quase todos os livros ressentem-se desses dois defeitos”.[2] Portanto filtrar, para depurar, é com freqüência necessário ao longo de uma leitura. Para tanto, confiar em Deus e no que há de melhor em si mesmo, no si-mesmo que é filho de Deus e em quem um instinto da verdade, um amor pelo bem servirá de salvaguarda.

Lembre-se aliás de que em boa parte um livro vale o que você vale, e que é você mesmo que o faz valer. Leibniz utilizava tudo; São Tomás pegou dos heréticos e dos paganizantes de seu tempo uma multidão de pensamentos, e nenhum deles o prejudicou. Um homem inteligente

encontra em tudo a inteligência, um tolo projeta por todos os lados a sombra de sua fronte estreita e inerte. Escolha o melhor que puder, e faça com que tudo seja bom, amplo, aberto à verdade, prudente e fecundo, porque você mesmo terá sido assim.

III. QUATRO ESPÉCIES DE LEITURA

Para ser ainda mais preciso, distingo quatro espécies de leituras. Lê-se para se formar e se tornar alguém; lê-se em vista de uma tarefa; lê-se a fim de se exercitar para o trabalho e para o bem; lê-se para se distrair. Há leituras de *fundo*, leituras de *ocasião*, leituras de *estímulo* ou de *edificação*, e leituras de *repouso*.

Todas essas espécies de leituras devem ser feitas à luz das nossas observações; cada uma apresenta também suas exigências particulares. As leituras de fundo exigem docilidade, as leituras de ocasião, maestria, as leituras de estímulo, ardor, as leituras de repouso, liberdade.

Quando se está em formação e quase tudo ainda precisa ser adquirido, não é hora de iniciativas. Quando se trata de uma primeira formação, de uma cultura de conjunto, ou quando se aborda uma nova disciplina, ou um problema negligenciado até então, os autores consultados para esse fim devem ser antes acreditados que criticados, e seguidos em suas próprias vias, e não utilizados segundo os caminhos do leitor. Agir cedo demais prejudica a aquisição; inicialmente, é sensato dobrar-se. "É preciso acreditar no seu mestre", diz São Tomás, repetindo Aristóteles. Ele mesmo acreditou e saiu-se muito bem.

Não se trata de entregar-se às cegas; um espírito nobre jamais aprisiona; mas como só se aprende a arte do comando obedecendo, também a maestria do pensamento só se obtém pela disciplina. Uma atitude de respeito, de confiança, de fé provisória, enquanto não se possui todas as

normas para o juízo, é uma necessidade tão evidente que somente os pedantes e os presunçosos negam-se a ela.

Ninguém é infalível; mas o aluno o é bem menos que o mestre, e se recusa a se submeter, para cada vez em que estiver com a razão haverá vinte vezes em que errará a verdade e será vítima das aparências. Ao contrário, a crença e uma passividade relativa, concedendo ao mestre algo do que devemos à verdade, são favoráveis a esta, e permitem afinal utilizar até as insuficiências e até mesmo as ilusões do doutor. Só podemos saber o que falta a um homem se conhecermos bem sua riqueza.

Preliminarmente, é uma sabedoria elementar escolher, entre mil, os guias em que se quer assim confiar. A escolha de um pai espiritual é sempre grave. Aconselhamos São Tomás por causa de suas altas doutrinas; não podemos nos restringir a ele; mas três ou quatro autores que se deve conhecer a fundo para a cultura geral, três ou quatro outros para a especialidade e um número semelhante para cada problema que se coloca, é o que basta. Recorreremos a outras fontes para *informação*, não para *formação*, com uma atitude de espírito diferente.

Ela será inversa mesmo, sob certos aspectos; pois quem se informa, quem deseja utilizar, não está mais num estado de pura receptividade; tem já uma idéia própria, um plano; a obra consultada está a seu serviço. Uma dose de submissão é sempre requerida; mas ela refere-se agora à verdade e não mais ao escritor, e se concernir a este também, concede-lhe uma fé que talvez transforme suas conclusões, que não atrapalhe o próprio caminho.

Essas questões de atitude têm muita importância, pois consultar da mesma maneira que se estuda é perda de tempo, e estudar com um espírito de consulta equivale a ser o seu único mestre e perder o benefício da formação que lhe oferece um iniciador.

Quem lê para fazer um trabalho tem o espírito dominado pelo que pretende realizar; não mergulha no rio, tira água

dele; fica nas suas margens, guarda a liberdade de movimento, reforça sua idéia própria com o que retira dele, em vez de encaixá-la na idéia de outro, e sai da leitura enriquecido, não despojado, como aconteceria se a fascinação da leitura prejudicasse a intenção de utilidade que a justificava.

Quanto às leituras de estímulo, a escolha, além das regras gerais, deve levar em conta a experiência de cada um. O que já funcionou para você provavelmente funcionará de novo. Uma influência pode desgastar-se a longo prazo, mas no início ela se reforça; o hábito aviva-a; uma penetração mais íntima instala-a em nós; a associação de idéias e de sentimentos liga a uma certa página estados de alma que retornam quando voltamos a ela.

Ter assim nos momentos de depressão intelectual ou espiritual seus autores favoritos, suas páginas estimulantes, ao alcance da mão, sempre prontos a inocular-lhe sua boa seiva, é um imenso recurso. Conheço pessoas a quem a peroração da *Oração fúnebre do Grande Condé*[3] reergueu durante muitos anos todas as vezes que sua inspiração declinava. Outras, no plano espiritual, não resistem ao *Mistério de Jesus* de Pascal, a uma oração de São Tomás, a certo capítulo da *Imitação* ou a determinada parábola. Que cada um se observe, note o que o revigora, ponha junto de si esses remédios para as doenças da alma e não tema recorrer, incansavelmente, ao mesmo cordial ou ao mesmo antídoto.

Quando se trata de descansar, a importância da escolha parece bem menor; e de fato ela o é, relativamente; mas não pense que é indiferente distrair-se nisto ou naquilo, quando o objetivo é restabelecer as condições adequadas ao que constitui sua razão de ser. Certas leituras não lhe dão o repouso suficiente; outras repousam-no demais, prejudicando o recolhimento que se lhes deve seguir; outras podem desviá-lo, no sentido etimológico mesmo da palavra, quer dizer, levá-lo para fora do seu caminho.

Conheci alguém que repousava de um trabalho árduo com a *História da filosofia grega*, de Zeller; era uma distração, mas insuficiente. Outros lêem histórias apimentadas ou fantásticas que dispersam; outros entregam-se a tentações que desencorajam seu trabalho e prejudicam-lhes a alma. Nada disso é bom. Se os livros são serviçais, como os objetos que utilizamos em nossa vida, sobretudo estes que têm um papel acessório devem estar a nosso serviço. Não vá sacrificar-se por uma ninharia.

Muitos pensadores encontraram um alívio e um gosto habituais em narrativas de viagens e de explorações, na poesia, na crítica artística, na leitura de comédias, em memórias. Cada um tem seus gostos e o gosto aqui é o principal. Uma só coisa, segundo São Tomás, dá um verdadeiro repouso: a alegria; tentar distrair-se no tédio é um equívoco.

Leia o que lhe dá prazer, o que não o entusiasma demais, o que não o prejudica de alguma forma, e já que, mesmo distraindo-se, você é um consagrado, tenha a inteligência de ler aquilo que, além da utilidade repousante, pode lhe ser útil de outra maneira, ajudando-o a aperfeiçoar-se, a ornar seu espírito, a ser homem.

IV. O CONTATO COM OS GÊNIOS

Quero falar particularmente, por atribuir-lhe uma importância extrema para a conduta do espírito e da vida, da utilização dos grandes homens. O contato com os gênios é uma das graças especiais que Deus concede aos pensadores modestos; deveríamos preparar-nos para ele como nos preparamos para a oração com a Escritura, como nos recolhemos e nos colocamos numa atitude de respeito ao abordarmos uma grande personalidade ou um santo.

Pensamos muito pouco no privilégio dessa solidariedade que multiplica a alegria e o proveito de viver, que amplia o mundo e torna nossa morada nele mais nobre e preciosa,

que renova para cada um de nós a glória de ser homem, de ter o espírito aberto aos mesmos horizontes dos maiores dentre nós, de viver nas alturas e de construir com seus semelhantes, com seus inspiradores, uma sociedade em Deus. “Depois dos gênios, vêm imediatamente aqueles que sabem reconhecer o seu valor”, dizia Teresa Brunswick, falando de Beethoven.

Recordar de vez em quando aqueles que brilham com especial fulgor no firmamento da inteligência é folhear nossos títulos de nobreza, e esse orgulho tem a beleza e a eficácia do orgulho que um filho tem de um pai ilustre ou de uma alta linhagem.

Se você é um escritor, não aprecia o benefício de ter como precursores Homero, Sófocles, Virgílio, Dante, Shakespeare, Corneille, Racine, La Fontaine, Pascal? Se é um filósofo, renunciaria a Sócrates, Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Descartes, Leibniz, Kant, Maine de Biran, Bergson? Cientista, não sabe o quanto deve a Arquimedes, Euclides, novamente Aristóteles, Galileu, Kepler, Lavoisier, Darwin, Claude Bernard, Pasteur? Homem religioso, pense no empobrecimento de todas as almas se não tivessem, além de São Paulo, Santo Agostinho, São Bernardo, São Boaventura, o autor da *Imitação*, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa, Bossuet, São Francisco de Sales, Newman.

A *comunhão dos santos* é o suporte da vida mística; o banquete dos sábios, eternizado por nosso culto e nossa assiduidade, é o reconforto da vida intelectual. Cultivar a admiração dos pensadores ilustres e o conseqüente convívio com eles é o meio, não de se tornar aqueles que você honra, mas aquele que você é, e repito que é este o objetivo a visar e alcançar.

O contato com os gênios proporciona-nos como benefício imediato uma elevação; somente por sua superioridade já nos gratificam, antes mesmo de nos ensinarem alguma coisa. Dão-nos um tom; acostumam-nos ao ar das alturas. Caminhamos por uma região pouco elevada: eles nos

transportam imediatamente para a sua atmosfera. Nesse mundo de altos pensamentos, o rosto da verdade parece se desvelar; a beleza resplandece; o fato de acompanharmos e compreendermos homens com uma visão tão lúcida mostra-nos que somos afinal da mesma raça, que a Alma universal está em nós, a Alma das almas, o Espírito ao qual bastaria adaptar-se para prorromper em discursos divinos, já que, na origem de toda inspiração, sempre profética, está

Deus, o autor primeiro de tudo o que se escreve.[4]

Quando o gênio fala, percebemos imediatamente que ele é simples; exprime o homem, e seu eco ressoa dentro de nós. E quando ele se cala, não podemos continuar no mesmo tom e completar a frase interrompida? Infelizmente não! Quando ele nos deixa, voltamos à impotência anterior, balbuciamos; mas sabemos que a verdadeira palavra existe, e nossos balbucios já têm um novo acento.

Escute alguns prelúdios de Bach. Dizem-nos pouca coisa: um curto motivo que é retomado, com insistentes variações, com um relevo tão pouco acentuado quanto uma medalha de Roty. Mas que grau de inspiração! A que mundo desconhecido somos transportados! Habitar e mover-se livremente nele seria maravilhoso! Mas ao menos podemos voltar a ele na lembrança, e que benefício nos traz essa possibilidade de ascensão que nos afasta das futilidades, afina-nos e ajuda a julgar convenientemente os fogos de artifício pueris de que se compõem comumente as festas do espírito!

Quando em seguida o gênio fornece-nos temas, oferta-nos verdades, explora para nós regiões misteriosas e às vezes, como um Tomás de Aquino ou um Goethe, mostra-nos concentrados em uma só pessoa séculos de cultura: o quanto não lhe devemos? “O espírito humano não pode ir muito longe”, escreveu Rodin, “sem esta condição: que o pensamento do indivíduo una-se com paciência e em silêncio ao pensamento das gerações”. O grande pensador que resume em si mesmo as gerações permite-nos portanto

ir muito longe com a sua ajuda; dá-nos a posse de domínios que conquistou e desbravou, que semeou e cultivou. Na hora da colheita, ele nos chama.

A sociedade das inteligências é sempre reduzida: a leitura amplia-a; lançamos sobre a página genial um olhar suplicante que não fica sem resposta; somos socorridos; somos instruídos; o trabalho de Deus nos espíritos excepcionais é para o nosso benefício tanto quanto para o deles; somos enriquecidos por eles; o gigante carrega o anão e o antepassado nos deixa uma herança. Não devemos aproveitar essas riquezas? E nós o podemos: basta atenção e fidelidade.

O gênio renova-nos totalmente. É o dom por excelência desse visionário apresentar ao pensamento sob uma nova luz, no cerne de um sistema de relações que por assim dizer a recria, a realidade que já estava aí, evidente, e que não víamos.

Todo o infinito do pensamento está por trás de qualquer fato; mas nós aguardamos que a perspectiva se abra; somente o gênio avança, retira os véus e nos diz: vem! A ciência consiste em ver por dentro: o gênio vê por dentro; freqüenta o íntimo dos seres, e graças a ele o próprio ser nos fala, em lugar de nossos ecos fracos e duvidosos.

O gênio simplifica. A maior parte das grandes descobertas brotam de súbitas e fulgurantes concentrações. As grandes máximas compõem-se de múltiplas experiências condensadas. O traço sublime, em pintura, em música, em arquitetura, em poesia, contém e unifica valores que até então estavam disseminados e indecisos.

Um grande homem, por refletir a humanidade comum, reduz ao essencial tudo que ela adquiriu, como Leonardo da Vinci sintetizava em um só momento as expressões cambiantes do seu modelo. A linha egípcia aplicada a tudo: é isto o gênio, e sua rica simplicidade compõe nosso fasto.

O gênio estimula-nos e nos dá confiança. A emoção que provoca é o aguilhão das iniciativas ardentes, o revelador

das vocações e o remédio das timidezes inquietas. Uma impressão de sublimidade é para nossa alma como o nascer do Sol. A sabedoria que se manifesta nesses heróis faz também a nós seus secretos convites, e que felicidade poder dizer: ela também está em mim!

Talvez não seja verdade que os grandes homens refletem somente seu século; mas é verdade que eles refletem a humanidade, e todo membro dessa humanidade tem neles sua parte de glória. Os pensadores maledicentes podem falar o quanto quiserem; estão tão equivocados sobre o gênero humano, pela simples existência dos gênios, quanto estavam os judeus a respeito de Jesus, quando diziam: “Alguma coisa boa pode vir de Nazaré?”.[5] Sim, alguma coisa boa pode vir deste pobre mundo, pois dele veio um Platão. Um grande homem nada seria se não fosse, por seus recursos e pelo emprego que deles faz, um filho do Homem. Ora, o tronco que o alimenta não perdeu seu vigor; todos que recebem a mesma seiva podem sempre esperar crescer e produzir, também eles, flores imortais.

Até mesmo os erros dos grandes podem contribuir para o benefício que buscamos no seu convívio. Temos que nos defender desses erros; a força desses homens às vezes desvia-se; quase todos têm suas sombras, como uma máscara com traços acentuados; o exagero de certo ponto de vista, ou qualquer outro arrebatamento pode levá-lo para longe da retidão. Entretanto, não há um deles que, apesar de suas aberrações, não mostre a um espírito sensato os fundamentos eternos da ciência e os segredos da vida.

Seus erros não são erros vulgares; são excessos; a profundidade e a acuidade da visão não estão ausentes neles; seguindo-os com precaução, pode-se ter a certeza de ir muito longe, preservando-se ao mesmo tempo de seus passos em falso. “Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus”, diz o Apóstolo;[6] para aqueles que estão assentados na verdade, tudo pode ser útil. Tendo formado nosso espírito na boa escola, mantendo bem ajustados e

bem firmes nossos quadros de pensamento, sempre podemos esperar crescer ao contato com os erros geniais. Nesse perigo, desde que não nos exponhamos indiscriminadamente a ele, há também uma graça; uma nova dimensão se nos revela; uma face do mundo nos é mostrada, talvez com excessiva exclusividade, mas com poder; a animação insuflada em nosso espírito permanecerá nele; os aprofundamentos exigidos pela resistência mesma vão nos fortificar; estaremos melhor formados, melhor protegidos, por termos corrido esses sublimes riscos sem sucumbir.

São Tomás, em quem me inspiro aqui, conclui dessas observações que devemos nosso reconhecimento mesmo àqueles que nos tentaram assim, se pela ocasião que nos deram e por suas idéias tivermos progredido em algo. Diretamente, somos devedores unicamente da verdade; mas indiretamente devemos àqueles que erraram o acréscimo de formação que graças a eles a Providência nos deu.[7]

Pense no que a Igreja deve às heresias e a filosofia às suas grandes controvérsias. Se não fosse por Ário, Eutiques, Nestório, Pelágio, Lutero, o dogma católico não se teria constituído. Se Kant não tivesse abalado os fundamentos do conhecimento humano, a criteriologia estaria ainda em sua infância, e se Renan não tivesse escrito sobre as origens do cristianismo, o clero católico estaria bem longe da formação histórica e exegética que hoje possui.

O que é verdadeiro coletivamente também é verdadeiro individualmente. Temos que aprender a pensar bem sobretudo no contato com os sábios; mas também a loucura pode nos ensinar; aquele que escapa a seu contágio extrai dela uma força. “Quem tropeça sem cair, dá um passo maior”.

V. CONCILIAR EM VEZ DE OPOR

Uma condição essencial para aproveitar bem as leituras, sejam correntes, sejam geniais, é procurar sempre conciliar seus autores em vez de contrapô-los. O espírito crítico tem suas aplicações; pode ser que precisemos destrinçar opiniões e classificar homens; o método por contraste deve então ser utilizado e exige unicamente que não o forcemos. Mas quando se trata de formação, de uso pessoal ou mesmo de exposição doutrinal, o procedimento é outro. O que interessa então não são os pensamentos, mas as verdades, não são os combates entre os homens, mas sua obra e o que dela permanece. Nesse caso, insistir indefinidamente sobre as diferenças é vão; procurar os pontos de contato é a investigação fecunda.

São Tomás nos dá aqui um exemplo admirável. Sempre esforçou-se por aproximar as doutrinas, esclarecê-las e completar umas com as outras. Aristotélico, apóia-se em Platão; sem ser agostiniano, faz de Agostinho seu alimento constante; tendo declarado Averróis um *depravador* do peripatetismo, não deixa de chamá-lo um espírito sublime (*praeclarum ingenium*) e cita-o freqüentemente. Quando comenta, procura extrair do texto sua mais pura verdade ou sua maior riqueza, dizendo o que devemos ver nele, fechando caridosamente os olhos para o que possa ter de reprovável. Ninguém está tão distante desses revisores que só lêem para encontrar erros de impressão.

Quem quiser adquirir, no convívio com os autores, não atitudes de combate, mas a verdade e a perspicácia, deve cultivar esse espírito de acomodação e de diligente coleta, o espírito da abelha. O mel é feito com diversas flores. Um procedimento de exclusão, de eliminação sumária e de escolha limitada prejudica infinitamente uma formação, e revela no espírito que é tentado a praticá-lo uma tara de funesto augúrio. “Todo indivíduo que não é criador”, escreve Goethe, “tem um gosto negativo, estreito, exclusivo, que acaba por despojar de sua energia e de sua vida o ser criador”. Uma inteligência assim constituída fica diminuída;

em vez de olhar para tudo do ponto de vista universal, acaba caindo no espírito de sectarismo e de maledicência.

Nem todos os maledicentes estão nas soleiras das portas; eles também são encontrados ao longo da história da filosofia, das ciências, e mesmo da teologia, e têm muitos imitadores. Suba mais alto. Você que procura a verdade, sempre disposto a reconhecer sua face, não jogue uns contra os outros os seus servidores, nem esses “anjos incompletos”, gênios parciais que a verdade visitou sem fazer neles sua morada.

Sobretudo em relação aos maiores, é uma espécie de profanação assumir uma atitude querelosa. Entristeçamo-nos com os seus erros, mas não os massacremos; façamos pontes, não cavemos fossos entre suas doutrinas. Há uma grande luz na descoberta de relações que ligam secretamente as idéias e os sistemas mais disparatados. Dedicar-se a esse trabalho de reconstituição da verdade integral em meio a suas deformações é muito mais fecundo do que uma crítica perpétua.

No fundo, se soubermos utilizá-los, os grandes homens permitem que nos comuniquemos com as mesmas verdades essenciais. Não digo que todos eles as proclamem, mas todos colocam-nos em perspectivas que permitem ver essas verdades, conduzem-nos ou mesmo impelem-nos inexoravelmente a elas. Parecem combater entre si e dividir a ciência, desunir o espírito humano; na realidade, convergem. As colunas de um templo assentam-se sobre as lajes, afastam-se, agrupam-se em vigas distantes; mas elas pressionam os arcos uns em direção aos outros e, através de numerosas nervuras, acabam formando uma só abóbada. Encontrar esse abrigo e refugiar-se nele é o que convém à sua vocação, você que busca não o ruído, o choque dos partidos, a contenção ou a excitação factícia da inteligência, mas unicamente a verdade.

VI. APROPRIAR-SE E VIVER

Uma última e capital indicação impõe-se em relação às leituras. O leitor, embora deva de certa forma ser passivo, a fim de abrir-se à verdade e não impedir o seu império, deve também reagir à leitura para apropriar-se do que lê e ir compondo assim sua alma. Lemos para pensar, adquirimos riquezas para utilizá-las, alimentamo-nos para viver.

Já condenamos o eterno leitor que vai pouco a pouco caindo num hábito mecânico, num automatismo erudito que não é mais um verdadeiro trabalho. Mas não é preciso ser um leitor voraz para cair nessa passividade. Muitos lêem como se tricota. Abandonado a uma espécie de indolência, seu espírito assiste ao desfile das idéias e permanece inerte,

Como um pastor sonolento observa a água correr.[8]

O trabalho, portanto, é vida; a vida é uma assimilação, e a assimilação uma reação do organismo vivo ao alimento. Não basta colher no tempo certo, reunir o trigo em feixes e por fim assar o seu pão; é necessário transformá-lo na própria carne, pois é somente para isso que servem os magníficos grãos.

Aquele que está sempre aprendendo pode não se instruir jamais, caso não transforme em sua própria substância o que aprendeu nos seus dóceis convívios. A docilidade é virtuosa e necessária, mas não basta. "A obediência é a base do aperfeiçoamento", disse Augusto Comte; mas ela não é o aperfeiçoamento. O gênio que nos instrui poderia dizer, como seu Inspirador: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância".[9] O que era vida em um outro não será em nós como uma lâmpada apagada?

Ninguém pode instruir-nos sem nossa cooperação. A leitura propõe-nos a verdade: cabe a nós apossarmo-nos dela. Não é o vendedor do mercado que nutre meu corpo. O que absorvo tem que se transformar no meu próprio ser, o que somente eu posso fazer. "Pela doutrina", escrevia Boécio, "o espírito do homem é apenas incitado a saber".[10] Santo

Agostinho dissera antes dele: “Um homem está para o ensinamento como o agricultor está para a árvore”.[11]

São Tomás, descendo mais profundamente no tema, observa que a palavra ou a escrita não atingem diretamente o espírito; seu único papel, por meio dos sons e dos signos, é dar à alma uma matéria. O som ressoa; a luz vibra; nossos sentidos percebem e comunicam o sinal e, por um movimento inverso, esse sinal, que proveio da idéia, tem a missão de provocar uma idéia semelhante. Mas em tudo isso os espíritos não se unem; os sinais de alguém só chegam indiretamente ao contato com um outro, e o que faz a ciência não é o sistema de signos que nos é proposto, mas o trabalho de nossa própria razão sobre esses signos.

No fundo, as proposições da ciência que nos chegam permanecem tão exteriores à inteligência quanto as próprias coisas que procuramos conhecer; têm sobre elas somente a vantagem de corresponder, enquanto signos, a idéias já elaboradas e postas em ordem. Isso nos facilita o pensamento, mas não o substitui. O ensinamento só nos fornece os meios para agir espiritualmente, como a medicina oferece a nossos corpos os meios de cura; mas assim como nenhum remédio pode agir sobre um organismo inerte, nenhum ensinamento atinge sua finalidade em um espírito negligente.

Na realidade, a natureza é que se cura a si mesma, e o espírito só pode ser iluminado por sua própria luz — a não ser que afirmemos: pela luz de Deus infundida nele, conforme a palavra do salmista: “Gravada está, Senhor, sobre nós a luz do teu rosto”.[12] Afinal, Deus é o nosso único Mestre, é Ele que nos fala em nosso interior, e é de sua relação conosco que nos vem toda instrução; de um homem para outro, o pensamento é estritamente incomunicável.[13]

Essa análise penetrante tem conseqüências práticas. Se a idéia não nos chega de fora, se é em nós mesmos que ela deve nascer, esforcemo-nos para que a matéria intelectual fornecida pelo livro, para que esses sinais de um

interlocutor mudo elevem-nos verdadeiramente ao pensamento expresso e mesmo para além dele, pois uma evocação, em um espírito ativo, deveria sempre provocar outra.

Só entramos na intimidade dos gênios se participarmos de sua inspiração; escutá-los apenas do exterior é condenar-se a não ouvi-los. Não é nem com os olhos, nem com os ouvidos que se *ouve* uma afirmação profunda, mas com uma alma que se alça ao nível daquele que a proferiu, com uma inteligência iluminada por uma mesma luz.

A fonte do saber não está nos livros; está na realidade e no pensamento. Os livros são placas de sinalização; a estrada é mais antiga, e ninguém pode fazer por nós a viagem para a verdade. O que um escritor disse não é o mais importante; o que nos interessa é aquilo que é, e nosso espírito deve se propor não a repetir, mas a *compreender*, ou seja, a apreender com ele, ou seja, a absorver vitalmente, e finalmente a pensar por si mesmo. A afirmação que escutamos deve, seguindo o autor, talvez graças a ele, mas afinal independentemente dele, obrigar a alma a reafirmá-la para si mesma. Temos que recriar toda a ciência para nosso próprio uso.

O principal benefício da leitura, aliás, pelo menos a das grandes obras, não é adquirir verdades esparsas, mas o aumento da nossa sabedoria. Amiel, comparando o espírito francês com o espírito alemão, dizia: “Os alemães colocam a lenha na fogueira; os franceses entram com a chama”. O juízo é talvez um pouco categórico, mas não há dúvida de que o que mais importa é a chama.

A eclosão da sabedoria era o principal objetivo de nossa educação; deve ser também o da educação que damos a nós mesmos. Sem ela, o que colocamos em nós mesmos não tem valor algum; seria o decalque de um livro, um outro livro, tão inútil quanto o primeiro quando estava na biblioteca. Também em nós há muitos volumes e grandes textos que ainda não lemos.

Que abuso conviver com os gênios e só retirar fórmulas deles! E como isso ficará evidente quando se quiser, ao escrever, utilizá-los! Depressa esse psitacismo ficará claro e se constatará que não há ninguém por trás dessas fórmulas.

Utilizar verdadeiramente é inventar. Mesmo quando alguém cita literalmente, se a passagem citada está incrustrada num discurso e nele ocupa um lugar exato, se o próprio discurso tem um bom nível, se pertence à mesma linhagem do empréstimo e o absorve em sua unidade viva, o escritor é original e por assim dizer iguala-se ao mestre. Glorificando um outro, recebe uma glória semelhante. A citação é para você como a palavra que o dicionário fornece e que entretanto você cria, como a alma cria seu corpo.

São Tomás cita assim, Bossuet também, Pascal também. E nós, que nos dedicamos a tarefas muito humildes, devemos aplicar as mesmas leis do espírito. A verdade é o ancestral de todos os homens; a sabedoria convida a todos; não devemos deixar apenas aos maiores o monopólio das grandes citações. Perante os gênios, somos apenas crianças, mas crianças herdeiras. O que eles nos dão é nosso, pertence à eternidade; também eles o receberam. O que estava diante deles e que está acima de nós, o que Deus preparou para todos, é isso que devemos contemplar enquanto eles nos falam.

A originalidade tem esse preço, e se um dia nossa sabedoria crescer, conseguiremos fazer uma obra original no bom sentido do termo. Em uma produção verdadeiramente pessoal, a leitura serve apenas para estimular, para nutrir nosso próprio ser, e não nossas páginas. Há nisso um sentido novo do que eu dizia há pouco: encontrar nos livros o que não está lá, entradas para penetrar em novos domínios.

Se só podemos chegar por nós mesmos aos conhecimentos comuns, com muito mais razão só contribuiremos com nossa quota de pensamento novo por nosso próprio esforço. Quando leio, gostaria de encontrar no

livro um ponto de partida favorável, para em seguida abandoná-lo, liberar-me dele com o sentimento de uma dívida. Tenho o dever de ser eu mesmo. Para que repetir um outro? Por pouco que eu seja, sei muito bem que Deus não faz em vão nenhum de seus espíritos; nem mesmo as coisas naturais Ele faz em vão. Obedeço a meu Mestre ao me tornar livre.

Eu vivo, não sou um reflexo, e desejo uma vida fecunda. O que não engendra não é: que minha leitura permita-me engendrar meu pensamento, à semelhança, não de meu inspirador, mas de mim mesmo!

Esta é, penso eu, a palavra final sobre a questão dos livros. Um livro é um sinal, um estimulante, um auxílio, um iniciador, não um suplente, e nem um grilhão. O pensamento deve ser nosso. Lendo, não devemos ir até nossos mestres, mas partir deles. Uma obra é um berço, não um túmulo. Fisicamente, nascemos jovens e morremos velhos; intelectualmente, devido à nossa herança secular, "nascemos velhos; tratemos de morrer jovens".[14]

Os verdadeiros gênios não quiseram acorrentar-nos, mas libertar-nos. Se nos quisessem escravizar, deveríamos fugir deles, defender-nos dessa invasão que tanto mais aniquila quanto menos somos capazes de lutar com nossas próprias forças. Saibamos emancipar nossa alma. Quanto mais o pensamento proceder do nosso íntimo, do que em nós é incomunicável, mais ele refletirá o homem, e mais os outros homens vão se reconhecer nele. O respeito humano afasta e a espontaneidade aproxima da humanidade. As repetições feitas aberta ou dissimuladamente tornam-se logo enfadonhas. "Quando alguém fala apenas do que leu", disse Schopenhauer, "não é lido por ninguém".

Trabalhamos, em suma, nós e a verdade, nós e Deus. Nosso modelo é o pensamento criador. Os gênios são uma sombra dele. Ser sombra de uma sombra é uma degradação para quem, pequeno ou grande, é um fato espiritual incomparável, inédito e único neste mundo.

O homem é múltiplo e nós somos um de seus exemplares; Deus está em todos: saibamos honrar o homem em nós e assim respeitar a Deus.

B – A organização da memória

I. O QUE SE DEVE RETER

Adquirir através da leitura não serviria para nada, e refletir seria impossível, se a memória não retivesse e não nos apresentasse no tempo oportuno o que é de proveito para nossa obra e para o trabalho do espírito.

Vários gênios desfrutavam de uma memória prodigiosa; a outros, ela faltava; a maioria tinha uma memória mediana e a supria de diversas maneiras. Não podemos classificar os mestres por esse dom; é bem verdade, entretanto, que em iguais condições uma memória ampla e forte é um precioso recurso.

Não concluamos disso que devemos exercer a memória sem discernimento e sobrecarregá-la com o maior número possível de noções, fatos, imagens, textos. São Tomás parece afirmá-lo, quando escreveu nos *dezesseis preceitos*: “Tudo que for possível, deposita no tesouro de teu espírito, como quem procura encher um vasilhame”. Mas temos que conceder a essa máxima o benefício de um subentendido. Deve-se reter tudo que for possível, sob a condição de que seja útil, como é sob a mesma reserva que devemos ler tudo que for possível.

Já advertimos o intelectual quanto ao abuso das leituras; o que dissemos sobre isso vale em grande parte aqui, visto que memorizar é conservar aquisições das quais não podemos separar nem o que é vantajoso, nem o que é nocivo.

Todo os mestres nos dizem que sobrecarregar a memória é prejudicial ao pensamento pessoal e à atenção. O espírito afoga-se na massa das suas posses; o que permanece sem uso o abarrota e paralisa; o peso morto oprime o ser vivo, o alimento em excesso envenena-o; muitos pretensos

eruditos de espírito falso e inerte, muitas “bibliotecas vivas”, “dicionários ambulantes”, são a prova disso.

Não vivemos da nossa memória; servimo-nos dela para viver. Grave somente aquilo que pode ajudá-lo a conceber ou a executar, que pode ser assimilado em sua alma, corresponder a seus objetivos, vivificar sua inspiração e alicerçar sua obra. Quanto ao resto, entregue-o ao esquecimento. E se uma vez ou outra vêm a ser úteis muitas coisas que não o pareciam ou que não o sejam mesmo comumente, isto não é razão para dizer: vamos memorizar tudo indiscriminadamente. O que você precisar, poderá reencontrar; o papel guarda-o sem esforço. Ninguém decora todos os horários de trens sob o pretexto de que poderá embarcar em qualquer um deles.

Pascal dizia que acreditava nunca ter esquecido alguma coisa que *quis* reter: essa é a memória útil, desde que se queira reter somente o que poderá ser de proveito. Quando Santo Agostinho definiu a felicidade como “não desejar senão o bem e ter tudo o que se deseja”, definiu também a boa memória. Confie à sua o que é bom, e peça a Deus que lhe dê, se for da Sua vontade, a graça de Pascal, a de São Tomás, “em quem nada perecia”, ou a de Mozart, que restituía por inteiro, à primeira audição, uma missa solene. Mas eu repito que uma tal graça não é necessária, e pode ser suprida sem nenhum dano essencial. E para que calcular seu preço se temos que administrar o que nos foi dado, e não o que nos falta?

Uma regra capital consiste em fazer a memória entrar na corrente geral da vida intelectual, em fazê-la participar da sua vocação. A memória deve especializar-se como o espírito, na mesma medida, com a mesma concentração quanto ao principal e aos seus desenvolvimentos.

Há coisas que todos devem saber, que todo cristão em particular deve ter presentes; há aquelas que um intelectual não pode ignorar; há outras que se referem à especialidade por laços mais ou menos estreitos e que cada um sentirá a

necessidade de reter em conformidade com o espírito de amplitude ou de restrição que dedicar a elas; há outras enfim que são a própria especialidade e sem as quais fica-se abaixo da sua tarefa, o que com razão é taxado de ignorância e de inércia culpável.

O que cada um deve procurar conservar em plena luz na sua cabeça e disponível à primeira solicitação é o que constitui a base do seu trabalho, aquilo que sabem, pelo mesmo motivo, todos os espíritos eminentes de sua profissão. Nisso não há negligência possível, e deve ser cumprido no menor prazo possível. Quanto ao resto, será adquirido à medida em que for exigido por uma tarefa particular, sem muito esforço para registrá-lo definitivamente.

Nos dois casos, vemos que a retenção parte de uma idéia preconcebida, como na leitura; a diferença é que um trabalho particular é uma vocação momentânea e a vocação um trabalho durável, e a memória deve adaptar-se a isso.

Nicole sugere ao cristão que “aprenda de cor diversos salmos e diversas sentenças da Sagrada Escritura, a fim de santificar a memória por essas divinas palavras”.[15] É uma forma de consagrar nossa comum vocação celeste e de facilitar o esforço para o bem. Muito poucos compreendem hoje semelhantes conselhos. Alguém, por exemplo, decora trechos de Virgílio, Racine, Musset, mas estaria em apuros para recitar um salmo, ignora seu *Angelus*, sua *Salve Regina*, seu *Te Deum*, seu *Magnificat*. Isso é evidentemente uma desordem. O que se une a nosso espírito pelos laços da memória age em maior grau; um católico deve desejar o máximo dessa ação quando se trata daquilo que anima sua fé. Seria muito bom poder, de vez em quando, ao longo de uma jornada ou numa ocasião que o peça, dizer para si mesmo fórmulas plenas de seiva cristã!

II. EM QUE ORDEM RETER

Uma vez regrada a quantidade de conteúdo, devemos pensar na sua ordenação. Uma memória não pode ser um caos. A ciência é um conhecimento pelas causas; toda experiência só vale por suas conexões, seus agrupamentos e suas hierarquias de valores. Acumular indiscriminadamente é tornar tudo inutilizável, e condenar-se a só conseguir lembrar algo por acaso.

É fundamental que uma memória intelectual obtenha as características da intelectualidade; ora, esta não se satisfaz com noções disparatadas, sem afinidades precisas. Busque sempre o que relaciona uma coisa com a outra, o que condiciona esta ou aquela, e que seja essa coordenação, e não fragmentos esparsos, que se estabeleça em sua memória. Uma cabeça bem-feita é como uma árvore genealógica, em que todos os ramos ligam-se ao tronco e assim comunicam-se entre si; o parentesco em todos os seus graus revela-se nela claramente, exprimindo uma linhagem em todas as suas relações e no seu conjunto.

E isso quer dizer que se deve relacionar tudo ao essencial, tanto na memória quanto no próprio pensamento. O primordial, o fundamental, o simples, de onde o complexo sai em escalões e por *diferenças sucessivas*: é isso o que sustenta a memória, bem como a ciência, tornando-a eficaz no momento em que deve intervir.

De nada serve ter adquirido miríades de noções se as noções primeiras, em vez de encontrar naquelas um enriquecimento graças às suas dependências que a memória manifesta, chocam-se contra um bloco maciço delas e vêem assim agravada sua ruinosa solidão. Cinqüenta dados não valem mais do que um se não exprimirem essa relação profunda; dispersos, são estéreis e, como a figueira do Evangelho, ocupam a terra inutilmente.

Conserve antes de tudo — como já aconselhamos buscar antes de tudo — as idéias mestras; que elas apresentem-se à primeira chamada, prontas a esclarecer tudo que se oferece, a manter em sua posição, apesar dos novos

aportes, as idéias antigas, a se desenvolverem elas mesmas por ocasião de cada progresso, como o cérebro aproveita aquilo que recebe o estômago, como o coração aproveita o exercício feito pelos membros.

Um pensamento novo age retrospectivamente; uma tocha ilumina também para trás. Materiais guardados transfiguram-se quando são arranjados sob uma idéia. Tudo então recria-se em nós e anima-se com uma nova vida. Mas para isso é necessário que os caminhos da luz estejam abertos, que nossos pensamentos estejam ordenados e possam comunicar-se uns com os outros.

Tendo regrado sua ordem interior, você estará quase que automaticamente protegido contra a sobrecarga, e constatará que dois preceitos que parecem distintos são, por assim dizer, um único preceito. O inútil, que sempre encontra um lugar no caos, não o encontra numa organização. Ou algo serve, ou não tem lugar! Chega a ser ridículo o esforço de alguém ou de alguma coisa para entrar num dispositivo onde não tem função, para o qual não coopera nem auxilia em nada. Toda hierarquia faz seu próprio policiamento.

Estando assim aliviado e bem estruturado, um espírito poderá dedicar-se a suas obras com todas as forças; irá diretamente ao que importa e não se demorará em detalhes que para um outro, é verdade, podem ser o principal.

Quando Pasteur veio ao sul para atacar e vencer em pouco tempo o mal que ameaçava a sericultura francesa, não conhecia os hábitos do bicho-da-seda; informou-se sobre eles distraidamente com o grande entomologista Henri Fabre. Este surpreendeu-se inicialmente com a aparente superficialidade do “parisiense”; mas logo, vendo que Pasteur investigava numa zona mais profunda e trabalhava nas próprias fontes da vida, compreendeu, e mais tarde louvaria essa simplicidade genial.

Há em cada matéria algumas idéias que governam tudo, que são suas chaves universais; também há as que

governam a vida, e é perante elas que devemos acender, no interior dos nossos corações, a lâmpada do santuário.

A faculdade criadora depende em grande parte da sabedoria e da sobriedade da memória. O foco no essencial deixa abertas para o exterior todas as perspectivas, e a lógica do que adquirimos tende a se prolongar em novas aquisições. Os pensamentos servem de isca aos pensamentos; a água corre para o rio; empresta-se somente aos ricos; “ao que tem lhe será dado e terá em abundância”, declara o Evangelho.[16] Cada verdade é a aurora de uma outra; toda possibilidade busca realizar-se, e quando a ordem interior abre-se à experiência, é como uma raiz que penetra na terra: sua substância trabalha, seus filamentos expandem-se e absorvem as seivas; a vida cresce porque a adaptação do ser vivo a seu meio é a única condição de sua fecundidade, como inicialmente era a condição de sua substância.

O meio da ciência é o *cosmos*, que é ele mesmo organização, estrutura: é preciso, e bastante, para que o homem de estudos progrida, que instaure em si mesmo, graças à memória, uma estrutura correspondente que lhe permita adaptar-se e, assim, agir.

III. COMO FAZER PARA RETER

Resta dizer como se obtém uma memória assim qualificada, e como utilizá-la. Não é um grande segredo, embora relacione-se às mais profundas condições de nossa vida mental.

São Tomás propõe quatro regras: 1º. ordenar o que se quer reter; 2º. aplicar-lhe profundamente o espírito; 3º. meditar nisso freqüentemente; 4º. quando se quiser recordá-lo, tomar a cadeia das dependências por sua extremidade, o que trará todo o resto.[17]

A importância da ordem já foi enfatizada sob um outro ponto de vista; mas para fixar a recordação, cada um pode

experimentá-la por si mesmo. Uma sucessão de palavras, de nomes, de idéias ou de elementos sem relação entre si é muito difícil de guardar; esses elementos isolados não se articulam; cada um está como que errante e escapa rapidamente. Ao contrário, uma série é um corpo e preserva-se. O que se apóia em sua razão de ser e em sua sociedade natural, o que está em seu próprio meio, corre menos risco de dispersar-se. Só se conserva aquilo que existe, e um elemento separado dos elementos conexos não existe em plenitude.

Para reter, portanto, ponha sua atenção nas ligações e nas razões de ser das coisas; analise, busque os porquês, observe a genealogia dos acontecimentos, as sucessões e as dependências, imite a ordem matemática, onde a necessidade parte do axioma e chega às mais longínquas conclusões. Compreender a fundo, apreender em seguida e introduzir no espírito, não elos e mais elos, mas uma corrente inteira, é garantir a aderência do todo. A união faz a força.

A aplicação do espírito, que se recomenda a seguir, tem por finalidade pressionar o misterioso buril que traça em nós a figura das palavras e das coisas. Quanto mais ardente a atenção, mais o buril penetra e melhor resistirão os traços ao fluxo permanente que tende a substituir as idéias como a morte substitui os seres. Quando estiver lendo ou ouvindo com o objetivo de apreender, esteja totalmente concentrado e presente; repita como se falasse em voz alta o que lhe foi dito; martele as sílabas. Falo em sentido figurado, mas às vezes aplicar isso literalmente tem suas vantagens. Torne-se capaz de, logo depois de ler ou ouvir o que estuda, reproduzi-lo na medida precisa em que deve ser fixado. No caso de um livro, não o abandone sem que possa resumi-lo, apreciá-lo. Acrescento esta última observação porque o objeto que tenha provocado uma intervenção ativa de nossa parte é bem menos fugidio; passa a fazer parte de nós mesmos.

Depois disso, meditar com tanta freqüência quanto for possível, e quanto o merecer o objeto que deve ser preservado do esquecimento, é uma necessidade consecutiva à primeira. A vida apaga os traços da vida, e por isso nos é aconselhado burilar intensamente; o mesmo motivo convida-nos, ao constatarmos que apesar de tudo os traços se enfraquecem, a repassar o buril nos entalhes, a usar bastante água-forte, isto é, a revivificar constantemente nossos pensamentos úteis e a ruminar os fatos que desejamos manter sob os nossos olhos.

A agitação do espírito é contrária a esse trabalho, a vida tranqüila e o distanciamento das paixões são tão necessários ao bom uso da memória quanto para todas as funções intelectuais.

A capacidade de admirar-se, a juventude da alma perante a natureza e a vida cooperam também para a recordação. Retemos melhor o que nos impressiona. Por essa razão, além de todas as outras, o intelectual deve cultivar o sentimento da novidade, do sempre novo, que é o ponto de partida dos vigorosos impulsos para as criações fecundas ou para a investigação.

Por fim, quando se trata de recuperar a recordação e de pôr novamente em atividade as antigas imagens, somos aconselhados a apoiar-nos uma vez mais sobre essa realidade das dependências mútuas entre os pensamentos, entre as impressões, que serviu de base à constituição da memória. Tudo encadeia-se mais ou menos no cérebro, mesmo que não se queira: querendo-o com todas as forças e tendo formado ativamente as ligações mais naturais possíveis entre as noções, colheremos os benefícios desse trabalho.

Portanto, não procure ao acaso em um todo que não foi formado ao acaso; proceda logicamente, utilizando a lógica das coisas tal como ela se impõe por si mesma, ou tal como ela foi determinada inicialmente, subindo e descendo pelas séries instituídas, invocando a contigüidade das idéias, das

circunstâncias, enfim, trazendo de volta à força para o foco da atenção aquilo que a atenção tinha fixado e disposto segundo suas próprias leis.

É o que São Tomás chama de puxar a corrente, e a extremidade da corrente que ele nos aconselha pegar é a que estiver como que na dependência mais imediata daquilo que nós buscamos. Por exemplo: lembro-me de ter pensado em um plano de estudo; esse plano escapa-me; mas sei que quando o pensei estava em certo lugar, ou conversava com um amigo, ou que ele se relacionava a um certo conjunto de operações espirituais, a um certo aspecto da minha vocação, ou ainda que o projeto tinha sido inspirado por uma leitura anterior, ou era exigido por alguns trabalhos precedentes. Para recuperar a idéia perdida, recordo a impressão do lugar, do convívio com o amigo, do conjunto ideológico, do papel a cumprir, do livro analisado ou do trabalho realizado. Partindo daí, exploro suas cercanias, e por diversas tentativas procuro reencontrar aquilo que sei que está conectado com um desses dados.

Em resumo, o que importa para a memória é menos o número de suas aquisições do que sua qualidade, em primeiro lugar, sua ordem, em segundo, e por fim a habilidade em utilizá-la. Os materiais nunca faltam ao pensamento; é o pensamento que falta a eles. Apreender não é nada sem a assimilação inteligente, a penetração, o encadeamento, a progressiva unidade de uma alma rica e regrada.

O que é interessante não é o canteiro de obras, mas a arquitetura, e é sobretudo o espírito do morador. Tenha uma inspiração elevada, atenção ardente, emoção diante da verdade, zelo pela investigação, e terá recordações suficientes.

C – As notas

I. COMO ANOTAR

Somos obrigados a nos repetir com freqüência. Se o fazemos ainda mais ao falarmos da leitura, da memória e das notas, é porque elas formam por assim dizer um único ponto. Trata-se sempre de nos completarmos, a fim de podermos, a seu tempo, fazer nossa obra.

Devemos ler relativamente pouco; devemos reter menos ainda, e a natureza, quanto ao resto, encarrega-se do trabalho. As notas, que são uma espécie de memória exterior, uma "memória de papel", como dizia Montaigne, devem ser muito menos numerosas que as leituras, mas podem ampliar-se bem mais que a memória, suplementá-la e, por conseguinte, aliviá-la e vir em socorro do trabalho em uma medida difícil de determinar.

Se tivéssemos que nos fiar na memória para guardar intacto e pronto para o uso o que encontramos ou descobrimos ao longo de nossa vida de estudos, seria uma desgraça. A memória é infiel; perde, foge, e não obedece a nosso chamado. Negamo-nos a sobrecarregá-la, a sufocar o espírito; preferimos a liberdade de alma a uma riqueza indigesta. A solução é o caderno de notas ou um fichário.

Além disso, a memória classifica à sua maneira e nós procuramos auxiliá-la; mas suas classificações são caprichosas e instáveis. Para encontrar no momento certo a recordação necessária, seria preciso um domínio de si mesmo que nenhum mortal possui. Os cadernos e os fichários virão então em nosso socorro. Temos que organizar nossas reservas, depositar nossas economias em um banco, onde certamente não produzirão nenhum lucro, mas também estarão num lugar seguro e disponíveis. Nós é que seremos o caixa.

As práticas aqui são diversas; mas há algumas leis gerais que será bom recordar, para que cada um inspire-se nelas.

Podemos distinguir duas espécies de notas: uma correspondente à preparação longínqua e a outra à preparação imediata do trabalho. Você lê ou medita para formar-se e alimentar seu espírito; apresentam-se idéias que lhe parece bom fixar; fatos, indicações diversas que poderão ser de utilidade; você então os anota. Por outro lado, ao estudar um assunto específico, ao realizar uma produção, você procura documentar-se, lê o que existe sobre a matéria, recorre a todas as fontes de informação de que dispõe e reflete por sua própria conta, sempre com a pena na mão.

A primeira categoria de notas tem a característica de ser um pouco fortuita; somente os limites da sua especialidade e a sua sabedoria podem reduzir a dose de acaso. Como a vida é sempre complexa, o espírito fugaz, e como nós mesmos já aconselhamos as ampliações, muita coisa aleatória se introduz nas notas dessa espécie. Ao contrário, quando você anota para produzir, tendo essa produção um caráter definido, as notas também se definem, seguem de perto o assunto escolhido e formam um todo mais ou menos orgânico.

Há, para esses dois tipos de notas, regras comuns e regras particulares.

Nos dois casos, devemos evitar os excessos, um acúmulo de materiais em que depois nos embrulhamos e que se tornam inutilizáveis. Alguns têm cadernos tão abarrotados e tão numerosos que uma espécie de desânimo antecipado impede-os de sequer abri-los. Esses pretensos tesouros custaram muito tempo e trabalho, e não rendem nada; uma multidão de bagatelas os entulha; mesmo os que são úteis poderiam permanecer com vantagem nos volumes de que foram extraídos, com uma referência acompanhada de uma palavra-chave no lugar de fastidiosas páginas.

Tenha notas tomadas com reflexão, com sobriedade. Para evitar as surpresas do momento, o efeito de preocupações passageiras e também os entusiasmos causados por uma expressão brilhante, só arquive definitivamente depois de um certo tempo. Com calma, a uma boa distância, julgará sua colheita e só armazenará o bom grão.

Nos dois casos, igualmente, deve anotar depois de um trabalho de espírito enérgico e com um sentido pessoal. Trata-se de completar-se a si mesmo, de equipar-se a si mesmo, de armar-se com uma panóplia adequada ao seu perfil, conforme às necessidades da batalha que pretende travar. O fato de uma coisa ser bela e boa, de ser preciosa teoricamente, não é razão para escrevê-la. Graças a Deus, há muitas coisas belas nos livros: nem por isso você vai copiar a biblioteca nacional! Não se compra um casaco porque é belo, mas porque é útil, e um móvel admirado num antiquário deverá continuar nele se seu tamanho ou estilo não convir ao apartamento a mobiliar.

Evite em tudo o capricho. Assim como a leitura é um alimento, e a recordação é um bem enriquecedor que se incorpora à pessoa, as notas são uma reserva alimentar e também pessoal. Leituras, recordações, notas, tudo isso deve completar-nos, e portanto assemelhar-se a nós, ser da nossa espécie, do nosso papel, da nossa vocação, corresponder aos nossos fins e à forma dos gestos através dos quais podemos e queremos realizá-los.

Sabemos como um livro contábil informa-nos sobre seu proprietário, sua forma de viver e os objetivos que persegue: o registro de notas, o fichário, deveria estar assim próximo do intelectual, daquilo que ele deve e quer ser; nele está calculado seu *haver*, ao menos em parte, e essa conta deve corresponder ao proprietário, por um lado, e à despesa presumida, por outro. Reflito-me em minhas obras: devo refletir-me também nos meus meios, se os adaptei bem uns aos outros e a mim mesmo.

Melhor ainda, seria desejável que, para além dos documentos propriamente ditos, dos fatos, textos ou estatísticas, as notas que você toma estivessem não somente adaptadas a você, mas fossem suas, e isso não somente quando emanam de suas reflexões, mas também quando procedem de uma leitura. Também a leitura deve ser refletida, e um empréstimo pode tornar-se nosso a ponto de não mais diferir de uma criação.

Leio e, ao ler, escrevo; mas escrevo o que eu penso em contato com outro, mais do que o pensamento do outro, e meu ideal é que isso seja assim até quando transcrevo literalmente, percebendo que não exprimiria melhor o pensamento comum. O escritor é aquele que concebe, e também eu concebo o que assimilo em profundidade, aquilo que me esforço para penetrar, para *compreender* no sentido pleno da palavra, aquilo que faço meu: torno-me assim também eu o escritor, e guardo o escrito como uma riqueza minha.

Para as notas tomadas à distância, não há mais nada de essencial a considerar. Para as imediatas, que visam um trabalho, temos primeiro que reforçar a aplicação das nossas regras, e temos que acrescentar o que se segue.

Dissemos que o modo de anotação deve ser pessoal, ou seja, deve ter uma relação precisa com o escritor: é necessário ainda que esteja em uma relação rigorosa com a obra a ser realizada. Você tem um assunto preciso; pense-o intensamente; que seu espírito trace, se for o caso, um plano provisório segundo o qual dirigirá suas leituras e suas reflexões, segundo o qual também anotará isto ou aquilo que preencherá suas necessidades. Claude Bernard declarou que uma observação científica é uma resposta a uma questão colocada pelo espírito, e que só se encontra de fato aquilo que se procura. Da mesma forma, uma leitura inteligente é uma resposta possível à questão colocada em nós pelo assunto a tratar; é necessário portanto ler com

muita atenção, assim como observamos, na saída de uma estação, a onda de viajantes à espera de um amigo.

Que a leitura seja portanto cada vez mais tendenciosa; que leve em conta não mais somente a vocação e a pessoa, mas sua aplicação atual. Uma tal leitura é um *a priori*; ora, um *a priori* é como um crivo que retém o grão desejado e deixa passar os outros. Não se distraia; não se demore; tenha somente seu objetivo presente, sem nenhuma consideração pelo do autor, que talvez seja algo completamente diferente. Ouso dizer, a despeito do que esta expressão tenha de desagradável e de contra-indicado em quase todos os casos: coloque antolhos para se concentrar melhor naquilo que no momento exige toda sua atenção.

Há aqui dois procedimentos um pouco diferentes, e que talvez seja melhor empregar alternadamente, conforme a natureza da obra.

Você pode estabelecer um plano detalhado e somente documentar-se depois. Pode começar pela documentação, pelas reflexões e leituras que supõem evidentemente algumas diretrizes, mas sem um plano propriamente dito. Andará então em torno do assunto, considerará todos os seus aspectos, operará sondagens que visem não deixar nada de inexplorado nele; virão idéias de um plano e você as anotará, como Pascal quando escrevia acima de um fragmento: “ordem”; guardará os documentos a utilizar sem modificá-los; fixará as idéias que deverá desenvolver, das quais assinalará apenas, se elas se apresentarem, as principais características; mencionará as palavras justas, as comparações interessantes que surgirem; às vezes redigirá uma passagem inteira, não com a intenção de dar-lhe uma forma definitiva, mas porque ela veio por si mesma e porque a inspiração é como a graça, que passa e não retorna mais.

Quando achar que esgotou a matéria, digo em relação ao que pretende ou espera, seu trabalho está pronto; o canteiro de obras está cheio de materiais, alguns dos quais

são informes, outros provisoriamente entalhados. Falaremos em breve da construção, mas já pode-se ver que aqui o plano procederá dos próprios materiais, não os materiais do plano.

Este último procedimento, que parece o menos lógico, e que de fato o é, falando abstratamente, tem a vantagem de deixá-lo mais livre em suas reflexões e em seus estudos preliminares, de favorecer-lhe a inspiração, de mantê-lo na alegria, porque você não tem a obrigação de buscar muito distintamente, porque pode ir, vir, diferir, aguardar a disposição favorável e fazer um trabalho viçoso, sem coerção mental.

Uma obra pode assim estar acabada sem ter sido começada; todo seu valor é determinado pelas suas notas; o plano encontra-se nelas em estado latente, um plano de gaveta, como dizem os arquitetos, ou seja, no qual diversas combinações são possíveis; mas a matéria já está reunida, dominada, e você está seguro de que, estabelecido o plano, ele corresponderá a uma concepção real, a idéias que você possui, não a idéias que você ainda terá que buscar, que não será portanto um esquema arbitrário, um sistema de campos a preencher, não tendo muitas vezes, para nele colocar, nada de fértil, de espontâneo, e por conseguinte nada de vivo.

As notas assim compreendidas, notas de estudo, notas de inspiração, não podem ser feitas nas “horas vagas”; são trabalho efetivo, e devemos reservar sua pesquisa para o que chamamos de momentos de plenitude. As outras notas, sem escaparem à obrigação do esforço, terão por vezes o caráter de um feliz achado, de um acaso. As melhores, entretanto, serão aquelas que um estudo aprofundado impele-o a recolher e armazenar como a riqueza de toda uma vida.

II. COMO CLASSIFICAR SUAS NOTAS

As notas tomadas, supondo-se que se considera que poderão servir futuramente, devem ser classificadas. Na indústria, a ordem é dinheiro, e quanto dinheiro! Em ciência, é pensamento. É inútil anotar se você não puder encontrar no momento oportuno o que seria então como que um tesouro enterrado. Guardar o rastro de suas leituras e de suas reflexões, colecionar documentos, é muito bom, mas desde que isso permita-lhe folhear quando quiser seu autor favorito e também folhear-se a si mesmo.

É preciso precaver-se contra um certo espírito de colecionador que freqüentemente toma os que trabalham com notas. Querem encher seus cadernos ou fichários; têm pressa em completar os vazios, e empilham textos como quem preenche um álbum de selos ou de cartões-postais. Essa prática é deplorável; é uma infantilidade; corre-se o risco de virar um maníaco. A ordem é uma necessidade, mas é ela que está a nosso serviço, e não nós ao seu. Obstinar-se em acumular, completar, é distrair-se de produzir e mesmo de aprender; a preocupação excessiva com a classificação torna-se mais importante que o uso do que recolhemos; ora, tudo aqui deve subordinar-se ao bem do trabalho.

Como classificar suas notas? Os homens célebres adotaram diversos sistemas. O melhor, no fim das contas, é aquele que experimentamos, confrontamos com nossas necessidades e hábitos intelectuais, e consagramos através de uma longa prática.

O sistema de registro em que se escreve ou cola em fila as notas recolhidas é bastante defeituoso, pois não permite nenhuma classificação, mesmo com o recurso de deixar espaços em branco, cuja medida não se pode determinar. Registros diferentes para cada assunto corrigem um pouco esse inconveniente, mas também não permitem uma classificação precisa, além de prestarem-se mal ao uso no momento de escrever.

Pode-se ter pastas de cartolina com um título, e colocar em cada uma as notas de certa categoria. Um conjunto dessas pastas, correspondente a um título mais geral, pode ser colocado num vão de uma estante, que terá afixado, se não o próprio título, que talvez se prefira não deixar assim estampado, ao menos um número de ordem que correponda a um índice que o trabalhador terá sempre à mão.

Mas o método mais prático de todos para a maioria dos trabalhos, parece-me, é o método de fichas. Tome fichas de um papel suficientemente consistente, com um tamanho uniforme, que você determinará de acordo com o comprimento médio das suas notas. Nada impedirá que continue a citação começada em uma ficha numa segunda ficha. Suas fichas serão cortadas com precisão, à máquina, trabalho que qualquer encadernador ou impressor fará em cinco minutos, e que as casas especializadas poupam-lhe, oferecendo fichas de todos os tamanhos, em várias cores, como também fichários e outros acessórios necessários.

Ademais, se sua coleção de notas for grande, precisará de fichários, de um móvel com gavetas de dimensão adequada. Precisará também de fichas marcadas de maneira especial, ou então de divisórias, para indicar visivelmente as categorias, depois de ter assinalado cada ficha no canto ou no meio.

Tendo feito esse trabalho preparatório, eis como deve proceder.

Quando tomar uma nota durante uma leitura, ou refletindo sobre o trabalho, ou na cama, etc., faça-o numa ficha ou, se não tiver uma à mão, sobre um papel menor do que ela, numa só face, a fim de colá-lo depois numa ficha. Depois de escrevê-la, classifique-a, a menos que decida aguardar um tempo, como aconselhei mais acima.

Classificar supõe que você já tenha adotado um modo de classificação cuidadosamente escolhido de acordo com seu trabalho. Só posso dar aqui indicações gerais. Cada um

deve criar, se for o caso, um catálogo de assuntos, com divisões e subdivisões, sobre os quais já tem ou pretende reunir notas. Um sistema muito engenhoso, chamado *sistema decimal*, pode ser aplicado a toda espécie de pesquisa; você poderá encontrar uma clara exposição dele na interessante brochura do Dr. Chavigny *Organização do trabalho intelectual*.[18]

Se quer evitar complicações, que são com efeito um grave inconveniente, aproveite sua própria experiência para estabelecer um sistema de classificação. Nisso é preciso ser prático e não se divertir estabelecendo divisões *a priori*, que de nada serviriam.

Seguindo o catálogo, se houver um catálogo, cada divisão ou subdivisão com sua letra ou número de ordem, você poderá arquivar suas fichas. Uma vez que elas estejam organizadas, será fácil encontrá-las na hora do trabalho.

III. COMO UTILIZAR SUAS NOTAS

Chegamos ao momento de utilizar a documentação. Você fez sua colheita imediata, notas tomadas em vista precisamente da obra atual; você também tem de reserva, ainda não recolhidas, notas antigas que se relacionam mais ou menos diretamente com ela. Reúna tudo reportando-se, se for o caso, ao catálogo e às indicações que ele lhe dá. Em seguida, conforme expusemos acima, abrem-se duas vias.

Se você tem um plano detalhado e se constituiu ou pesquisou suas notas de acordo com ele, numere os artigos sucessivos do plano; numere depois (a lápis e levemente se as notas serão utilizadas em outras ocasiões) as fichas que lhes concernem; reúna as fichas que contêm o mesmo número; ponha em cada grupo um prendedor de papéis, classifique os grupos, e redija então o trabalho colocando à sua frente, sucessivamente, o conteúdo de cada grupo.

Se, ao contrário, preparou sua obra sem ter formulado um plano, apenas com diretrizes, trata-se agora de estabelecer

o plano; deverá extraí-lo da própria documentação. Para isso, eis como poderá proceder. Todas as fichas estão embaralhadas; tome uma por uma e escreva em uma folha, em seqüência, o seu conteúdo, usando proposições o mais breves possível. Depois de esgotar seu estoque, terá diante de si as idéias de que dispõe. Percorra-as, observando suas relações e dependências; extraia mentalmente as idéias mestras; coloque sob elas o que lhes concerne; utilize para isso uma numeração marginal que possa ser corrigida quantas vezes for necessário. Pouco a pouco se fará a luz e se estabelecerá uma ordem nessa massa confusa.

Feito isso, copie suas proposições na ordem obtida, seguindo a numeração. Se houver lacunas em seu plano, preencha-as: fará, se preciso, pesquisas suplementares sobre o assunto; assinale com um número correspondente a cada tema as fichas que se relacionam com ele; classifique e agrupe como dissemos há pouco, e sua redação estará preparada.

---

1. Pierre Nicole, *Essais de morale contenus em divers traités* [Ensaios sobre a moral contidos em diversos tratados], t. II, p. 244. Paris, 1733.
2. *Op. cit.*, p. 246.
3. Elogio à memória de Louis II de Bourbon-Condé feito por Bossuet na Catedral de Notre-Dame de Paris, em 2 de março de 1687 — NT.
4. Victor Hugo.
5. Jo 1, 46.
6. Rm 8, 28.
7. São Tomás de Aquino, in *II. Metaphys*, lect. 1.
8. Alfred de Musset.
9. Jo 10, 10.
10. Boécio, *De Consolatione Philosophiae*, l. 5, prosa 5.
11. Santo Agostinho, *De Magistro*. Cf. a edição brasileira: *De Magistro*, trad. de Felipe Denardi, Edições Kírion, Campinas, 2017 — NT.
12. Sl 4, 7.
13. São Tomás de Aquino, *De Magistro*, nas *Quaestiones disputatae de Veritate*, q. 11, a. 1, incluindo os argumentos e as respostas. [Na edição brasileira, citada na nota anterior, a questão 11 encontra-se nas pp. 117–143 — NT].
14. Pensamento familiar ao padre de Tourville, que o aplicava à ciência social.
15. *Op. cit.*, p. 261.
16. Mt 13, 12 e 25, 29.

17. *De Memoria et Reminiscentia*, lect. 5.
18. Paul Chavigny, *Organisation du travail intellectuel*. Lib. Delagrave, Paris, 1918.

VIII

O trabalho criador

I. ESCREVER

Eis agora o momento de produzir. Não se pode estar sempre aprendendo e sempre preparando. De resto, aprender e preparar não é possível sem uma dose de realização que os favoreça. É caminhando que se forja o próprio caminho. Toda a vida anda em círculos. Um órgão que se exercita cresce e se fortalece; um órgão fortalecido age com mais potência. Deve-se escrever ao longo de toda a vida intelectual.

Escreve-se primeiramente para si mesmo, para ver com clareza a própria situação, para determinar melhor seus pensamentos, para sustentar ou avivar a atenção que logo enfraquece se a ação não a exige, para reunir as pesquisas cuja necessidade revela-se na produção, para encorajar o esforço que minguaria se não constatasse jamais um efeito visível, e enfim para criar seu estilo e adquirir esse valor que coroa todos os outros: a arte do escritor.

Escrevendo, é preciso publicar — desde que bons juízes achem que está capacitado para isso e que você mesmo sinta a aptidão para o vôo. O pássaro sabe bem quando pode afrontar o espaço; sua mãe o sabe com maior segurança; apoiado em si mesmo e em uma sábia maternidade espiritual, voe logo que puder. O contato com o público vai obrigá-lo a produzir melhor; os elogios merecidos o encorajarão; as críticas exercerão seu controle; o progresso lhe será por assim dizer imposto, em lugar da estagnação que poderia resultar de um perpétuo silêncio. A paternidade intelectual é uma semeadura de bens. Toda obra é uma nascente.

O Padre Gratry insiste muito na eficácia da escrita. Aconselha que se medite sempre com a pluma na mão e que a hora pura da manhã seja consagrada a esse contato do espírito consigo mesmo. Deve-se levar em conta as

disposições pessoais, mas é certo que para a maioria a pluma desempenha o mesmo papel do treinador nos jogos esportivos.

Falar é ouvir a própria alma e, nela, a verdade; falar solitária e silenciosamente durante a escrita é ouvir-se e experimentar a verdade com o frescor da sensação de um homem madrugador que ausculta a natureza ao alvorecer.

Em tudo é preciso começar. “O começo é mais que a metade do todo”, disse Aristóteles. Quem nada produz, habitua-se à passividade; o medo que provém do orgulho ou a timidez aumentam cada vez mais; acaba-se recuando, cansando de esperar, ficando improdutivo como um broto sufocado.

A arte de escrever, como já disse, exige essa longa e precoce aplicação que pouco a pouco se torna um hábito mental e constitui o que se chama de estilo. Meu “estilo”, minha “pluma”, é o instrumento espiritual de que me sirvo para dizer para mim mesmo e para os outros o que ouço da verdade eterna. Esse instrumento é uma qualidade do meu ser, um feitio interior, uma disposição do cérebro vivo, ou seja, é o eu que evoluiu de uma certa maneira. “O estilo é o homem”.

O estilo forma-se portanto junto com o escritor; o mutismo é uma diminuição da pessoa. Se você quer ser em plenitude, do ponto de vista intelectual, é preciso pensar alto, pensar explicitamente, quer dizer, formar por dentro e por fora o seu verbo.

Talvez seja esta a ocasião de dizer em algumas palavras o que deve ser um estilo em relação aos fins sugeridos aqui para o intelectual.

Mas, ai!, seria melhor não escrever do que ousar dizer como se escreve. A humildade não é difícil quando perante Pascal, La Fontaine, Bossuet, Montaigne, já sentimos o poder ou experimentamos a tranqüila expansão de um grande estilo. Podemos ao menos confessar o ideal que

visamos e que não conseguimos atingir; declará-lo é a uma só vez acusar-se e honrar-se nele, que nos julga.

As qualidades do estilo podem ser explicadas em tantos artigos quantos se queira; tudo pode ser condensado, creio, nestas três palavras: verdade, individualidade, simplicidade. A menos que se prefira resumi-lo em uma só expressão: escrever com verdade.

Um estilo é verdadeiro quando responde a uma necessidade do pensamento e se mantém intimamente em contato com as coisas.

O discurso é um ato vital: não deve ser uma ruptura com a vida, o que acontece quando caímos no artificialismo, no convencional, Bergson diria no *tout fait*.[1] Escrever, por um lado, e por outro viver sua vida espontânea e sincera é ofender o verbo e a harmoniosa unidade humana.

O “discurso de circunstância” é o tipo dessas coisas que dizemos porque devem ser ditas, que só são pensadas literariamente, utilizando essa eloqüência da qual zomba a verdadeira eloqüência. E o discurso de circunstância não passa freqüentemente de um discurso de ocasião. Pode até ser genial, e Demóstenes ou Bossuet provam-no; mas só o será se a circunstância tirar de nosso íntimo aquilo que também viria por si mesmo, o que se relaciona com nossa visão pessoal, com nossas meditações de sempre.

A virtude da palavra, falada ou escrita, é uma abnegação e uma retidão: abnegação que não deixa a personalidade interpor-se entre a verdade que fala no interior e a alma que escuta; retidão que expõe ingenuamente o que se revelou na inspiração e não lhe acrescenta palavras vãs.

“Olha no teu coração e escreve”, disse Sidney. Quem escreve assim, sem orgulho nem artifício, como que para si mesmo, fala na verdade para toda a humanidade, se tiver talento para lançar à distância uma palavra verídica. A humanidade se reconhecerá nesse discurso, pois foi ela quem o inspirou. A vida reconhece a vida. Se dou ao próximo apenas um papel impresso, ele talvez o olhe com

curiosidade, mas em seguida o abandonará; se eu for como uma árvore que oferece sua folhagem e seus frutos cheios de seiva, se dou-me com plenitude, convencerei, e, como Péricles, deixarei um dardo cravado nas almas.

Obedecendo às leis do pensamento, mostro-me na proximidade das coisas, ou antes, na intimidade das coisas. Pensar é conceber aquilo que é; escrever com verdade, quer dizer, sendo fiel ao pensamento, é revelar aquilo que é, não enfileirar frases. Assim, o segredo de escrever é colocar-se diante das coisas ardentemente, até que elas nos falem e determinem por si mesmas o que devemos exprimir.

O discurso deve corresponder à verdade da vida. O auditor é um homem; quem fala não pode ser uma sombra. O auditor abre-lhe uma alma que deve ser curada ou esclarecida: não lhe dê apenas palavras. Enquanto suas frases sucedem-se, ele deve olhar para fora, olhar em si mesmo, e perceber que existe uma correspondência.

A verdade do estilo afasta o clichê. Denomina-se assim uma verdade antiga, uma fórmula que se tornou um lugar-comum, expressões que um dia foram novas, e que já não o são precisamente porque perderam o contato com a realidade de onde nasceram, pois flutuam no ar, vãos ouropéis que substituem a matéria viva, a transcrição direta e imediata da idéia.

Como observa Paul Valéry, é o automatismo que desgasta as línguas. Quem está vivo, diz ele, utiliza sempre a sintaxe “com plena consciência”, aplicando-se em articular com vigilância todos os seus elementos, evitando certos efeitos que surgem por si mesmos e que pretendem a primazia. Essa pretensão é precisamente a razão que justifica descartar esses parasitas, esses intrusos, esses impertinentes.

O grande estilo consiste na descoberta das relações essenciais entre os elementos do pensamento, e na arte de exprimi-los sem nenhum balbucio acessório. “Escrever como acumula-se o orvalho sobre a folha e as estalactites na

gruta, como nasce a carne do sangue e como a fibra lenhosa da árvore forma-se da seiva”: que ideal![2]

A pessoa orgulhosa e perturbadora estará ausente num tal discurso, como dissemos; e a personalidade da expressão ficará ainda mais acentuada e clara nele. Aquilo que sai de mim sem que eu o manipule assemelha-se a mim necessariamente. Meu estilo é meu rosto. Um rosto tem as características gerais da espécie, mas tem também uma individualidade extraordinária e incomunicável; é único na Terra inteira e por todos os séculos; é disto que vem, em parte, o vivo interesse que despertam os retratos.

Ora, com certeza nosso espírito é ainda muito mais original; mas nós o ocultamos atrás de generalidades adquiridas, de frases tradicionais, de agrupamentos verbais que traduzem apenas velhos hábitos, e não amor. Mostrá-lo tal como é, apoiando-se nas aquisições que são de todos, mas sem perder-se nelas, suscitaria um interesse inesgotável, e isto seria arte.

O estilo que convém a um pensamento é como o corpo que pertence a uma alma, como a planta que provém de uma certa semente: tem sua arquitetura particular. Imitar é alienar o pensamento; escrever sem caráter é declará-lo vago e pueril.

Não devemos jamais escrever “à maneira de...”, nem sequer à maneira de nós mesmos. Não temos que ter *maneira*; a verdade não a tem; ela se apresenta; ela é sempre nova. Mas o som que transmite a verdade não pode deixar de ser personalizado por cada um dos seus instrumentos.

“Todos os homens verdadeiramente grandes foram originais”, escreveu Jules Lachelier; “mas eles nem quiseram nem acreditaram sê-lo; ao contrário, foi buscando fazer de suas palavras e de seus atos a expressão adequada da razão que eles encontraram a forma particular sob a qual estavam destinados a exprimi-la”.

Todo instrumento tem um timbre. Se a maneira é uma afetação, a originalidade verdadeira é um fato concreto; em vez de enfraquecer, ela reforça a impressão produzida sobre o leitor, que por sua vez receberá em consonância com o que ele mesmo é. O que deve ser proscrito não é o sentimento pessoal que tudo renova e glorifica, mas a vontade própria que se opõe ao reinado da verdade.

Disso decorre a simplicidade. O floreio é uma ofensa ao pensamento, ou então é um expediente para esconder sua vacuidade. Não há floreios na realidade; só há necessidades orgânicas. O que não significa que não haja na natureza nada de brilhante; mas o brilhante também é orgânico, tem sua razão de ser, sustentado por substruções que não se desfazem.

Para a natureza, a flor é tão grave quanto o fruto, a folhagem tão grave quanto o galho; o todo depende das raízes e é a manifestação da semente, a qual contém a idéia da espécie. Ora, o estilo, quando sai da mão de um trabalhador, imita as criações naturais. Uma frase, um trecho escrito, devem ser construídos como um ramo vivo, como um filamento de raiz, como uma árvore. Não tem nada de supérfluo, nem ornamento; contém somente o que leva de uma semente a outra semente, da semente germinada no escritor à que deve germinar no leitor e assim propagar a verdade ou a bondade humana.

O estilo não tem sua razão em si mesmo; tratá-lo como um objeto é deturpá-lo e aviltá-lo. É preciso desprezar a verdade para que se possa dedicar-se à “forma”, para tornar-se, em vez de poeta, rimador, em vez de escritor, estilista! Quem possui o gênio do estilo deve levá-lo à perfeição, o que é um direito de tudo o que existe; é um desejo legítimo tornar-se tão hábil quanto o velho ferreiro no seu ofício; mas o ferreiro não se diverte forjando volutas prazerosamente — ele produz placas, fechaduras e grades.

O estilo exclui a inutilidade; é uma economia estrita no seio da riqueza; gasta tudo que for preciso, poupa aqui com

um arranjo hábil e gasta ali para a glória da verdade. Seu papel não é brilhar, mas fazer ver; deve mesmo não se fazer notar, e é então que reluz sua própria glória. “O belo é a purgação de tudo que é supérfluo”, dizia Michelangelo, e Delacroix louvou-lhe “os magníficos volumes, as faces simples, os narizes sem detalhes”. E observou que isso tem que ser acompanhado por contornos muito firmes, como em Michelangelo, Leonardo e sobretudo em Velásquez, mas não em Van Dyck, e isto é também uma lição.

Procure escrever na forma inevitável, a partir do pensamento preciso ou do sentimento exato que quer exprimir. Seu objetivo é ser compreendido por todos, como convém a um homem que fala para outros homens, e busque atingir neles tudo o que é direta ou indiretamente um órgão da verdade. “Um estilo completo é aquele que atinge todas as almas e todas as faculdades das almas”.[3]

Não corteje a moda; sua época vai influenciá-lo por si mesma e encontrará sua maneira de se conformar com a eternidade. Ofereça água da fonte, não drogas ácidas. Muitos escritores hoje têm um sistema: todo sistema é uma pose, e toda pose uma afronta à beleza.

Cultive a arte da omissão, da eliminação, da simplificação: é o segredo da força. Os mestres, afinal, vivem repetindo isso, como São João repetia: “Amai-vos uns aos outros”.[4] A Lei e os Profetas, em matéria de estilo, são como a inocente nudez que revela o esplendor das formas vivas: pensamento, realidade, criações e manifestação do Verbo.

Infelizmente, a inocência de espírito é rara; quando existe, alia-se muitas vezes à nulidade. Assim, somente duas espécies de espíritos parecem predispostos à simplicidade: os espíritos de pouca envergadura e os gênios; os outros são obrigados a adquiri-la laboriosamente, tolhidos por sua própria riqueza e não conseguindo despojar-se tanto quanto gostariam.

II. DESAPEGAR-SE DE SI MESMO E DO MUNDO

O estilo, e o trabalho criador em geral, exigem o desapego. A personalidade inoportuna deve ser afastada; o mundo, esquecido. Quem medita sobre a verdade pode se deixar distrair por si mesmo? Que podemos esperar de um homem que só pensa em si mesmo? Minha esperança está naquele que se lança, esquecido de sua personalidade efêmera, em direção ao que é imenso e universal, que caminha, astrônomo, em companhia dos astros, poeta, filósofo, teológo, na companhia da matéria animada ou inanimada, da humanidade individual e social, das almas, dos anjos e de Deus. É neste que creio, porque nele habita o espírito da verdade, não uma miserável preocupação.

Trabalhar apenas com o entendimento já vimos que não basta: o homem todo tem que estar envolvido. Mas o homem que se dedica ao trabalho não pode ser o homem apaixonado, o homem vaidoso, o homem ambicioso ou levianamente complacente.

Todos apaixonam-se em certos momentos, mas em nenhum momento a paixão deve dominar. Todos estão expostos à vaidade, mas o trabalho que é no fundo uma vaidade é um vício. Não importa o que podemos ganhar com a ciência, mas o que podemos lhe dar. O essencial não é o acolhimento que se dá às nossas palavras, mas o acolhimento que nós mesmos damos à verdade e o que lhe preparamos nos outros. Que peso têm, diante desse objetivo sagrado, nossos minúsculos cálculos egoístas? Muitos homens que parecem dedicados de coração a uma obra dão-lhe menos importância do que a ínfimos sucessos. A formação dos mundos, a ascensão das espécies, a história das sociedades, a economia do trabalho estão a serviço da sua honra e do seu prestígio; sua poesia aspira ao tratamento de “caro mestre”, sua pintura sonha com o salão nobre de uma exposição; Corneille interpretado por Talma reduz-se a um “admire meu imenso talento”. É evidente que o espírito assim desviado degenera. Semelhantes desígnios só podem degradar o trabalho, e

mesmo que se suba um pouco na escala das ambições, que se negligencie o sucesso atual, contando chegar lá por um efeito do próprio desinteresse, o resultado é o mesmo.

A inspiração não é compatível com o desejo. Quem quer alguma coisa para si mesmo rejeita a verdade: o Deus zeloso não será seu hóspede. É preciso trabalhar em espírito de eternidade, como dissemos, e o que há de menos eterno que uma vida ambiciosa? Consagre-se por inteiro à verdade; você deve servi-la, e não servir-se dela.

Só agimos com plenitude por aquelas causas pelas quais aceitaríamos morrer. Você está pronto a morrer pela verdade? Tudo o que escreve um verdadeiro amigo da verdade, tudo o que ele pensa, deveria ser como os sinais que São Pedro mártir escrevia com o sangue de sua ferida, morrendo: *Credo*.

A personalidade egoísta está sempre apequenando-se; contamina tudo, reduz tudo; desorienta as forças. Quem caminha sem buscar-se a si mesmo, inspirando-se na verdade e deixando a Deus a responsabilidade sobre o que virá, este é um digno pensador. “Para mim, viver é Cristo”, disse São Paulo:[5] eis uma vocação e uma certeza de ação vitoriosa. Só é um verdadeiro intelectual quem pode dizer: “Para mim, viver é a verdade”.

Uma forma de personalidade particularmente hostil ao trabalho é essa hipocrisia quase universal que consiste em ostentar uma aparência de saber quando a sinceridade confessaria sua ignorância. Ocultar sua indigência intelectual à sombra das palavras é o que se critica ao escrevinhador improvisado, ao jornalista copiador e ao deputado ignaro; mas todo escritor com uma consciência reta deve confessar que cede a todo instante, nesse ponto, às sugestões do orgulho. Quer esconder seu segredo; disfarça sua insuficiência; faz uma pose de grande, sentindo-se pequeno; “afirma”, “declara”, “está certo de que…”; no fundo, não sabe nada do assunto; impõe-se

sobre o próximo e, vagamente enganado por seu próprio jogo, seduz a si mesmo.

Uma outra tara é buscar no pensamento essa falsa originalidade que há pouco condenamos no estilo. Querer amoldar a verdade a si mesmo é um orgulho insuportável e acaba em tolice. A verdade é essencialmente impessoal. Que ela utilize nossa voz e nosso espírito, e será matizada por eles sem que o busquemos; ela o fará tanto melhor quanto menos pensarmos nisso; mas forçar a verdade a parecer-se conosco é falseá-la, é substituir essa imortal por um profanador e um efêmero.

"Não considere de onde vem a verdade", dizia São Tomás: também não considere a quem ela dá glória; deseje que o seu leitor, em contato com sua obra, também não considere de onde vem a verdade. Esse sublime desinteresse é a marca da grandeza; buscá-lo, fazer dele uma lei sempre aceita, se não sempre obedecida, é corrigir o que não pode ser eliminado em nossa própria miséria. Engrandecemo-nos assim com a única verdadeira grandeza. O humilde pedestal tem sua parte de glória quando a verdade resplandece, chama autêntica, no candelabro do espírito.

É preciso também, como eu dizia, esquecer o público. "Quanto mais um livro for escrito longe do leitor, mais forte ele será", disse o Padre Gratry em suas *Fontes*, e os *Pensamentos* de Pascal, os trabalhos de Bossuet para o Delfim, e a *Suma* de São Tomás de Aquino, sobretudo, são dados como exemplo; a comparação da *Petit Carême* com os *Discours synodaux* de Massillon confirma-o. É verdade, e Vauvenargues concorda com isso quando diz: "Tudo que é pensado exclusivamente para os outros é ordinariamente pouco natural".

Isso não significa que se deva negligenciar o próximo e desinteressar-se de lhe ser útil. O intelectual pertence a todos e deve estar ciente disso. Mas preocupar-se em ser

útil não é pedir uma palavra de ordem. Não podemos nos deixar influenciar pelo “que dirão?”; não podemos ficar fazendo rodeios sob o peso de um conformismo covarde, que se diz amigo de todo mundo para que todo mundo retribua com sua complacência.

Buscar a aprovação pública é negar ao público uma força com que ele contava. Você não está a seu serviço? Não tem ele o direito de perguntar-lhe: “Onde está tua obra?”. Ora, o pensamento não será uma obra sua se a preocupação em agradar e adaptar-se escravizar sua pena. Neste caso, o público pensará por você, que deveria ter pensado por ele.

Busque a aprovação de Deus; medite somente sobre a verdade, para si e para os outros; não seja escravo, e torne-se digno de dizer, com Paulo: “A palavra de Deus não está presa”.[6]

Essa independência virtuosa é ainda mais necessária porque o público, sendo uma massa, tem tudo que é necessário para rebaixá-lo. O público é primário. Na maioria dos seus ambientes e pela quantidade inumerável de suas vozes, proclama convenções, não verdades; quer ser adulado; teme, acima de tudo, ser perturbado. Para que as verdades essenciais alcancem seus ouvidos, é preciso que você as imponha com muita força. Você o pode, e é essa salutar violência que o pensador solitário deve fazer.

Sua força para realizá-lo é apoiar-se em si mesmo e na natureza das coisas; é “bater como um surdo”, como Madame de Sévigné dizia de Bourdaloue, e clamar o “salve-se quem puder” que consegue seduzir e conquistar as almas.

Nada é tão verdadeiramente poderoso nem tão verdadeiramente arrebatador quanto uma forte convicção unida a um caráter que dê garantias aos fracos mortais. Aqueles mesmos que exigem ser cortejados desprezam seus cortejadores e entregam-se a seu senhor. Se você for deste mundo, este mundo o amará, pois você lhe pertence, mas seu desdém silencioso dará a medida da sua queda.

Este mundo perverso só ama, no fundo, aos santos; esse covarde sonha com os heróis; Roger Bontemps torna-se sério e pensa em converter-se diante de um asceta. Numa humanidade assim, não se deve ceder à opinião e escrever como se ela estivesse lendo por trás dos seus ombros. É preciso despojar-se dos outros como de si mesmo. No domínio intelectual, como em todos os outros, superar o homem é preparar-se para realizar prodígios, pois é abrir caminho para o Espírito.

No escritório e na solidão em que Deus fala ao coração, temos que escutar como escuta a criança, e também escrever como fala a criança. A criança é simples e despojada, porque ainda não tem vontade própria, nem um lugar conquistado, nem desejos factícios, nem paixões. Sua ingênua confiança e seu discurso direto causam um profundo interesse. Um homem maduro e com muita experiência, e que ainda conserva aquela candura, torna-se um belo receptáculo para a verdade, e sua voz ecoa no íntimo das almas.

III. SER CONSTANTE, PACIENTE E PERSEVERANTE

O trabalho criador requer ainda outras virtudes; suas exigências correspondem a seu valor. Reúno aqui três requisitos seus que corroboram-se uns aos outros e não permitirão que se faça uma obra pequena, nem indigente. É preciso trabalhar com uma *constância* que se mantenha junto à obra, com uma *paciência* que suporte as dificuldades, com uma *perseverança* que evite o desgaste da vontade.

"Não se deve imaginar", diz Nicole,

> que a vida de estudos é uma vida fácil. [...] A razão dessa dificuldade é que nada é mais contrário à natureza que a uniformidade e o repouso, por exigirem que permaneçamos sozinhos conosco mesmos. As mudanças e as ocupações exteriores atraem-nos para fora e divertem-nos, fazendo com que esqueçamos de nós mesmos. Além disso, essa linguagem com palavras é sempre um pouco morta e não possui nada que toque vivamente nosso amor-próprio e que desperte fortemente nossas paixões. Ela é destituída de ação e de movimento.

> [...] Fala-nos pouco de nós mesmos e dá-nos poucas oportunidades de nos vermos prazerosamente. Adula pouco nossas esperanças, e tudo isso contribui para mortificar estranhamente o amor-próprio, que, não encontrando satisfação, espalha desânimo e desgosto em todas as nossas ações.[7]

Essa análise, que lembra a teoria do *divertimento* de Pascal, poderia nos levar bem longe. Retenho dela somente que "o desânimo e o desgosto", sendo aqui inimigos terríveis, precisam ser vencidos.

Todos conhecem esses intelectuais que trabalham aos supetões, em fases entrecortadas de preguiça e negligência. Há buracos no tecido de seu destino; fazem dele um trapo remendado, ora bem, ora mal, em vez de uma nobre tapeçaria. Nós queremos ser intelectuais o tempo todo, e que isso seja reconhecido. Saberão quem nós somos pela nossa maneira de descansar, de divertir-nos, pela forma com que amarramos os sapatos: com mais razão ainda o verão pela nossa fidelidade ao trabalho, ou seja, pelo retorno pontual à tarefa e por sua continuidade.

Alguém pediu um dia a Edison que dissesse a um menino algumas palavras que ele gravasse na memória; o grande inventor falou, sorrindo: "Meu garoto, nunca preste atenção no pêndulo". Edison mesmo prestava tão pouca atenção nele que no dia de seu casamento — um casamento por amor — tiveram que ir buscá-lo; ele o tinha esquecido, mergulhado em uma de suas pesquisas.

É belo estar por inteiro naquilo que se faz, como Deus, que não se distrai de sua obra. E se a ocupação não vale a pessoa, melhor é não se entregar a ela.

Com freqüência somos tentados a perder tempo porque "não vale a pena começar agora", porque "daqui a pouco terei que parar". Não percebemos que esses bocados de tempo, que de fato não servem para uma larga empresa, são muito indicados para preparar o trabalho ou retocá-lo, para verificar referências, reunir notas, classificar documentos, etc. Seria um grande ganho para as verdadeiras sessões de trabalho, e os instantes assim

empregados seriam tão úteis quanto os outros, pois esses pequenos cuidados referem-se a elas e lhes são indispensáveis.

Durante as próprias sessões, a tentação é interromper o esforço logo que o menor incidente desperte o “desânimo” e o “desgosto” de que falava Nicole. As armadilhas da preguiça são infinitas, como as das crianças. Na busca de uma palavra que não vem, começa-se a rabiscar na margem da página, e logo o desenho precisa ser terminado. Abrindo o dicionário, é-se atraído por uma curiosidade verbal, depois por outra, e fica-se por lá, preso num labirinto. Seus olhos caem sobre um objeto; você vai arranjá-lo, e uma fútil ocupação toma-lhe um quarto de hora. Eis que alguém passa; um amigo está na sala vizinha; o telefone atrai os seus lábios... ou então é o jornal que chega, você lança-lhe um olhar e logo está mergulhado nele. Como uma idéia leva a outra, pode ser que o próprio trabalho afaste você do trabalho, que um devaneio utilize-se de um pensamento para arrastá-lo em suas fantasias.

Nos momentos de inspiração, essas armadilhas não são muito perigosas, pois a alegria da descoberta ou da produção sustenta-o; mas as horas ingratas sempre aparecem, e enquanto elas duram, a tentação é poderosa. Muitas vezes é necessária uma verdadeira força de alma para escapar dessas ninharias. Todos os trabalhadores padecem esses instantes de depressão que rompem as horas ardentes e ameaçam arruinar o rendimento. Quando a náusea prolonga-se, desejam antes ir plantar couves que continuar um estudo fatigante; invejam o trabalhador braçal, que por seu turno considera-os uns desocupados, afundados numa tranqüila poltrona. Que perigo de abandonar tudo, num tédio tão morno!

É sobretudo nas mudanças de direção que devemos estar atentos para o imprevisto ou a perfídia dos ataques. Todos os trabalhos têm transições que são penosas; os encadeamentos são a grande dificuldade dos estudos e das

criações. Tudo está relacionado. Um avanço em linha reta é seguido por uma curva, cujo ângulo é difícil de calcular; perde-se a direção; hesita-se, e é então que aparece o demônio da preguiça.

É bom, às vezes, dar-se um tempo, quando não se consegue ver a seqüência dos pensamentos e se está exposto ao grave perigo das transições artificiais. Pode ser que tudo se esclareça sem esforço um pouco mais tarde. Eu já disse que a noite, a manhã límpida, os momentos de pausa sonhadora são propícios nesses casos. Mas dar-se um tempo não é ceder à preguiça. Tome o trabalho por outro ângulo e dedique-se a ele com fervorosa aplicação.

Recuse energicamente toda interrupção injustificada. Se seu cansaço é grande, faça uma pausa voluntária para se refazer. A irritação não levaria a nada. A leitura de um trecho de um autor favorito, uma recitação em voz alta, uma oração de joelhos para modificar o estado orgânico e que liberte mais ou menos o espírito, uma sessão de respirações ao ar livre, alguns movimentos ritmados: eis os remédios possíveis. Depois, retorne ao labor.

Alguns recorrem aos estimulantes: é um método nefasto. O efeito é apenas momentâneo; é um artifício que se esgota; é preciso aumentar dia a dia a dose; as taras psíquicas e mentais são o resultado final desse progresso.

Um estimulante mais inocente é a caminhada, seja ao ar livre, seja no próprio escritório. Muitos trabalhadores engrenam seu cérebro através do exercício muscular. “Também meu pé é escritor”, dizia Nietzsche.

Mas seu estimulante preferencial deve ser a coragem. A coragem é sustentada, além da oração, pela visão sempre renovada do objetivo que buscamos. O prisioneiro que deseja fugir sabe como reunir todas as suas energias; não se cansa com os longos preparativos, com as tentativas malogradas: a liberdade está sempre a chamá-lo. Você não quer fugir dos erros, conquistar a liberdade de espírito em

uma obra consumada? Visualize seu trabalho acabado: essa visão incendiará seu coração.

Um outro efeito da constância é vencer as impressões de falso cansaço que tomam tanto o espírito quanto o corpo. Quando alguém principia uma excursão, é comum acontecer que a primeira encosta o deixe sem fôlego e pesado; fica desanimado; tem vontade de voltar atrás. Persistindo, as articulações azeitam-se, a respiração amplia-se e começa-se a experimentar a alegria da ação. O mesmo acontece com o estudo. A primeira sensação de fadiga não deve ser levada em conta; é preciso superá-la; é preciso forçar a energia interior. Pouco a pouco, com as engrenagens em movimento, adaptamo-nos, e um período de entusiasmo pode suceder-se à penosa inércia.

Seja qual for a causa, é preciso saber atravessar as dificuldades sem esmorecer, conservando o domínio de si mesmo. Uma sessão de trabalho é como um campo de corridas cheio de obstáculos. Salta-se uma sebe; logo adiante um fosso, em seguida uma rampa, e assim por diante. Perante a primeira barreira, não paramos, saltamos, e os obstáculos são separados por zonas livres em que avançamos sem nenhum esforço. Uma dificuldade vencida ensina-lhe a vencer outras; um esforço evita outros quatro; a coragem de um minuto vale por uma jornada, e o trabalho duro equivale a um trabalho fecundo e alegre.

No conjunto de sua vida, essa tenacidade contribuirá para tornar sua atividade cada vez mais fácil. Habituamo-nos a pensar, como habituamo-nos a tocar piano, a montar a cavalo ou a pintar: São Tomás ditava enquanto dormia. O espírito amolda-se ao que lhe exigimos com freqüência. Se você não tem memória, vai adquiri-la para o que for objeto constante de seu pensamento; se tende à dispersão de espírito, a atenção do profissional vai concentrá-lo; se for pouco apto a destrinçar as idéias, o contato com os gênios lhe dará um juízo mais agudo e mais seguro. Em qualquer assunto, quando tiver arrancado um certo número de vezes,

o motor se aquecerá, e a estrada será rapidamente percorrida.

Amiel perguntava-se um dia a si mesmo, em seu diário: “Por que és fraco? Porque cedeste milhares de vezes, e assim te tornaste um joguete das circunstâncias. Foste tu que fizeste sua força, não elas que fizeram tua fraqueza”.

Aprenda a ser constante através da aplicação e de obstinadas retomadas: virá um dia em que as persistentes prostrações vão se dissipar, em que os desgostos momentâneos terão pouco efeito; você terá se tornado um homem; o trabalhador sem constância não passa de uma criança.

Com a experiência, descobrimos que muitas das dificuldades são vencidas antecipadamente por quem se lança energicamente ao trabalho, como fazem os corredores. Entretanto, sempre restarão outras dificuldades que deverão ser abordadas com uma virtude vizinha: a paciência.

Todos os gênios queixaram-se das tribulações do pensamento, declarando que seus trabalhos, embora fossem uma necessidade para eles e uma condição de sua felicidade, infligiam-lhes longos tormentos, muitas vezes verdadeiras angústias. Ainda ouço Bergson lamentando-se disso.

O cérebro tem leis obscuras; seu funcionamento depende muito pouco da vontade; quando ele se recusa, o que fazer? Quando o fio da ciência enovela-se e as horas transcorrem em vão, quando um penoso sentimento de impotência toma conta de você, sem que nada anuncie que o fim da provação está próximo, que caminho tomar ou que socorro implorar além do socorro divino?

Seu leitor considerará muito simples todas as suas conquistas; criticará asperamente seus erros; sequer pensará em seus sofrimentos. Aliás, ele não deve pensar neles. “As obras realizadas às custas de um grande trabalho”, dizia Michelangelo, “devem parecer, a despeito

da verdade, fáceis e concebidas sem esforço [...]. A grande regra é despender muito trabalho para criar coisas que pareçam não ter dado trabalho algum". Boileau, por sua vez, não se vangloriava de ter aprendido com Racine a arte de fazer dificilmente versos fáceis? No campo científico, Biot dizia: "Não há nada mais simples que o que foi descoberto ontem, nem nada mais difícil que o que será descoberto amanhã". Mas o público não sabe disso. Você deve carregar seu fardo sozinho, e os grandes homens advertem-nos de que esse fardo do pensamento é o mais pesado que um homem pode suportar.

Na investigação, você deve ser tão indômito quanto o explorador do pólo ou da África Central. Na luta contra o erro ou na resistência a ele, precisa da fortaleza e do ardor de César ou de Wellington. O trabalho exige o mesmo heroísmo de uma batalha. Um escritório é às vezes uma trincheira em que devemos manter-nos firmes, como um inabalável mártir.

Quando sentir que está desarmado, vencido; quando a estrada estende-se à sua frente, interminável, ou quando, tendo tomado uma direção errônea, tiver a impressão de estar perdido, envolvido por brumas espessas, desorientado, este é o momento de apelar às energias que tem de reserva. Persista, sustente o golpe, tenha paciência, no sentido mais alto desta palavra, o que evoca a Paixão do Senhor. O ardor é mais fácil que a paciência, mas ambos são requeridos, e o sucesso é sua comum recompensa.

Ao alpinista que atravessa uma nuvem parece que o universo está mergulhado na noite: ele continua e logo encontra o Sol. Quando estamos, por causa do mau tempo, em um apartamento fechado, temos a impressão de que o mundo lá fora é intransitável: logo que volta o bom tempo, porém, saímos e andamos tranqüilamente por ele.

É principalmente sua longa duração o que torna a arte de pensar tão morosa e tão desproporcional às nossas audácias ordinárias. *Ars longa, vita brevis*. A virtude da

paciência tem nela um campo propício para seu exercício. Respeitando as leis de eclosão das coisas e não ofendendo a ciência com uma pressa indiscreta, você ganhará mais do que com uma fogosa precipitação. A verdade e a natureza andam no mesmo passo, e a natureza opera em espaços de tempo que, comparados com a vida e a morte do globo, são como um nascer e um pôr do Sol.

"Lenta é a vida das fontes profundas", escreveu Nietzsche: "elas têm de esperar por muito tempo antes de saber o que caiu em sua profundidade".[8] Essa fonte secreta é a alma: não procure desvendar prematuramente seu mistério. As reservas do tempo a Deus pertencem; Ele as dá para nós pouco a pouco; mas não nos cabe exigi-las, nem impacientarmo-nos. Os verdadeiros tesouros chegam em sua hora.

Evite, portanto, a trepidação do homem apressado. Apresse-se lentamente. No domínio do espírito, a calma tem mais valor que a velocidade. Nele verifica-se mais que em qualquer outro o provérbio: "Quem espera sempre alcança". "A vida bem preenchida é longa", disse Leonardo da Vinci. Ao homem que respeita seu tempo pertence a duração inteira, que está assentada na eternidade. Trabalhe, pois, em espírito de eternidade. Não confunda um generoso estímulo com as excitações, que são quase o seu contrário, pois que elas quebram o ritmo. Você não pode, se estiver perturbado, operar esse trabalho pacífico que é a ordenação das idéias, a delicada elaboração de pensamentos novos. Você quer perder tempo com a tola inquietude de que vai lhe faltar tempo?

Cristãmente, você deve respeitar Deus em sua Providência. É Ele quem estabelece as condições do saber: a impaciência é a seus olhos uma revolta. Quando você é tomado pela febre, a escravidão espiritual o espreita, a liberdade interior se desvanece. Não é mais você quem age, muito menos é o Cristo em você. Você já não faz a obra do Verbo.

Para que apressar-se indiscretamente, quando o caminho já é um objetivo, quando o meio já é um fim? Quando vemos o Niágara, desejamos que ele se apresse? A intelectualidade vale por si mesma, em todos os seus estados. O esforço virtuoso é uma conquista. Quem trabalha por Deus e segundo Deus encontra em Deus sua morada. Que importa que o tempo se escoe, quando estamos ali instalados?

O coroamento da constância e da paciência contínuas é realizado pela persevença. “O que perseverar até o fim, esse será salvo”, diz o Evangelho.[9] A salvação intelectual tem a mesma lei que a salvação total. Também nela “aquele que depois de ter posto a mão ao arado, olha para trás”[10] não é digno do Reino dos Céus.

Quantos trabalhadores abandonaram assim as lavouras, as semeaduras, e renunciaram às colheitas! A Terra está povoada desses fujões. As primeiras tentativas têm em ciência o caráter de provas eliminatórias: sucessivamente, os caracteres fracos cedem, os valentes resistem; só chegam à meta os trezentos de Gedeão ou os trinta de Davi.

Perseverar é querer; quem não persevera não quer, projeta. Quem desiste jamais se empenhou; quem deixa de amar jamais amou. O destino é uno, e com mais razão ainda o é uma obra parcial. O verdadeiro intelectual é por definição um perseverante. Assume a tarefa de aprender e de instruir; ama a verdade com todo o seu ser; é um consagrado, e não subtrai-se prematuramente.

Todas as grandes vidas têm essa marca suprema. Terminam como um dia glorioso. Os vermelhos do poente não são menos belos que os leves dourados do amanhecer, e ainda acrescentam certa grandeza a estes. O homem de bem que trabalhou por longo tempo e que não fraquejou também pode declinar em uma simples e suntuosa morte; sua obra acompanha-o, ao mesmo tempo que permanece entre nós.

Não seja, você que caminha na trilha dos grandes, um desses fracos itinerantes que desertam, que transpõem uma etapa, estacionam, perdem-se, sentam-se como se estivessem esgotados e retornam mais cedo ou mais tarde às regiões vulgares. É preciso levar a viagem até o seu final. “Devagar se vai ao longe”, e os passos largos sem perseverança não passam de vãos bailados que não levam a lugar nenhum.

Fortifique sua vontade e confie-a ao Senhor para que Ele a consagre. Querer é submeter-se, é agrilhoar-se. A necessidade do dever ou de uma resolução meditada, mesmo que não seja uma obrigação, deve constranger-nos tanto quanto as necessidades da natureza. Uma aliança moral não é mais que uma aliança material?

Saiba, portanto, depois de determinar sua tarefa, permancer-lhe fiel com um flexível rigor; exclua mesmo os deveres inferiores, e com mais razão ainda as infidelidades. Esforce-se radicalmente para conquistar a duração naquela de suas dimensões que lhe é diretamente acessível. Mergulhado em sua corrente, não deve abandoná-la a menos que ela o abandone. Você pertencerá à linhagem dos pensadores fiéis. Os gigantes do trabalho, os Aristóteles, os Agostinho, os Alberto Magno, os Tomás de Aquino, os Liebniz, os Littré, os Pasteur vão lhe reconhecer como um filho, e você poderá encontrar-se dignamente com Aquele que o espera pacientemente.

IV. TUDO FAZER BEM E TUDO TERMINAR

Exercidas essas três virtudes, não há por que temer que o resultado seja medíocre e imperfeito. Porém é bom sublinhar com energia a necessidade de aperfeiçoar e o dever de concluir tudo que se julgou útil empreender.

Deve-se refletir antes de começar um trabalho. Não passa de um estouvado quem se lança numa aventura, pequena ou grande, sem ter, como diz o Evangelho, “calculado os

gastos”.[11] A sabedoria exige que se considere a obrigação de concluir quando se delibera sobre a oportunidade de começar. Não terminar uma obra é destruí-la. “O negligente no seu labor iguala-se ao dissipador”, dizem os Provérbios.[12]

Para que serve uma casa que não foi terminada? Que testemunho dá ela sobre quem edificou seus fundamentos e os primeiros alicerces? Semelhante ruína faz pensar em desastres; não é possível que um ser vivo ou um homem que não esteja na desgraça suporte essas paredes que se assemelham às colunas quebradas dos cemitérios. E você, construtor segundo o espírito, quererá fazer de seu passado um campo de escombros?

Há pessoas com quem podemos contar; quando prometem, cumprem; ora, todo começo é uma promessa, se não for uma tolice. Outras comprometem-se, juram pelos seus deuses, e nada acontece; podemos afirmar que elas não são sujeitos aptos às obrigações; não podemos obrigá-las, nem elas podem obrigar-se: são com a água que corre.

Tais pessoas representam moralmente uma espécie inferior; o intelectual que se assemelhe a elas não é um intelectual, sua vocação mesma o condena. Você, que é um consagrado, decida-se a ser fiel. Há uma lei em você: que ela seja obedecida. Você disse: “Eu farei”, portanto faça. Um caso de consciência lhe é colocado: resolva-o honradamente; todo trabalho inacabado é uma repreensão que lhe é feita.

Vejo uma causa de decadência no abandono de um esboço ou de um empreendimento. Quem o faz habitua-se a desistir; toma o partido da desordem e da má consciência; torna-se aquele que faz e não faz. Daí um rebaixamento de dignidade que não pode favorecer o progresso.

Meça dez vezes, corte somente uma; alinhave cuidadosamente, e quando chegar o momento de costurar, que nada no mundo possa fazê-lo dizer: “Renuncio”.

Você deve portanto costurar, tanto quanto possível, com perfeição. *Acabado* significa terminado, mas significa

também perfeito, e esses dois sentidos corroboram-se. Não termino verdadeiramente o que me recuso a fazer do melhor modo possível. O que não se perfaz nada é. De acordo com Spinoza, o ser e a perfeição correspondem à mesma idéia; o ser e o bem são convertíveis.

Conta-se que Ticiano esboçava vigorosamente uma tela, trabalhava-a até certo ponto e pendurava a obra na parede até que se tornasse como que uma estranha para ele. Então retomava-a e, lançando-lhe um "olhar inimigo", produzia a obra-prima.

Assim, quando tiver terminado um trabalho, é preciso deixá-lo repousar, refrescar o olhar e tomar certa distância dele. Se ele então desagradar-lhe, recomece-o. Se for satisfatório, examine-o radicalmente, em todos os seus detalhes, e continue a trabalhar nele até que possa dizer: "Esgotei meus recursos; quanto ao que ainda está deficiente, que Deus e o próximo perdoem-me". "Quod potui feci: veniam da mihi, posteritas", disse Leonardo da Vinci em seu epitáfio.[13]

Não é necessário que você produza muito. Se o que faz corresponde a seu gênio, às suas graças e ao tempo de que dispõe; se estiver nele por inteiro e se a vontade da Providência para você tiver se cumprido com plena obediência, tudo bem. Você sempre fará o bastante se levar à plenitude o que fizer. O que fizesse mal não lhe acrescentaria nada e até o diminuiria, como uma mancha em uma seda preciosa.

A vocação intelectual não admite concessões; você deve se entregar a ela por inteiro. Consagrada ao verdadeiro Deus em seu conjunto, sua vida é d'Ele em cada situação que a constitui. Perante cada detalhe, diga para si mesmo: "Tenho o dever de fazê-lo, e também de fazê-lo bem feito, pois o que não se completa nada é. Na mesma medida em que o faço mal, malogro minha vida, desobedeço ao Senhor e desprezo meus irmãos. Nessa medida renuncio à minha vocação". Ter uma vocação é ter a obrigação do perfeito.

Cabe aqui um conselho prático. Quando tiver decidido fazer um trabalho, quando o tiver bem concebido, bem preparado e estiver pronto para começá-lo, determine *imediatamente*, com muito vigor, o valor que deverá ter. E não volte atrás. Quando a preguiça lhe disser: “Faça de qualquer jeito, depois retome”, responda que essas retomadas são quase sempre ilusórias. Uma vez que se desce, dificilmente se volta a subir. Você não terá a coragem de repensar *ab ovo* uma obra medíocre; sua covardia de hoje é uma péssima garantia para o heroísmo de amanhã. Quanto às correções que poderia fazer, mesmo que fossem perfeitas, destoariam do todo. Uma obra, em sua essência, deve vir de uma só vez. Beethoven observava que um trecho introduzido depois numa obra nunca se harmoniza ao seu espírito. Uma bela obra é uma torrente de lava. Ticiano retomava suas obras a fundo, mas segundo a forma primeira, unicamente para aperfeiçoá-la; não modificava em nada a concepção, a composição, as linhas fundamentais. O esforço já fora feito; tratava-se de complementá-lo.

Portanto, dê o seu máximo na hora da criação. Gerada a obra, trate-a como a criança que é alimentada e educada, mas cuja hereditariedade já está determinada, cujas características fundamentais já estão definidas. Será então o momento de aplicar a seu filho espiritual a frase da Bíblia: “Aquele que poupa a vara quer mal ao seu filho”.[14]

V. NÃO EMPREENDER NADA QUE ESTEJA ACIMA DA SUA CAPACIDADE

Uma tal severidade consigo mesmo supõe que os trabalhos empreendidos são adequados a você e à medida dos seus recursos. Se a presa for mais forte que o caçador, ela o devora. Seria então derisório estabelecer regras. Não dizemos ao caçador de lebres: “Aborde o leopardo dessa mesma maneira”.

O último dos *dezesseis preceitos* tomistas é este: “Altiora te ne quaesieris”, não busques o que está acima de ti. É uma grande sabedoria. O antigo oráculo já dissera: “Não alargues teu destino; não tentes ultrapassar o dever que te é imposto”. O trabalho intelectual é o prolongamento de nossas tendências inatas. Nós somos, nós agimos, a obra nasce: esta é a seqüência. Se você tentar prolongar o chumbo com ferro, o algodão com seda, não haverá aderência, será um trabalho inútil.

A vocação utiliza nossos recursos, ela não os cria. O intelectual mal dotado acabará sendo um fracassado; mas empregamos a expressão “mal dotado” também relativamente, quanto a uma obra particular. Ora, é dela que falamos agora.

Procure discernir em cada ocasião o esforço que lhe convém, a disciplina de que é capaz, o sacríficio que pode realizar, a matéria que pode abordar, a tese que pode escrever, o livro que pode aproveitar, o público a que pode servir. Considere tudo isso com humildade e confiança. Se preciso, peça conselho, sem esquecer que nos conselheiros é comum a leviandade e a indiferença. Fixe-se no que você tem de melhor. Depois, entregue-se ao trabalho de todo o seu coração.

Toda obra é grande quando foi medida com precisão. A que transborda é a menor de todas. Muitas vezes já o dissemos: sua obra é única, a de um outro também; não tome uma pela outra. Somente você pode fazer bem o que lhe compete; fará mal aquilo que o próximo fará bem. Deus satisfaz-se com todos.

Empreender conforme suas forças, só dizer o que se sabe, não forçar-se a pensar o que não se pensa, a compreender o que não se compreende, evitar o perigo de eludir a substância das coisas cuja ausência se disfarça com palavras aparatosas, que sabedoria! O orgulho não se preocupa com isso, mas o orgulho é inimigo tanto do espírito quanto da consciência. O presunçoso sucumbe com

sua obra, ridiculariza-se e aniquila a própria força. Infiel a si mesmo, não é fiel a nada; é uma chama extinta.

O sucesso em qualquer campo resulta sempre das mesmas condições: refletir no início, começar pelo começo, proceder com método, avançar lentamente, empregar todas as forças. Mas o objetivo primeiro da reflexão inicial é determinar aquilo para que somos feitos. O “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates não é somente a chave da moral, é também a de toda vocação, pois ser chamado a alguma coisa é ver assinalado um caminho para si dentre a amplitude das trajetórias humanas.

---

1. No que já está feito, no que já está dado — NT.
2. Ralph Waldo Emerson, *Autobiographie d’après son journal intime* [Autobiografia segundo seu diário íntimo]. Tradução, introdução e notas de Régis Michaud, ed. Armand Colin, Paris, 1914, p. 640.
3. Alphonse Gratry, *Les Sources*.
4. Jo 15, 12 e 13, 34; 1Jo 3, 11; 3, 23; 4, 7; 4, 11–12 e 2Jo 1, 5.
5. Fp 1, 21.
6. 2Tm 2, 9.
7. Pierre Nicole, *op. cit.*, p. 255.
8. Friedrich Nietzsche, *Assim falava Zaratustra*. Utilizo aqui a tradução de Mário Ferreira dos Santos, Livraria e Editora Logos Ltda., São Paulo, 1956, p. 73 — NT.
9. Mt 24, 13.
10. Lc 9, 62.
11. Lc 14, 28–30.
12. 18, 9.
13. “Fiz o que pude: perdoa-me, posteridade” — NE.
14. Pr 13, 24.

IX

O trabalhador e o homem

I. MANTER O CONTATO COM A VIDA

DEPOIS de ter pedido tanto e, aparentemente, forjado tantas cadeias, será uma ironia voltar-se uma última vez para o intelectual e dizer-lhe: mantenha sua alma livre?

O que mais importa na vida não são os conhecimentos, é o caráter; e o caráter estaria ameaçado se o homem estivesse, por assim dizer, abaixo de seu trabalho, oprimido pela rocha de Sísifo. Há uma outra ciência além daquela que reside na memória: a ciência de viver. O estudo deve ser um ato da vida, deve ser de proveito para a vida, deve estar impregnado de vida. Das duas espécies de espíritos, os que se esforçam por saber alguma coisa e os que tentam ser alguém, a palma vai sempre para estes últimos. Tudo no saber é esboço; a obra acabada é o homem.

Certamente a intelectualidade concorre para a soberania do homem; mas não é suficiente. Além da moralidade, na qual se inclui a vida religiosa, diversos desenvolvimentos devem ser considerados. Já mencionamos a sociedade, a atividade prática: acrescentemos o convívio com a natureza, o cuidado com o lar, as artes, as reuniões, uma dose de poesia, o culto da palavra, os esportes inteligentes, as manifestações públicas.

A medida de tudo isso é difícil de precisar: espero que o leitor encontre aqui pelo menos o espírito dessas decisões. É um indício seguro, para o pensamento e para a prática, saber apreciar o valor relativo das coisas.

A finalidade do estudo é permitir a ampliação do nosso ser: não podemos permitir que ele nos estreite. Se a arte é o homem acrescentado à natureza, a ciência é a natureza acrescentada ao homem: nos dois casos é preciso salvar o homem.

Pascal nega-se a estimar o especialista que não seja nada mais do que um especialista; ele não quer que, quando um

homem está entre outros homens, estes se lembrem do seu livro. “É um péssimo sinal”, diz ele, e não se refere apenas a esse espírito de ciência comparada que descrevemos, mas pensa na harmonia da pessoa humana.

É preciso sempre ampliar aquilo que somos; o filósofo deve ser um pouco poeta, e o poeta, um pouco filósofo; o artesão deve ser poeta e filósofo às vezes, e ninguém o reprovará por isso. O escritor precisa ter alguma ocupação prática, e o homem da prática tem que saber escrever. Todo especialista é antes de tudo uma pessoa, e o essencial da pessoa está para além de tudo o que se pensa, de tudo o que se faz.

Não se pode compreender o destino como se compreende uma coisa particular; abrimo-nos a ele “com a flor do espírito”, como diz Zoroastro. Os objetivos particulares não valem a vida, nem os atos valem a ação, nem o talento vale uma ampla intuição em que se abarca toda a existência; a obra não vale o seu criador. Tudo que é destacado de suas relações mais amplas torna-se nocivo, e é somente em nosso ambiente geral que nossa alma desabrocha.

Quem só pensa em seu trabalho, trabalha mal; diminui-se; adquire um feitio profissional que se transformará numa tara. O espírito deve permanecer aberto, manter o contato com a humanidade e com o mundo, a fim de que a cada sessão de estudo seja capaz de um novo vôo.

Já citamos esta frase de um rabino: “Quando um balde está cheio de nozes, ainda podemos pôr nele várias medidas de azeite”; aplicamo-la aos trabalhos que se sustentam uns aos outros em vez de se repelirem. Chamemos agora de nozes o trabalho técnico como um todo, ao qual podemos acrescentar, sem sobrecarregá-lo — ao contrário, aliviando-o —, a vida intelectual suave, os nobres lazeres, a natureza, a arte.

O próprio trabalho técnico ganhará com isso. Ele aproveita-se muito da sociedade, da amizade, da ação exterior, e já expus os motivos disso. Aqui só estou estendendo essa noção, cujo alcance é geral. Será que uma visita ao Louvre,

a audição da *Sinfonia heróica* ou do *Édipo Rei*, um passeio em Versailles num outono dourado, a simples visão de um pôr de Sol, uma comemoração patriótica no Trocadéro ou no grande anfiteatro da Sorbonne, os jogos olímpicos, um mistério em Jumiège ou no Teatro de Orange, um belo sermão em Notre-Dame são estranhos a uma especialidade, seja ela qual for?

Compreenderia muito mal o pensamento quem não visse suas ligações com todas as manifestações criadoras. A natureza renova tudo, rejuvenesce toda cabeça madura, abre caminhos e sugere abordagens que a abstração ignora. A árvore é um professor e o prado está tão cheio de idéias quanto de anêmonas ou de malmequeres; o céu traz inspirações com suas nuvens e seus astros; as montanhas firmam nossos pensamentos com sua massa, e as altas meditações acompanham as correntes dos rios.

Conheci alguém que, observando uma torrente rápida numa montanha, elevava-se invencivelmente à idéia dos mundos, imaginando essas massas que se precipitam com a mesma velocidade, sob o império das mesmas leis, na dependência das mesmas forças, graças ao mesmo Deus de que tudo sai e para o qual tudo retorna. Voltando ao seu trabalho sentia-se animado pela Força única, penetrado por essa Presença que se encontra em todo lugar, e mergulhava sua obscura ação na comunhão dos seres.

Mas você, espírito demolido, coração ressequido, você pensa que está perdendo tempo se for seguir as torrentes ou caminhar por entre o rebanho dos astros. O universo enche o homem de sua glória e você o ignora. A estrela da tarde entedia-se em seu estojo sombrio, deseja habitar o pensamento, e você recusa-lhe abrigo. Você escreve, calcula, enfileira proposições e elabora teses, e nada *vê*.

Quem não sabe que durante um concerto o intelectual pode ser tomado por uma impressão de grandeza, de beleza, de potência, que logo se infiltra em sua maneira de ser, enriquece seus objetos de estudo, colore seus temas

habituais e mais tarde proporciona-lhe uma sessão de trabalho mais fecunda? Não irá ele rabiscar às pressas, nas costas de seu programa, o esquema de um capítulo ou de um discurso, uma idéia a ser desenvolvida, uma imagem viva? A harmonia elevou o tom de sua inspiração, e o ritmo, em que ele foi raptado como um transeunte por um exército em marcha, conduziu-o a novos caminhos.

Em Saint-Sulpice, na Capela dos Anjos, Delacroix mergulhava deliciosamente nos sons do grande órgão e nos cantos religiosos; ele atribuía a essa harmonia a extraordinária execução de seu *Jacó lutando* e do cavaleiro do *Heliodoro*.

A música tem isto de precioso para o intelectual: ela não determina nada, e portanto não cria obstáculos. Fornece apenas estados de alma, que cada um aplicará a uma tarefa particular de acordo com seu propósito. Rodin fará uma estátua, Corot uma paisagem, Gratry uma página ardente, Pasteur uma investigação mais apaixonada e mais atenta. Tudo pode apoiar-se na harmonia e nela regenerar-se. O ritmo, genitor do mundo, é também o genitor do gênio, onde o mundo se reflete. No horizonte indistinto do sonho, cada um vê surgir a imagem de sua preferência e registra-lhe os traços em sua própria linguagem.

Segundo São Tomás, as circunstâncias pessoais e as circunstâncias concretas fazem parte das atividades, contribuem para integrá-las e comunicam-lhes suas características. Seria a ação de pensar uma exceção? Não seria ela influenciada pelo ambiente imaginativo, sensorial, espiritual e social que lhe proporcionamos, a fim de que não seja mais um canto isolado, mas uma das vozes da orquestra?

Somos muito pobres sozinhos, num gabinete de trabalho! É bem verdade que podemos trazer para ele o universo e povoá-lo com Deus; mas esse povoamento só é efetivo depois de uma longa experiência cujos elementos estão por toda parte. Como poderei encontrar Deus em meu quarto se

nunca fui à igreja nem estive sob o céu que “narra a sua glória”?[1] Como poderei escrever sob a impressão da natureza e da beleza universal se as grandes paisagens, o plácido campo e os teatros de arte não me tiverem educado antes?

Assim, é preciso ampliar o trabalho para não virar um prisioneiro acorrentado e não reduzir a intelectualidade ao papel de grilhão. O trabalho é um ato livre.

Portanto, você que pretende consagrar-se à vocação do estudo, não volte as costas, por causa dele, ao resto da vida. Não renuncie a nada que concerne ao homem. Mantenha um equilíbrio em que o peso dominante não tente arrastar todos os outros. Saiba fazer uma tese e admirar uma aurora, mergulhar em abstrações profundas e, como o divino Mestre, brincar com as crianças. Hoje em dia não se usa mais as “togas dos pedantes” e os “barretes pontudos” de que zombava Pascal; mas eles subsistem, *interiorizaram-se*, estão nas almas: não se enfeite com eles. Recuse-se a ser um cérebro separado do corpo e um homem que abdicou de sua alma. Não faça do trabalho uma monomania.

Meu intelectual é o homem que possui um saber amplo e variado que se prolonga numa especialidade conhecida a fundo; é amigo das artes e das belezas naturais; seu espírito é o mesmo nas ocupações cotidianas e na meditação; é idêntico perante Deus, perante seus pares e perante sua criada, carregando em si um mundo de idéias e sentimentos que não se inscrevem somente nos livros e nos discursos, que se propagam na conversação com os amigos e orientam sua vida.

No fundo, tudo está unido e tudo é a mesma coisa. A intelectualidade não comporta nenhuma divisória. Todos os nossos temas são portas para penetrar no “jardim secreto”, na “adega de vinhos” que é o termo das investigações ardorosas. Os pensamentos e as atividades, as realidades e seus reflexos têm todos um mesmo Pai. Filosofia, arte,

viagens, cuidados domésticos, finanças, poesia e tênis podem formar alianças, e só se contradizem quando há desarmonia.

O necessário, a todo momento, é estar onde se deve e fazer o que importa. Tudo se une no concerto humano-divino.

II. SABER DESCONTRAIR

Todos devem perceber que expandir-se como o requeremos já é descansar. A melhor parte do descanso está nesses modos secundários de vida que mencionamos. É bom entretanto louvar mais explicitamente o repouso, o reverso do trabalho, pelo qual o trabalho qualifica-se de uma certa maneira, revelando-se excessivo, razoável, submetido ou não à regra humana que se confirma na Lei de Deus.

Nada em excesso. O trabalho, precisamente porque é um dever, requer limites que o mantenham em seu vigor, em sua duração, e lhe proporcionem, ao longo da vida, a maior soma de efeitos de que é capaz.

A intemperança é um pecado porque ela nos destrói, e temos obrigação de bem governar a vida porque temos obrigação de viver. Ora, a intemperança não se refere apenas às alegrias sensuais; os mais sutis, os mais nobres entusiasmos participam da sua malícia. Amar a verdade às custas da prudência, quer dizer, da verdade da vida, é uma inconseqüência. É prova de que, apesar das asserções, o que se ama não é a verdade, mas o prazer que ela proporciona, as vantagens que pode trazer para a vaidade, para o orgulho, para a ambição, à semelhança desses apaixonados de quem se diz que amam amar e que amam o amor, e não o objeto desse amor.

O repouso é um dever, como a higiene, que o inclui, como a conservação das forças. “Quero que poupes a ti mesmo”, diz Santo Agostinho a seu discípulo.[2] O espírito não se cansa, mas o espírito encarnado se cansa; nossa

capacidade de pensar é proporcional a uma certa dose de ação. Ademais, como o sensível é nosso meio conatural, e como as pequenas ações práticas formam a trama da vida para a qual nos preparamos, abandonar esse meio para elevar-se ao que é abstrato é bastante cansativo. O esforço não pode se prolongar. É preciso voltar à natureza e mergulhar nela, a fim de nos refazermos.[3]

O ser em contemplação é um “mais pesado que o ar”: mantém-se nas alturas com um considerável gasto de energia; em pouco tempo o combustível acaba e é preciso novamente “encher o tanque”.

Podemos admitir sem paradoxo estas palavras de Bacon, que corroboram os dados da fisiologia: “É preguiça ficar muito tempo estudando”. É preguiça diretamente porque é uma impotência para vencer um determinismo, para usar o freio. É preguiça indiretamente porque a recusa do repouso é a recusa implícita de um esforço que o repouso permitiria, e que a sobrecarga comprometerá. Mas é preguiça também de uma forma mais oculta. Com efeito, fisiologicamente, o repouso é um enorme trabalho. Quando pára a atividade pensante, o gênio interior do corpo empreende uma restauração que ele pretende completa. O assim dito lazer é uma transformação de energia.

No teatro, ao se fechar a cortina, todo um exército de operadores precipita-se sobre o palco, limpa, repara, modifica, preparando assim o próximo ato. O encenador que interrompesse ou entravasse essa azáfama não seria um inimigo da peça, do autor, dos intérpretes, do público, de si mesmo? O sujeito sobrecarregado de trabalhos opõe-se assim à sua própria vocação, Àquele que o chamou, aos colaboradores da sua obra intelectual, aos seus irmãos, que se aproveitariam dela, ao seu próprio bem.

O melhor meio de descontrair seria mesmo, na medida do possível, não se cansar, quer dizer, equilibrar o trabalho de tal maneira que uma operação o descansasse de outra. Em medicina, muitas vezes combate-se uma droga nociva por

meio de sua antagonista. As tarefas não cansam da mesma forma, nem no mesmo momento. O fundidor que sua junto a seu forno descansaria atando feixes em campo aberto, e o enfardador distribuindo o feno nas manjedouras.

Já demos indicações nesse sentido. Quando falamos da utilização do tempo, e depois sobre a constância no trabalho, tocamos no princípio da distribuição das tarefas. Nem tudo na vida intelectual é concentração desgastante; há as preparações, as tarefas paralelas, os corolários práticos dos pensamentos e das criações. Escolher livros, selecionar documentos, reunir notas, classificar manuscritos, colar papeletas nas margens, revisar provas, arrumar os objetos do escritório, ordenar a biblioteca, são ocupações, não propriamente trabalho. Organizando-nos bem, podemos nos entregar ao trabalho com discernimento e, nos intervalos, realizar ainda muitas dessas tarefas pouco cansativas, e entretanto indispensáveis, e que têm em si mesmas um valor de contemplação.

Essa distribuição dos trabalhos segundo suas exigências cerebrais terá uma dupla vantagem: evitará a sobrecarga e dará ao trabalho intenso toda sua pureza. Quando não prevemos o repouso, o repouso que não tomamos *tomanos*; intercala-se sub-repticiamente no trabalho sob a forma de distrações, de sonolência e de necessidades que precisamos suprir por não termos pensado nelas no devido tempo.

Estou em pleno esforço criador: eis que me falta uma referência, acaba a tinta no tinteiro, uma classificação de notas não foi feita, um livro ou manuscrito de que preciso está num outro cômodo, ou soterrado em pilhas das quais terei de resgatá-lo. Há uma hora faria tudo isso brincando, com alegria, pensando na sessão tranqüila que estaria preparando; agora perturba-me, esfria meu entusiasmo. Se omiti essas preparações em benefício de um falso trabalho que minha intemperança quis realizar, então a desgraça é

dupla. E eis minha situação: nem repouso verdadeiro, nem trabalho verdadeiro. Reina a desordem.

Evite cuidadosamente, como já disse, quando se trata dos “momentos de plenitude”, o trabalho feito pela metade, que é um repouso feito pela metade e que não tem nenhum proveito. Trabalhe energicamente, depois descanse, nem que seja esse descanso relativo que prepara, secunda ou conclui o trabalho.

O repouso completo aliás também será necessário; entendo por *completo* o abandono momentâneo de qualquer preocupação laboriosa, exceto do “trabalho permanente” do qual já conhecemos a suavidade e os benefícios.

São Tomás explica que o verdadeiro repouso da alma é a alegria, a ação deleitável. Os jogos, as conversações familiares, a amizade, a vida em família, as leituras prazerosas cujas leis já expusemos, o convívio com a natureza, a arte amena, um leve trabalho manual, o passeio inteligente por uma cidade, os espetáculos não muito fortes nem muito excitantes, os esportes moderados: são esses nossos meios de descontração.

Também nisso não pode haver excesso. Um descanso longo demais, além de consumir o tempo, prejudica a dedicação a uma vida laboriosa. É muito importante que cada um descubra o ritmo que permitirá essa dedicação máxima aliada ao mínimo de fadiga. Trabalhar por um tempo excessivo é ficar exausto; parar cedo demais é ficar aquém da sua própria medida. Da mesma maneira, repousar por um tempo excessivo é destruir o empenho alcançado; repousar muito pouco é não restaurar suas forças. Conheça-se, e dose então todas as coisas. Em geral, os repousos freqüentes e curtos, que descontraem sem exigir que se recomece do zero, são os mais favoráveis.

Ah, se pudéssemos trabalhar em meio à natureza, com a janela aberta para uma bela paisagem, numa condição em que, quando vem o cansaço, possamos espairecer alguns

instantes num jardim, ou, se surge um obstáculo ao pensamento, pedir a opinião das montanhas, da assembléia de árvores ou de nuvens, dos animais que passam, em vez de nos inquietarmos amargamente, aposto que o produto do trabalho seria dobrado e seria muito mais amável, muito mais humano.

Somos tão realistas quando andamos pelos campos, e ao mesmo tempo nossa alma fica tão elevada! O “imperativo categórico” não pode ter sido pensado em um prado, e menos ainda a aritmética pretensamente moral de um Bentham.

Jovens que aspiram às alturas e querem chegar muito longe, atenham-se à realidade humana! Preservem o lazer; não se esgotem; trabalhem com calma e alegria espiritual; sejam livres. Usem de artimanhas consigo mesmos, se for preciso: prometam-se, na hora do esforço, algum agradável alívio cuja imagem já rejuvenescerá o seu pensamento, no aguardo de que ele mesmo repare suas forças.

Se estiverem em grupo, acolham as distrações uns dos outros. O homem que nunca graceja, diz São Tomás, que não aceita um gracejo e nem favorece uma brincadeira ou o descanso de outro, é um bruto, e é oneroso a seu próximo.[4] Ninguém consegue conviver um dia inteiro, dizia Aristóteles, com um homem completamente sombrio.

III. ACEITAR AS PROVAÇÕES

Esse equilíbrio de trabalho e alegria repousante é ainda mais necessário porque as provações do trabalho intelectual são numerosas. Mais de uma vez já falamos delas. Em matéria de ciência, como em todo o resto, só se chega à salvação pela cruz. O descontentamento consigo mesmo, a demora da inspiração, a indiferença do meio, a inveja, as incompreensões, os sarcasmos, as injustiças, o abandono por parte dos chefes, a defecção dos amigos, tudo pode concorrer, e tudo tem sua hora.

“A superioridade defronta-se com tantos obstáculos e sofrimentos”, escrevia George Sand sobre Balzac, “que o homem que realiza com paciência e doçura a missão do talento é um grande homem”. Sei que você não pretende aplicar a si mesmo esta última expressão; mas se num grau ou noutro tornar-se alguém de valor, prepare-se para experimentar diversos dissabores: a provação do ideal, que parece cada vez mais distante à medida que você avança; a provação dos tolos que não compreendem nada do que diz e escandalizam-se; a provação dos invejosos que o consideram insolente por ter ultrapassado sua linha de combate; a provação dos bons que se deixam abalar, suspeitam de você e o abandonam; a provação dos medíocres que são legião, e que você incomoda pela silenciosa afirmação de um mundo superior. “Se vós fosseis do mundo”, declara o Salvador, “o mundo amaria o que era seu; mas, porque vós não sois do mundo [...] por isso o mundo vos aborrece”.[5]

As diversões mencionadas acima como meios de descontração poderão também ser de ajuda aqui. Tudo o que faz repousar do trabalho é igualmente apto para acalmar o sofrimento. Entretanto, recorra sobretudo aos meios sobrenaturais, e dentre eles ao trabalho sobrenaturalizado que é nosso único fim.

O trabalho cura os sofrimentos do trabalho e os do trabalhador; é inimigo das tristezas, das doenças e dos pecados; coloca-nos em uma alta região onde as amarguras da existência e as fraquezas do corpo encontram alívio. O ardor que comunica, o sentido que dá às energias expulsam o tédio e livram-nos das preocupações miseráveis.

Fique ocioso e apalpe seu corpo: provavelmente uma multidão de vagos desconfortos vão se fazer sentir; trabalhe com afinco e não pensará mais nisso. Podemos dizer o mesmo dos males da alma. Quando pergunto-me: “Que poderei fazer contra as preocupações e os ônus que me assaltam no trabalho?”, só encontro uma resposta: o

trabalho. Como reconfortar meu coração quando ele duvida de sua obra? Trabalhar. Qual o meio de resistir aos inimigos do esforço e às invejas do sucesso? Trabalhar. O trabalho é o remédio, o trabalho é o bálsamo, o trabalho é a força. Acrescente-lhe o silêncio, seu companheiro, e a oração, sua inspiradora, desfrute de uma boa amizade, se Deus o agraciar com uma, e tudo poderá vencer.

O trabalho equilibra a alma; dá unidade interior. Aliado ao amor de Deus, que fundamenta a hierarquia dos valores, ele ordena todas as forças, e a alma se estabiliza. Sem isso, a necessidade de unidade só poderá satisfazer-se com alguma mania de inferioridade ou alguma paixão, e nossas mais diversas fraquezas assumirão o poder.

Não é em vão que se chama a preguiça de mãe de todos os vícios; ela é também a mãe dos desfalecimentos e das penas, ou pelo menos as favorece. O sentimento de vitória que o trabalho gera combate essa depressão; a utilização ritmada das forças eleva o seu tom e as regulariza, como o ardor da equipe que rema cantando.

A verdade também é uma defesa; fortifica-nos; alegra-nos; com ela, consolamo-nos de nós mesmos e dos outros; sua descoberta é uma recompensa, sua manifestação é uma nobre vingança nos tempos de contradição.

O trabalhador está exposto, entre outras amarguras, àquela que talvez seja a mais sensível ao intelectual, senão a todo homem: a crítica não o poupa. Quando essa crítica é superficial e injusta, ele sofre, e tende a irritar-se; e se ela toca seu ponto fraco e assinala em suas produções ou em seu caráter os defeitos que ele gostaria de esquecer e esconder dos outros, por não conseguir superá-los, é sobretudo então que ele se sente atingido.

Que réplica adequada fazer, e que atitude tomar? A mesma de sempre. “A todas as críticas só tenho uma resposta a dar”, disse Emerson: “voltar ao trabalho”.[6] Dizem também que São Tomás, quando era atacado, o que acontecia com muito mais freqüência do que seu triunfo

póstumo faz supor, esforçava-se por fortalecer sua posição, precisar e esclarecer sua doutrina, e depois calava-se. O “boi mudo da Sicília” não ia deixar que os gestos e os clamores de uma cruzada de crianças desviassem-no de seu caminho.

Corrigir-se e calar, eis a grande máxima; todos que a praticaram sempre subiram muito; transformaram a força utilizada para derrubá-los em um impulso vitorioso; com as pedras que lhes atiraram contruíram sua morada.

É pueril tentar defender suas obras, ou tentar demonstrar seu valor. O valor defende-se por si mesmo. O sistema solar não arbitra entre Ptolomeu e Copérnico. A verdade *é*, e as obras da verdade participam de seu ser e de seu poder. Agitar-se em volta delas é enfraquecer-se. Cale-se; humilhe-se perante Deus; desconfie do seu julgamento e corrija suas faltas; depois permaneça firme como o rochedo diante das ondas. O tempo e as forças que usará para defender uma obra serão melhor empregados em realizar uma outra, e sua paz vale muito mais que um sucesso banal.

“O verdadeiro sábio não discute”, escreveu Keyserling; “não se defende. Ou fala, ou escuta; afirma ou procura apreender os significados”.

Quando lhe fizerem uma censura, em vez de reagir exterior ou interiormente, como um animal ferido, considere, como um homem, o alcance do que foi dito; seja impessoal e íntegro. Se a crítica estiver certa, pretende resistir à verdade? Mesmo que provenha de uma inimizade, tenha a coragem de aceitá-la e o nobre propósito de utilizar a maledicência que Deus põe a seu serviço. Pois o próprio mal está nas mãos de Deus, e a crítica maldosa, por ser a mais aguda, pode lhe ser de maior proveito.

Tendo assim aproveitado dela, deixe o resto ao Senhor, que julga por você e saberá fazer justiça a seu tempo. Não ouça mais. “Não se diz nada de mal”, escreveu Santo Agostinho, “diante de alguém que não escuta”. A inveja é um imposto sobre a renda da glória, da distinção ou do trabalho. O

trabalho, que é invulnerável em si mesmo, exige seu preço do trabalhador. Que ele pague e não reclame. “As grandes almas sofrem silenciosamente”, disse Schiller.

Quando não há nada para aproveitar em um ataque, há o proveito de retirar-se, de escapar indene, isento de enfraquecimentos e de rancor, e portanto engrandecido, melhorado pela provação. A verdadeira força espiritual exalta-se na perseguição; geme às vezes, mas seu gemido é semelhante ao de todas as criaturas que “gemem e estão como que em dores de parto”,[7] como diz o Apóstolo.

Dissemos que a vida intelectual é um heroísmo: como o heroísmo poderia não custar nada? As coisas valem na exata proporção do que custam. Para mais tarde, o sucesso; para mais tarde o louvor, não talvez o dos homens, mas o de Deus e de sua corte, que farão de sua consciência seu profeta. Os trabalhadores, seus irmãos, também o reconhecerão, apesar de sua aparente defecção. Entre intelectuais, cometem-se muitas pequenas vilanias e às vezes grandes iniqüidades; mas uma distinção solapada não deixa de consagrar os valores verdadeiros, mesmo quando são esquecidos pela publicidade.

Se for preciso protelar igualmente sua própria utilidade — quem sabe talvez para um tempo em que você não estará mais neste mundo —, consinta-o; a honra póstuma é a mais desinteressada, e a utilidade póstuma dá suficiente satisfação aos verdadeiros fins de sua obra. O que você deseja? A gloríola? O lucro? Então não é um verdadeiro intelectual. A verdade? Ela é eterna. Não é necessário que se utilize a eternidade.

A verdade desvela-se pouco a pouco; aqueles que a retiram da sombra não têm por que exigir-lhe uma auréola; servem-na, e isto basta, e empunhar por um só instante a espada dos heróis ou carregar o escudo diante deles é a sua recompensa.

O trabalho não vale por si mesmo? É um dos crimes destes tempos tê-lo depreciado, e substituído sua beleza pela

feiúra de um cruel egoísmo. As nobres almas vivem uma vida bela e esperam que ela frutifique por acréscimo. Trabalham não somente pelo fruto, mas pelo trabalho, para que sua vida seja pura, reta e viril, semelhante à de Jesus e pronta a unir-se a ela. Elas também não se detêm nas decepções. O amor não teme as decepções, nem as teme a esperança, nem a fé com raízes sólidas.

Trabalhar sem fruto aparente, semear e não colher, nadar e não alcançar a margem, caminhar e só encontrar espaços sem fim, nada disso é uma decepção para quem crê, para quem espera, e isso agrada a quem ama, porque o amor prova-se bem melhor quando se trabalha para o prazer, o prazer do ser amado e o prazer de servir-lhe.

IV. GOZAR AS ALEGRIAS

De resto, nem tudo no trabalho é contrariedade; ele tem suas alegrias, e é uma felicidade quando a disposição para trabalhar e o descanso depois do esforço têm sua fonte na alegria.

Deveríamos estar alegres mesmo nas aflições e nas contradições, a exemplo do Apóstolo: “Estou inundado de alegria no meio das tribulações”.[8] A tristeza e a dúvida matam a inspiração, mas matam-na unicamente quando cedemos a elas. Erguer-se pela alegria cristã é reanimar a chama amortecida.

“Os fracos pensam no passado”, escreveu Maria Bashkirtseff, “os fortes vingam-se dele”. Isto é sempre possível, e para nos ajudar Deus permite que descansemos às vezes em uma alegria tranqüila.

O sentimento da altitude dá ao trabalhador uma alma ao mesmo tempo concentrada e feliz, como dá ao alpinista de montanhas e geleiras. As paisagens de idéias, mais sublimes que as dos Alpes, excitam sua embriaguez. “Ver a ordem do universo e as disposições da divina Providência é

uma atividade eminentemente deleitável”, disse São Tomás de Aquino.[9]

Segundo o Doutor Angélico, a contemplação começa no amor e termina na alegria: amor pelo objeto e amor pelo conhecimento como ato vital; alegria da posse ideal e do êxtase que ela provoca.[10]

O intelectual cristão escolheu a renúncia; mas a renúncia enriquece-o mais que uma alta opulência. Perde o mundo, e o mundo lhe é dado espiritualmente; ascende ao trono de onde se julga as doze tribos de Israel.[11] O ideal torna-se sua realidade pessoal, que substitui para ele a outra e absorve os defeitos desta na beleza. Despojado de tudo em espírito e com freqüência numa pobreza efetiva, é enriquecido por tudo aquilo que abandonou ou que o abandonou, pois reencontra em segredo a magnífica posse disso. Esquecido de si mesmo na mais absorvente ação interior, nas profundezas desse sono aparente ele poderia dizer, como a Esposa: “Eu durmo, mas o meu coração vela”.[12] “Durante a noite no meu leito busquei aquele a quem ama a minha alma; abracei-o, e não o largarei mais”.[13]

Quando se está nas condições requeridas e a alma está por inteiro no trabalho, quando se estuda bem, quando se lê bem, quando se anota bem, quando se faz trabalhar o inconsciente e a noite, os trabalhos que se prepara são como a semente sob o Sol, como a criança que a mãe põe no mundo em sofrimento, mas tão feliz por ter nascido um homem que já não se lembra mais de suas dores.[14]

A recompensa de uma obra é tê-la feito; a recompensa do esforço é o próprio engrandecimento.

É espantoso como o verdadeiro intelectual parece escapar a essas tristezas causadas pela idade que infligem a tantos homens uma morte antecipada. Ele é jovem até o fim. Diríamos que participa da juventude eterna da verdade. Tendo amadurecido geralmente muito cedo, ainda é maduro, nem azedo nem apodrecido quando a eternidade o colhe.

Essa admirável perenidade é também a dos santos, e sugere-nos que santidade e intelectualidade são da mesma essência. Com efeito, a verdade é a santidade do espírito e o conserva, como a santidade é a verdade da vida e tende a fortalecê-la para este mundo como também para o outro. Não há virtude sem crescimento, sem fecundidade, sem alegria; também não há luz intelectual sem que esses mesmos efeitos derivem dela. A sabedoria é una, e compreende a dupla regra do pensamento e da ação.

V. ANELAR OS FRUTOS

Com isso chegamos às últimas palavras que convém dirigir ao ouvinte desta curta e demasiado longa teoria da vida intelectual. “Se seguires este caminho”, diz São Tomás a seu discípulo, “produzirás na vinha do Senhor folhas, flores e frutos úteis por todo o tempo de tua vida. Se praticares estes conselhos, poderás alcançar o que desejas. Adeus”.

Não é um nobre adeus esse que promete ao trabalhador e ao fiel a honra da verdade, assegurando a quem preencher as devidas condições os resultados que deseja?

Não se pode prometer nada a quem não é dotado. Mas, suposta a vocação, temos o direito de dizer que a cultura não é filha principalmente do gênio; ela nasce do trabalho, de um trabalho qualificado, organizado e contínuo, tal como procuramos retratá-lo.

O trabalho fabrica para si mesmo o seu próprio instrumento. Como o ferreiro que forja suas ferramentas, ele forma nosso caráter e dá-nos solidez, e por conseguinte confiança.

Essa confiança que está fundamentada sobre uma lei das próprias coisas pertence mais ao trabalho que ao trabalhador; entretanto o trabalhador também deve ter fé em si mesmo. Não está com ele o Deus que disse: “O que busca, encontra; e ao que bate, se lhe abrirá”?[15] Todos nós temos a Verdade por detrás de nós e ela nos impele através

da inteligência; também a temos diante de nós e ela nos chama; acima de nós, e ela nos inspira.

A alma é igual em todos; o Espírito sopra em todos; o objetivo e as aspirações profundas são os mesmos em todos; o que há de diverso, além da coragem, são os elementos cerebrais mais ou menos livres e ativos, mais ou menos interligados; ora, sabemos que com nossos recursos terrestres e celestes podemos superar muitas deficiências. A luz pode infiltrar-se através de brechas que nós podemos alargar; quando ela está presente, por si mesma ela expande e corrobora seu reino.

Não devemos apoiar-nos em nós mesmos; mas no Deus que vive em nós nenhuma confiança é excessiva. Jamais poderemos ter uma idéia excessivamente alta do eu quando se trata do eu divino.

De resto, esperamos também dos nossos amigos, dos nossos irmãos e daqueles que nos iniciaram na vida intelectual uma permanente contribuição. Temos os gênios a nosso favor. Os grandes homens não são grandes somente para si mesmos; carregam-nos; nossa confiança conta com eles. Com sua ajuda, podemos ter uma vida tão grande quanto a sua, guardada a desproporção das forças.

O verdadeiro intelectual não deve temer a esterilidade, a inutilidade; basta que uma árvore seja uma árvore para produzir sementes. Os resultados talvez venham tarde, mas eles vêm; a alma paga; os acontecimentos pagam. Se não podemos igualar-nos àqueles que admiramos, sempre poderemos nos igualar a nós mesmos, e é preciso repetir uma última vez: este é nosso único objetivo.

Cada indivíduo é único: portanto cada fruto do espírito também é único. O único é sempre precioso, sempre necessário. Não furtemo-nos a Deus, e o sucesso de Deus será em parte o nosso também. Eis o que pode consolar nossa inferioridade e, se produzirmos, reconfortar-nos perante o dilúvio dos livros.

Dê tudo que há em você, e se for fiel a si mesmo, se o for até o fim, esteja seguro de que alcançará a perfeição de sua obra — a sua, quer dizer, a que Deus espera de você e que corresponde a suas graças, interiores e exteriores. Nesse momento, deverá dizer a si mesmo que muitas obras e muitas vidas são mais belas que a sua, mas poderá acrescentar: “Não há nenhuma mais bela para mim, e não há nenhuma igual a ela”.

Acrescento mais uma coisa, que é um dos nossos motivos de confiança. Quando nos é exigida a fidelidade, o trabalho intenso e bem regrado, não se exclui toda e qualquer falha; promessas com essa condição seriam irrisórias. Errar é humano; mas de todas as prescrições retenhamos o essencial, o habitual; é dessa parte que nos é dito: “Basta, é o indispensável”.

Seria desejável que nossa vida fosse uma chama sem fumaça e sem escórias, que nada nela fosse perdido, que nada fosse impuro. Mas isso é impossível; porém o possível é ainda belo, e belos e saborosos seus frutos.

Decidido a pagar, inscreva no seu coração, hoje, se ainda não o fez, uma firme resolução. Aconselho que a escreva preto no branco, bem legível, e que mantenha seus termos sempre diante de si. Quando for trabalhar e depois de ter rezado, dia após dia tomará novamente a resolução. Deve ter o cuidado de mencionar especialmente o que lhe é menos natural e mais necessário, a você, tal como é. Quando precisar, recite-a em voz alta, para que mais claramente dê sua palavra para si mesmo.

Então, acrescente e repita com plena certeza: “Se seguires este caminho, produzirás frutos úteis e alcançarás o que desejas”.

Adeus.

---

1. Sl 19, 1.
2. *De Musica*, cap. 2.
3. Cf. São Tomás, *Suma teológica*, IIa IIae, q. 168, a. 2.
4. São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, IIa IIae, q. 168, a. 4.

5. Jo 15, 19.
6. Ralph Waldo Emerson, *Autobiographie*, Ed. Régis Michaud, Collin éd., p. 145.
7. Rm 8, 22.
8. 2Cor 7, 4.
9. *Comentário ao salmo 26*.
10. *Suma teológica*, IIa IIae, q. 180, a. 1.
11. Lc 22, 30.
12. Ct 5, 2.
13. Ct 3, 1. 4.
14. Jo 16, 21.
15. Lc 11, 10.

Sexdecim monita Sancti Thomae de Aquino pro acquirendo scientiae thesauro

Quia quaesivisti a me, in Christo mihi carissime Joannes, qualiter te studere oporteat in thesauro scientiae acquirendo, tale a me tibi super hoc traditur consilium.

1. Ut per rivulos, non statim, in mare eligas introire: quia per faciliora ad difficiliora oportet devenire. Haec est ergo monitio mea, et instructio tua.
2. Tardiloquum te esse jubeo et tarde ad locutorium accedentem.
3. Conscientiae puritatem amplectere.
4. Orationi vacare non desinas.
5. Cellam frequenter diligas, si vis in Cellam vinariam introduci.
6. Omnibus te amabilem exhibe.
7. Nihil quaere penitus de factis aliorum.
8. Nemini te multum familiarem ostendas: quia nimia familiaritas parit contemptum, et subtractionis a studio materiam subministrat.
9. De verbis et factis secularium nullatenus te intromittas.
10. Discursus super omnia fugias.
11. Sanctorum et bonorum imitari vestigia non omittas.
12. Non respicias a quo audias, sed quidquid boni dicatur, memoria recomenda.
13. Ea quae legis et audis, fac ut intelligas.
14. De dubiis te certifica.
15. Et quidquid poteris, in armariolo mentis reponere satage, sicut cupiens vas implere.
16. Altiora te ne quaesieris.

Illa sequens vestigia, frondes et fructus in vinea Domini Sabaoth utiles, quandiu vitam habueris, proferes ac

produces. Haec si sectatus fueris, ad id attingere poteris, quod affectas. Vale.

Dezesseis conselhos de São Tomás de Aquino para adquirir o tesouro da ciência

Como me perguntaste, João, caríssimo irmão em Cristo, como deves estudar para adquirir o tesouro da ciência, eis os conselhos que te dou a esse respeito.

1. Escolhas entrar no mar pelos regatos, não diretamente, pois é pelo que é fácil que convém chegar ao mais difícil. Este é, portanto, o meu conselho, e uma instrução para ti.
2. Quero que sejas lento para falar e lento para dirigir-te ao parlatório.
3. Guarda a pureza de consciência.
4. Nunca deixes de dedicar-te à oração.
5. Freqüenta com amor tua cela, se queres ser introduzido na adega de vinhos.
6. Mostra-te amável com todos.
7. Não te preocupes com as ações dos outros.
8. Não sejas familiar demais com ninguém, pois o excesso de familiaridade engendra o desprezo e dá ocasião para afastar-se do estudo.
9. Não te envolvas de maneira alguma com as palavras e ações dos leigos.
10. Evita sobretudo os passeios inúteis.
11. Não deixes de imitar a conduta dos santos e dos homens de bem.
12. Não consideres de quem ouves as coisas, mas tudo o que se disser de bom, confia-o à tua memória.
13. Tudo que leres e ouvires, põe em prática, para o compreenderes.
14. Esclarece tuas dúvidas.
15. Esforça-te para armazenar tudo que puderes na biblioteca do teu espírito, como quem enche um vaso.
16. Não busques o que está acima de ti.

Se seguires este caminho, enquanto tiveres vida produzirás e multiplicarás folhas e frutos úteis na vinha do Senhor dos Exércitos. Se praticares estes conselhos, poderás alcançar o que desejas. Adeus.